



Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

*Bíblia e Teologia:
Textos e Contextos*



COMUNICAÇÕES

da Faculdade Batista Pioneira

Volume 01 – 2023

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica



C741 Comunicações da Faculdade Batista Pioneira / editores Marivete Zanoni Kunz, André Luiz Souza Silva. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2023. - 150 p.

Anual
Volume 1 – (2023)
ISSN 2966-165X

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. 6. Faculdade Batista Pioneira. I. Kunz, Marivete Zanoni. II. Silva, André Luiz Souza. III. Título.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: comunicacoes.batistapioneira.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião dos editores ou da instituição.



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações – 4.0 Internacional

Indexador



Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

COMUNICAÇÕES da Faculdade Batista Pioneira

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editores Responsáveis

Dr^a Marivete Zanoni Kunz
Me. André Luiz Souza Silva

Conselho Editorial

Me. André Luiz Souza Silva
Dr. Claiton André Kunz
Me. Cleber Mateus Ribas
Me. Eduardo Leimann Balaniuk
Me. Francis Natan Gonçalves Martins
Ma. Hariet Wondracek Krüger
Ma. Juliana Scheibner Dellafavera
Dr^a Marivete Zanoni Kunz
Dr^a. Monica Pinz Alves
Dr. Rogel Esteves de Oliveira
Dr. Josemar Valdir Modes
Dr. Vanderlei Alberto Schach

Revisão

Me. André Luiz Souza Silva
Dr. Claiton André Kunz
Ma. Juliana Scheibner Dellafavera
Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Revisão do Abstract

Bruno Litz

Diagramação e Editoração Eletrônica

Dr. Claiton André Kunz

Capa

Me. Francis Natan Gonçalves Martins



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
SEÇÃO I - BÍBLIA	
O POEMA DOS POEMAS: DESTAQUES SOBRE A INTERPRETAÇÃO E A ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES ACERCA DO LIVRO DE CANTARES The poem of poems: highlights on interpretation and analysis of interpretations of the book of songs <i>Bárbara Strey Wagner</i>	9
A PERSONIFICAÇÃO DA SABEDORIA EM PROVÉRBIOS The personification of wisdom in Proverbs <i>Bruno Litz</i>	21
ALIANÇA DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO God's Covenant in the Old Testament <i>Euarda de Sousa Oliveira</i>	31
OS SALMOS E O HESED DE DEUS The Psalms and the Hesed of God <i>Laura Rocha Tomasi</i>	42
SALMO 23: ALÉM DAS LINHAS Psalm 23: Beyond the lines <i>Nathália Carolina Cardoso</i>	51
SALMO 22: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E TEXTUAL Psalm 22: a historical and textual analysis <i>Pedro Henrique Winter</i>	60
PESQUISA EXEGÉTICA SOBRE O TEXTO DE ATOS 2.37-47 Exegetic research on the text of Acts 2.37-47 <i>Cléber Mateus de Moraes Ribas</i>	71
AÇÃO DIVINA NO RELATO HISTÓRICO DE RUTE Divine action in the historical account of Ruth <i>Thiago Pinheiro da Silva</i>	95

SEÇÃO II - TEOLOGIA

AVIVAMENTO: TEOLOGIA DE AGOSTINHO, EDWARDS E SPURGEON: PERSPECTIVAS E IMPACTOS

Revival in the theology of Augustine, Edwards and Spurgeon: perspectives and impact
*Eduardo Leimann Balaniuk, Emanuel Rodrigues, Guilherme Henrique Marin Streda, Laura
Rocha Tomasi, Nicolás Dias Siqueira, Rafael Moessner Loureiro e
Vanderlei Alberto Schach* 104

O FILHO É DEUS

The Son is God
Rafael Moessner Loureiro 114

¿C. S. LEWIS COMO TEÓLOGO PÚBLICO?

C. S. Lewis as public theologian?
Cicero Cezario da Costa Neto 121

A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO POR MEIO DE NARRATIVAS

The constitution of the human being through narratives
Juliana Scheibner Dellafavera 140

APRESENTAÇÃO

O espaço de comunicações é significativo para a comunidade acadêmica, pois nele novas ideias são apresentadas, bem como os textos e escritos expostos são aprimorados pelos apontamentos dos participantes e envolvidos. Todo evento acadêmico científico necessita ser apreciado e valorizado, devido a importância de exposições orais e trocas de saberes em espaços de discussão. Embora nestes seminários os acadêmicos já tenham conhecimento prévio dos assuntos, sempre se abrem espaços para análises respeitando a visão e opinião de outros pesquisadores.

Auxiliar os acadêmicos a permanecerem atualizados em assuntos diversos, sejam estes ligados às suas áreas de pesquisa ou não, é o desafio e propósito dos Seminários de Comunicação. Tais reuniões são portas de incentivo e oportunidades tanto para produção como para divulgação de trabalhos científicos. Os ganhos são vários, como por exemplo: currículos ampliados, academia fortalecida e saberes socializados, atingindo a prática cotidiana.

Este material é o resultado do **I Seminário Internacional de Comunicações - Bíblia e Teologia: textos e contextos**, da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/ RS). Os textos aqui apresentados dizem respeito a pesquisas tanto de teólogos já formados, bem como de acadêmicos em formação. Tais pesquisas envolveram estudos e análises de textos do Antigo e Novo Testamento. Outras áreas foram destaques, tais como: teologia, história, teologia pública, e outros. Este foi um tempo especial no qual o diálogo, o compartilhar de experiências e a construção do conhecimento envolveu as apresentações na noite de 27 de novembro de 2023. Neste evento da Faculdade Batista Pioneira, professores e especialistas fizeram a mediação dos debates, tanto dos mais práticos como dos mais teóricos. Os textos que seguem, merecem apreciação, pela importância e qualidade do conteúdo.

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Me. André Luiz Souza Silva
Editores Responsáveis



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações – 4.0 Internacional

O POEMA DOS POEMAS: DESTAQUES SOBRE A INTERPRETAÇÃO E A ANÁLISE DAS INTERPRETAÇÕES ACERCA DO LIVRO DE CANTARES

The poem of poems: highlights on interpretation and analysis of interpretations
of the book of songs

Bárbara Strey Wagner¹

RESUMO

É fato que a Bíblia tem sido inúmeras vezes interpretada e aplicada no contexto eclesial e social de forma inadequada. A falta de estudo para com outros livros que exemplifiquem o contexto vivido na época em que ocorreram os fatos descritos – e que os autores viveram – interferem drasticamente em uma compreensão mais veraz. Autores como Gordon Fee e Douglas Stuart² descrevem a importância de se obter uma boa hermenêutica e exegese partindo de uma base de conhecimentos sobre o contexto, cidade, povo ao qual se refere o texto estudado e ensinado. O presente trabalho, a partir de uma pesquisa bibliográfica, discorre a respeito do contexto autoral, datação, local, tipo de escrita, entre outros, acerca do livro de Cantares. Juntamente com este estudo foi apontada a importância da compreensão da canonização do livro e um pouco do processo de aceitação do mesmo.

Palavras-chave: Cantares. Salomão. Interpretação. Cânon.

ABSTRACT

It is a fact that the Bible has often been interpreted and applied in the ecclesiastical and social context in an inappropriate way. The lack of study of other books that exemplify the context of the time in which the events described took place - and which the authors lived through - drastically interferes with a more truthful understanding. Authors such as

¹ Bacharelada em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: barbarastrey@batistapioneira.edu.br.

² Autores do livro intitulado “Entendes o que lês?”

Gordon Fee and Douglas Stuart describe the importance of obtaining a good hermeneutic and exegesis based on knowledge of the context, city and people to which the text studied and taught refers. This paper, based on bibliographical research, discusses the authorial context, date, place, type of writing, among others, of the book of Song of Songs. Along with this study, the importance of understanding the canonization of the book and some of the process of acceptance has been pointed out.

Keywords: Song of Songs. Solomon. Interpretation. Canon.

INTRODUÇÃO

A pesquisa terá seu desenvolvimento na área exegética da Bíblia, abordando as diferentes interpretações do livro de Cantares – ou Cântico dos Cânticos, levando em conta a escrita do texto e sua inserção no Cânon. O estudo abordará a importância da interpretação e sua interferência no texto, bem como o contexto do livro. Assim, argumenta-se a relevância de se compreender o meio em que a Bíblia foi inserida inicialmente e entender que o conhecimento adquirido será pertinente na interpretação da mesma. Desse modo, no primeiro capítulo será analisada a importância da interpretação e como ela interfere na leitura do livro, analisando-se os tipos de interpretação e qual caminho mais adequado para Cantares.

Já o segundo ponto trará uma leitura do pano de fundo do livro. Neste momento será pontuado datação, autoria, contexto cultural, entre outros pontos. Visa-se colocar lado a lado as informações encontradas sobre o livro, a fim de se comentar quais destas informações auxiliam na compreensão do texto escrito.

No terceiro ponto serão pontuadas as interpretações mais recorrentes de Cântico dos Cânticos, bem como a mais indicada dentro da análise interpretativa de alguns autores. No decorrer dos tipos de interpretações serão expostos os pontos coerentes e os incoerentes de cada tipo das interpretações expostas. Por fim, será comentada a importância deste compilado de informações para a aceitação deste livro no Cânon, pontuando pontos que corroboram juntamente com os contrapontos.

1. A IMPORTÂNCIA DA INTERPRETAÇÃO BÍBLICA

Atualmente notam-se inúmeros conflitos por falta de uma boa comunicação e compreensão do que é dito e no que se gostaria de dizer. Com a interpretação bíblica não é diferente. Em relação a interpretar e compreender o que ela diz e o que ela quer dizer há uma caminhada a se traçar.³

Logo, faz-se necessário observar como se “entende” um texto da Bíblia. “Para o estudioso bíblico, a hermenêutica significa aquele [...] ‘sentido claro’ das Escrituras, inspirado [...] e entendido com a ajuda do Espírito”;⁴ assim como, a chamada exegese “é o estudo

³ KLEIN, William W. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1997, p. 45.

⁴ DYCK, Elmer. **Hermenêutica: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica**. São Paulo: Shedd, 2012, p. 12.

cuidadoso e sistemático da Escritura para descobrir o significado original que foi pretendido”.⁵ Em outras palavras, a hermenêutica tem o objetivo de descobrir a intenção do autor, tanto o humano quanto Deus,⁶ enquanto a exegese busca analisar o pano de fundo do texto – parte histórica, literária e teológica, por exemplo.⁷ Portanto, no ponto que segue serão consideradas questões que envolvem desafios da interpretação bíblica.

1.1 Desafios da interpretação

Os autores William W. Klein, Craig L. Blomberg e Robert L. Hubbard Jr, ao escreverem o livro intitulado *Introdução à Interpretação Bíblica*, elencam 4 distâncias que ocorrem no trabalho da interpretação: a distância no tempo, cultural, geográfica e do idioma.⁸ O primeiro item aqui citado é a distância no tempo, que é bem perceptível, visto que vários escritos possuem séculos e alguns de seus escritos originais são inalcançáveis para a sociedade no geral.⁹ Isso reflete no momento da interpretação que deve tomar nota da época em que se deu o escrito, seja no Antigo Testamento ou Novo Testamento.¹⁰

Além do aspecto do tempo, é necessário considerar a distância cultural. Por mais que possuam escritos e relatos de como os povos eram ou se portavam, a vivência e o contato com eles trarão experiências e notações divergentes às vezes. Isso se deve ao fato da existência da distância cultural. A Bíblia possui inúmeros contextos culturais os quais, em vários momentos, serão incompreendidos pelo leitor.¹¹

Assim como é difícil conhecer a cultura, conseqüentemente torna-se igualmente difícil conhecer os locais citados na Escritura Sagrada.¹² Por mais que se tente buscar por meios tecnológicos conhecer o espaço de forma virtual, a imaginação do estudioso pode querer interferir no momento da interpretação.

Analisando as distâncias anteriores, imaginando a possibilidade de se deslocar para algum lugar bíblico, conhecer a cultura e entender o tempo que os cercava para poder de fato compreender, há ainda uma distância que separa: a língua. Além de serem línguas com certa complexidade, elas – hebraico e grego, por exemplo – já sofreram modificações, tornando-se mais modernas.¹³ Então, o intérprete depende de especialistas linguísticos para obter dados mais específicos que estão “escondidos” nas palavras.¹⁴

⁵ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?** Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 19.

⁶ OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 29.

⁷ GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017, p. 26.

⁸ KLEIN, 1997, p. 64-71.

⁹ KLEIN, 1997, p. 64.

¹⁰ No decorrer do artigo, o Antigo Testamento será referenciado por AT e o Novo Testamento por NT.

¹¹ KLEIN, 1997, p. 67.

¹² KLEIN, 1997, p. 67.

¹³ KLEIN, 1997, p. 70.

¹⁴ KLEIN, 1997, p. 70.

1.2 A simplificação da interpretação e a responsabilidade do intérprete

Apesar de todas as distâncias e dificuldades, uma verdade há: a Bíblia deve interpretar a si mesma. Existe um choque e temor na interpretação da Palavra pelos seminaristas e futuros teólogos,¹⁵ porém “o que é complexo é o exercício de transpor o abismo entre a situação original e os nossos dias, não o significado que resulta disso”.¹⁶

É fato que a Palavra tem alto poder, pois é viva e é Palavra de Deus,¹⁷ e ela se completa, mas há a responsabilidade do intérprete.¹⁸ O leitor possui a sua bagagem de conhecimento, ou seja, seus conhecimentos prévios acerca do mundo a sua volta e o que está relacionado a ele.¹⁹

“Raramente lemos a Bíblia em busca da verdade: o que mais acontece é querermos harmonizá-la com nosso sistema de crenças e ver seu significado sob a perspectiva de nosso sistema teológico preconcebido”.²⁰ Por isso, deve-se pensar no pré-conhecimento como auxiliador, não como determinante na arte de interpretar.

2. O CONTEXTO DE CANTARES

Analisando a língua na qual tem-se o escrito da expressão de Cantares no hebraico como *shir hashirim* (שיר השירים), que é traduzida por Cântico dos Cânticos,²¹ assim também há uma ênfase no termo “Santo dos santos” e “Rei dos reis”, há em Cântico dos Cânticos, dando destaque para “o mais excelente dos cânticos”.²²

Padilha em seu comentário bíblico descreve:

Cântico dos Cânticos descreve de forma metafórica o corpo nu do homem e da mulher e sua união física, com um conteúdo altamente erótico. Embora não mencione o nome de Deus, o livro é um texto canônico, e nós o lemos no contexto do matrimônio. Seu conteúdo preenche um vazio nas Escrituras ao tomar o tema inevitável da sexualidade humana e endossá-lo com interesse e admiração.²³

Assim, para compreender melhor o livro e suas características, nos pontos que seguem buscar-se-á analisar o pano de fundo dele, a partir de detalhes como autoria, data, local e demais detalhes.

¹⁵ OSBORNE, 2009, p. 33.

¹⁶ OSBORNE, 2009, p. 33.

¹⁷ FEE, 1997, p. 11.

¹⁸ FEE, 1997, p. 14.

¹⁹ OSBORNE, 2009, p. 35.

²⁰ OSBORNE, 2009, p. 35.

²¹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2001, vol. 4, p. 2749.

²² WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: poéticos. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008, vol. 3, p. 513.

²³ PADILLA, C. René. **Comentário bíblico latino-americano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2002, p. 825.

2.1 Autoria

Dentro da tradição judaica, assim como muitos teólogos mantém, dá-se o mérito de autoria ao rei Salomão, visto que ele produziu cerca de 1000 cânticos e o mesmo é mencionado em vários versículos do livro em análise, tais como: 1.1, 5; 3.7, 9, 11, entre outros.²⁴ Também há menção em alguns versículos de um rei e de um pastor (exemplos, 1.4, 12 e 1.7, 8, respectivamente), assim como eram chamados alguns governantes no Antigo Testamento.²⁵

Todavia, há contrapontos ao relacionar a autoria de Cantares ao rei Salomão, mesmo as vezes sendo estranha, como pontua Wiersbe.²⁶ Um dos argumentos usados contra a ideia de Salomão ser o autor é o próprio título do livro ser alterado pelas editoras, de Cântico dos Cânticos para Cantares de Salomão, impondo, assim, uma autoria ao livro.²⁷ Outro contraponto usado é o uso “fictício” do nome de Salomão, pontuando a influência da escrita literária da época²⁸ – que será exposta mais adiante no presente trabalho – assim como a própria escrita hebraica, possuindo ambiguidades na transliteração de uma das partículas, podendo significar “para”, “acerca”, “segundo” ou, ainda, “de”, dando ênfases diferentes.²⁹ Com esses argumentos, juntamente com a análise do texto, pode-se corroborar com Gusso, o qual pondera que “o livro foi escrito mais a respeito do rei Salomão do que propriamente por ele”.³⁰

2.2 Data e local

Ao se inclinar para um lado de autoria, seja de Salomão ou de outro indivíduo, conduzirá cada estudioso para fazer a escolha quanto à datação do livro.³¹ Alguns indivíduos favoráveis à escrita como sendo do rei Salomão pontuam que a escrita ocorreu durante o seu reinado,³² outros por analisarem a menção à cidade de Tirza³³ (Ct 6.4) aceitam o momento do exílio ou pós-exílio, ou seja, pouco após a morte de Salomão.³⁴

O intervalo de escrita para muitos varia do 1º séc. a.C. até o 12º a.C., mas enfatizam que alguns termos do hebraico são referentes ao momento pós-exílico.³⁵ Analisando questões

²⁴ WIERSBE, 2008, p. 513.

²⁵ WIERSBE, 2008, p. 513.

²⁶ WIERSBE, 2008, p. 513.

²⁷ VILLA-FORTE, Marcelo. **O cântico dos cânticos: a interpretação da sua mensagem e seu lugar no cânon cristão.** São Paulo: Fonte, 2018, p. 29.

²⁸ VILLA-FORTE, 2018, p. 29.

²⁹ CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia.** 2.ed. São Paulo: Candeia, 1995, vol. 6, p. 71.

³⁰ GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria: introdução fundamental e auxílios para a interpretação.** Curitiba: ADSantos, 2012, p. 107.

³¹ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 71.

³² CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 71.

³³ Cidade da Cananea; primeira capital do Reino Norte, citada depois de 750 a.C. (1Rs 14.17, 15.14-21, 16.6, 8) (VILLA-FORTE, 2018, p. 24).

³⁴ VILLA-FORTE, 2018, p. 25.

³⁵ PADILLA, 2002, p. 825.

como perfumes citados, comércio e outros, autores como Padilla indicam 250 a.C. o ano da escrita. Assim, eliminam a escrita do rei Salomão, ou seja, séc. III.³⁶

Considerando a escrita como sendo de Salomão, pode-se considerar o local de redação Jerusalém, juntamente com a análise da boa escrita do rei em 1Rs 4.32.³⁷ Especulações, considerando a escrita como sendo de outro autor, o qual usaria o nome do rei Salomão, consideram que a escrita ocorreu no Reino Norte, até em Samaria.³⁸

2.3 Escrita, tema e tipo de literatura

Enquanto a autoria, datação e origem da escrita não são claras para a compreensão, o tema e tipo de escrita são mais compreensíveis para se observar. Conforme Wiersbe, o tema descreve três dádivas dadas pelo Senhor ao casal no matrimônio: “a excitação e prazer do sexo, do amor e do casamento”.³⁹ É notória a importância que o casamento tinha para a cultura hebraica, no qual os noivos estavam em total compromisso, assim como o prazer no leito conjugal era considerado bênção de Deus, bem como a concretização do matrimônio pelo ato sexual.⁴⁰ Para Padilla, analisando esse contexto de noivos e de casados, nota-se uma divisão no livro, sendo a primeira parte (Ct 1.1-5.1) a parte do noivado e a segunda parte (Ct 5.2-8.14) a parte do matrimônio.⁴¹

Pela análise tipológica, nota-se uma estrutura poética no texto, possuindo ritmo, assonâncias e paralelismo.⁴² Ribeiro, citando H. Schonfield, destaca que:

considera-o [o livro de Cantares] incomparável; um clássico da literatura hebraica em seu gênero, tendo como autor um poeta genial. Diz ele, ainda, que o poeta talvez tenha achado um modelo de liturgias antigas ou em lendas populares para sua admirável composição, mas a todas o seu poema excede em graça e beleza.⁴³

Observa-se, a partir do próprio termo *Shîr* (שיר), que este escrito traz a ideia de um poema por canto, mas sem ser, necessariamente, acompanhado por instrumentos.⁴⁴ O poema ressalta, pelas metáforas, linguagem parabólica e enredo, a fidelidade do amor e sua beleza.⁴⁵

2.4 Teologia

Para Wiersbe, a teologia deste livro emprega no seu tema principal, a importância do casamento e o amor íntimo entre o homem e a mulher.⁴⁶ Nota-se também que o nome de Deus não aparece explicitamente na redação, porém, identifica-se esse cuidado de Deus para

³⁶ PADILLA, 2002, p. 825.

³⁷ CHAMPLIN, 2001, p. 2750.

³⁸ CHAMPLIN, 1995, vol. 6, p. 72.

³⁹ WIERSBE, 2008, p. 513.

⁴⁰ WIERSBE, 2008, p. 513.

⁴¹ PADILLA, 2002, p. 826.

⁴² RIBEIRO, S. J. *Cântico dos Cânticos*. Guanabara: Casa Publicadoras Batista, 1970, p. 31.

⁴³ RIBEIRO, 1970, p. 31.

⁴⁴ GUSSO, 2012, p. 8.

⁴⁵ RIBEIRO, 1970, p. 33.

⁴⁶ WIERSBE, 2008, p. 513.

sua criação: o casamento, a união do homem e mulher e a constituição da família.⁴⁷ Além disso, o conteúdo enfatiza a verdade de que tudo pertence a Deus, o Senhor criador de todas as coisas e seres.⁴⁸

3. INTERPRETAÇÕES DE CANTARES

Com este conhecimento prévio acerca do livro de Cantares, pode-se partir para as interpretações realizadas ao longo dos séculos. Existem inúmeras linhas de pensamento para isso, porém, serão apresentadas apenas quatro delas no presente trabalho.

3.1 Interpretação alegórica

A primeira interpretação, como o próprio nome descreve, traz a ideia de alegoria, na qual o que está escrito quer dizer uma coisa divergente do que foi relatado.⁴⁹ Sendo assim, negam o pano de fundo, desconsiderando a história por trás do relato.⁵⁰ Apesar de encontrar-se metáforas nos versos de Cantares, é notório o perigo que há em se interpretar todo o livro como alegoria.⁵¹

Tais comentaristas, que alegorizam Cantares, deixam de lado o relacionamento homem/mulher, tão vividamente descrito no poema, para interpretá-lo inteiramente em termos do relacionamento de Deus com Israel, ou de Cristo com Sua igreja.⁵²

Logo, o leitor não se preocupa com o amor de Salomão e a Sulamita – ou aquele que “se fez” Salomão e sua amada – considerando tudo uma ficção.⁵³

3.2 Interpretação tipológica

A interpretação tipológica também tem por base que o relato de Cantares remete para Cristo/Igreja ou Deus/Israel, porém há uma diferença com a alegórica, pois considera o contexto histórico do texto, o Antigo Testamento.⁵⁴ Apesar dessa forma de interpretação considerar tanto a historicidade quanto a parte espiritual, e levar em conta o poema em si, essa interpretação pontua o sentido mais amplo de Cristo e sua Noiva.⁵⁵

Alguns rabinos analisam toda a história de Israel no livro, tendo como base essa forma interpretativa do livro.⁵⁶ Com isso, como descrito, uma das interpretações que tiram do Cântico é a representação de Cristo e a Igreja ou, ainda, de Deus e o povo de Israel.⁵⁷

⁴⁷ VILLA-FORTE, 2018, p. 31-32.

⁴⁸ VILLA-FORTE, 2018, p. 32.

⁴⁹ GUSSO, 2012, p. 107.

⁵⁰ GUSSO, 2012, p. 107.

⁵¹ EATON, Michael A. **Eclesiastes e Cantares de Salomão**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 183.

⁵² EATON, 1989, p. 184-185.

⁵³ BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Jó a Lamentações. São Paulo: Nova Vida, 1993, vol. 3, p. 180.

⁵⁴ BAXTER, 1993, vol. 3, p. 186.

⁵⁵ BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

⁵⁶ GUSSO, 2012, p. 108.

⁵⁷ EATON, 1989, p. 185.

3.3 Interpretação dramática

Seguindo além da história, tem-se a dramatização, buscando todo um enredo com clímax para discorrer o relato em Cântico dos Cânticos.⁵⁸ Todavia, logo há contrapontos, sendo o primeiro deles a cultura dos judeus. Estes não concordavam com a dramatização e as peças.⁵⁹ Em segundo lugar, não há de fato uma estrutura para um drama ser considerado, principalmente pela ausência de um clímax.⁶⁰ Além dos pontos expostos, essa forma de interpretação é um tipo de hermenêutica considerada ultrapassada.⁶¹

3.4 Interpretação literal

Nota-se que as interpretações citadas - alegórica, tipológica e dramática - deixam lacunas incompletas e certas “pulgas atrás da orelha” para se concordar de forma plena. Sendo assim, há ainda uma interpretação a ser descrita: a interpretação literal.

Esta visa o equilíbrio entre o tipo de escrita, o contexto no qual foi escrito e a própria leitura do texto.⁶² Também chamada de interpretação natural, ela conduz o leitor a observar de fato a canção erótica, o amor e a fidelidade dos amantes (amantes como casal em matrimônio),⁶³ bem como relatam “clara e explicitamente, a respeito de sentimentos, desejos, interesses, esperanças e temores” do casal.⁶⁴

Diversos poemas de amor foram descobertos na Mesopotâmia, Egito e Síria, os quais – segundo os historiadores – se assemelham com o texto de Cantares, como exemplificado a seguir:

Eu digo: Ó formosa mulher, teus encantos eu jamais posso contar.
E, apenas o pouco que irei descrever, é o que os meus olhos me permitem ver:
Sua cabeça é como o cálice de cristal, seu cabelo como a noite escura,
Seu cabelo é como as sete noites, igual não há em todo o ano;
Em ondas se movem para cá e para lá, como a corda que ela lança para pegar água.
E as suas faces exalam qual fragrância, que me mata. [...]
Seu nariz é como a tâmara do Iraque, como o fio da espada indiana;
Seu rosto é como a lua cheia, e um coração se partindo são as suas faces. [...]
Sua saliva puro mel de virgem, e a cura para a picada da víbora.
Comparável à escrita elegante, o Seijai desce por seu queixo. [...]
Seus seios como placas de mármore polido, quando os navios as trazem para Sidom.
Ali como pomos da romã duas joias brilhantes...⁶⁵

⁵⁸ RIBEIRO, 1970, p. 38.

⁵⁹ RIBEIRO, 1970, p. 38.

⁶⁰ RIBEIRO, 1970, p. 38.

⁶¹ EATON, 1989, p. 196.

⁶² BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

⁶³ BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

⁶⁴ EATON, 1989, p. 196.

⁶⁵ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 251.

Ou, ainda, um poema egípcio, de Chester Beatty:

...uma gazela
correndo pelo deserto;
os pés feridos,
as pernas exaustas,
o medo lhe penetra o corpo.
Os caçadores a perseguem,
Trazendo consigo seus cães.
Antes de beijares tua mão quatro vezes,
encontrarás seu esconderijo,
ao caçares a amada.
É que foi a Deusa de Ouro
Quem a separou para ti, amigo.⁶⁶

Como Eaton e Carr descrevem em seu comentário acerca do livro há diversos textos nas Escrituras que discorrem sobre o relacionamento de Deus com seu povo (Israel) ou de Cristo com sua Noiva. Portanto, não há a necessidade de Cantares relatar sobre isso.⁶⁷ Diante de tantas interpretações, sabe-se que Cantares não foi aceito para o Cânon com facilidade, mas cada livro tem seu caráter espiritual e relevância,⁶⁸ e isto é o que será exposto no próximo ponto.

4. A CANONICIDADE DO LIVRO DE CANTARES

Antes da importância da compreensão do contexto e tipo de texto a ser realizado na exegese, vale ressaltar a importância do estudo da Bíblia por completo, compreendendo sua revelação pelas Escrituras, o conhecimento de Deus e de sua vontade, assim como um aprofundamento no relacionamento com o Senhor por meio dela.⁶⁹ Assim, ao analisar o Cânon e sua formação, mesmo que de forma sucinta, é extremamente relevante considerar as interpretações antes apresentadas.

O termo grego *kavov* (transliterado por *canon*), cuja transliteração é cânone – posteriormente Cânon – tem o significado de cana ou vara, remetendo a algo que irá medir.⁷⁰ Logo, não é à toa que a Bíblia é comumente conhecida como o “manual do cristão”, sendo uma régua para a vida dele, a fim de manter um parâmetro para seguir um caminho coerente ao desejo do Senhor.

O cânon como regra ou padrão para os que acreditam é considerado o compilado de revelações de Deus por meio da inspiração do Espírito Santo aos escritores.⁷¹ Assim, essa inspiração pelo Santo Espírito está na escrita, porém, a compilação é ato religioso – ainda que guiado por Deus.⁷²

⁶⁶ EATON, 1989, p. 197.

⁶⁷ EATON, 1989, p. 197.

⁶⁸ BAXTER, 1993, vol. 3, p. 180.

⁶⁹ VILLA-FORTE, 2018, p. 140.

⁷⁰ VILLA-FORTE, 2018, p. 142.

⁷¹ VILLA-FORTE, 2018, p. 143.

⁷² RIBEIRO, 1970, p. 22.

4.1 A posição do livro no Cânon

Gusso enfatiza essa inspiração do Senhor, mas pontua a diferença entre os cânones compilados pelos diferentes grupos religiosos. Notar-se-á dois deles a seguir.

4.1.1 Cânon Hebraico

A Bíblia hebraica inicia com os 5 livros da lei, conhecidos como Torah, denominados por Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, escritos por Moisés. A segunda parte segue com os livros proféticos, divididos em duas partes, os anteriores⁷³ e posteriores⁷⁴ ao exílio.⁷⁵ Para finalizar, seguem os escritos, nos quais se encontram os sapienciais e poéticos, sendo Salmos, Provérbios e Jó os primeiros e, posteriormente Cântico dos Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas.⁷⁶ Vários críticos pontuam o grau de importância dos livros para possuírem essa ordem, Lei, Profetas e Escritos.⁷⁷ O livro Cântico dos Cânticos foi inserido entre os sapienciais devido a “ausência de referência às tradições sagradas” e pela característica parecida de textos de outros locais, como já citado anteriormente.⁷⁸

4.1.2 Cânon Protestante

Há pouca divergência entre o Cânon Hebraico e o Protestante, sendo a diferença os livros de Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares – nesta ordem – posicionados entre os livros Históricos e Proféticos.⁷⁹ Sendo assim, na descrição estes seguem a ordem do Pentateuco, seguido por Históricos, Poéticos (ou sapienciais) e proféticos, incluindo neste último grupo o livro de Lamentações, com Jeremias como autor aceito pela tradição.⁸⁰

4.2 Motivo da inclusão do Cântico

Independente de posição ou ordem dos livros sabe-se que todos possuem sua devida importância para a história e revelação divina às pessoas.⁸¹ Então, a questão que permanece é: por que o Cântico dos Cânticos está no Cânon? Ou, ainda, qual a intenção teológica que levou este livro a estar compilado com os outros? Para responder essas indagações, Villa-Forte pontua o peso que a interpretação alegórica teve nessa escolha.⁸² Essa interpretação tem prevalecido até hoje.⁸³

⁷³ Isaías, Jeremias, Ezequiel (VILLA-FORTE, 2018, p. 144).

⁷⁴ Restante dos profetas (VILLA-FORTE, 2018, p. 144).

⁷⁵ VILLA-FORTE, 2018, p. 144.

⁷⁶ VILLA-FORTE, 2018, p. 144.

⁷⁷ GUSSO, 2012, p. 4.

⁷⁸ VILLA-FORTE, 2018, p. 144.

⁷⁹ GUSSO, 2012, p. 5.

⁸⁰ GUSSO, 2012, p. 6.

⁸¹ GUSSO, 2012, p. 6.

⁸² VILLA-FORTE, 2018, p. 146.

⁸³ CHAMPLIN, 1995, p. 71.

De início, por ter a escrita erótica, a inclusão do livro teve muita oposição, por isso a leitura alegórica do escrito veio como uma “solução” para a aceitação.⁸⁴ Consequentemente, os autores buscaram ter cautela na leitura do livro⁸⁵ por apresentar esse conteúdo mais sexual e impróprio para ser lido em público.⁸⁶

Além disso, eles apontaram a ausência do nome de Deus escrito de forma explícita, um obstáculo para a aceitação do livro, sendo até considerado um livro profano.⁸⁷ Então, apenas com a Septuaginta (285 a.C.) obteve-se a inclusão de Cântico dos Cânticos como sapiencial.⁸⁸

A análise de gênero feita acima nos levaria ao que poderia ser considerada uma conclusão negativa com relação à mensagem teológica do livro. O principal objetivo do livro não é retratar a relação entre Deus e seu povo, mas antes exaltar o amor sexual entre um homem e uma mulher. Contudo, essa mensagem é tão importante hoje como sempre foi. A sociedade e a igreja têm, muitas vezes, deturpado a sexualidade humana, assim é importante lembrar que o sexo, dentro dos parâmetros do casamento, é uma dádiva de Deus.⁸⁹

O fato é, como já descrito, que “todos os escritos são santos, mas o Cântico dos Cântico é [considerado] o santo dos santos”.⁹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que ao se estudar a importância da interpretação e o contexto no qual o livro de Cantares está inserido, as colocações acerca da sua autoria e datação – até às incertezas – tem-se direção para compreender as interpretações que existem sobre o texto. Logo, com as interpretações pode-se, juntamente, compreender a inclusão deste livro no Cânon e sua relevância para a vida do cristão.

Este estudo auxilia o indivíduo inserido na sociedade a viver de acordo com a “régua” que é a Bíblia, até mesmo por Cantares, que “mostra que amor não tem preço, [que] é forte como a morte”⁹¹ e além, é o gozo por meio da união conjugal.⁹²

REFERÊNCIAS

BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Jó a Lamentações. São Paulo: Nova Vida, 1993. Vol. 3.

CHAMPLIN, Russell Norman; BENTES, João Marques. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 2.ed. São Paulo: Candeia, 1995.

⁸⁴ CHAMPLIN, 1995, p. 71.

⁸⁵ CHAMPLIN, 1995, p. 71.

⁸⁶ VILLA-FORTE, 2018, p. 146.

⁸⁷ RIBEIRO, 1970, p. 27 e 28.

⁸⁸ RIBEIRO, 1970, p. 29.

⁸⁹ DILLARD, 2006, p. 253.

⁹⁰ CHAMPLIN, 1995, p. 71.

⁹¹ GUSSO, 2012, p. 6.

⁹² BAXTER, 1993, vol. 3, p. 17.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Antigo Testamento interpretado**: versículo por versículo. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. Vol. 4.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

DYCK, Elmer. **Hermenêutica**: uma abordagem multidisciplinar da leitura bíblica. São Paulo: Shedd, 2012.

EATON, Michael A. **Eclesiastes e Cantares de Salomão**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1989.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GORMAN, Michael J. **Introdução à exegese bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012.

KLEIN, William W. **Introdução à interpretação bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1997.

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PADILLA, C. René. **Comentário bíblico latino-americano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.

RIBEIRO, S. J. **Cântico dos Cânticos**. Guanabara: Casa Publicadoras Batista, 1970.

VILLA-FORTE, Marcelo. **O Cântico dos Cânticos**: a interpretação da sua mensagem e seu lugar no cânon cristão. São Paulo: Fonte, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Poéticos. Tradução de Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2008. Vol. 3.



**Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**

A PERSONIFICAÇÃO DA SABEDORIA EM PROVÉRBIOS

The personification of wisdom in Proverbs

Bruno Litz¹

RESUMO

Este ensaio objetivou, através de consultas e pesquisas bibliográficas, analisar o uso da figura de linguagem da personificação aplicada à sabedoria no livro de Provérbios. As considerações e observações feitas a respeito do sentido que a sabedoria possuía em seu contexto hebraico original evidenciaram o seu caráter abrangente e extremamente prático, em oposição à mera intelectualidade abstrata. Através dessas considerações, também foi possível identificar de que forma a tradição sapiencial de outros povos, principalmente os egípcios, contribuiu para o desenvolvimento da literatura de sabedoria hebraica. Além disso, a pesquisa buscou compreender o propósito do uso da figura de linguagem da personificação, que vai muito além de um simples recurso estilístico poético e didático, mas busca transformar um conceito abstrato em uma imagem vívida e real, revelando o seu valor e importância. Por fim, este ensaio também chegou à conclusão de que a personificação da sabedoria em Provérbios possui um profundo sentido teológico, pois a mesma estabelece uma importante relação entre a sabedoria e o próprio Yahweh.

Palavras-chave: Sabedoria. Personificação. Provérbios. Literatura Sapiencial.

ABSTRACT

This essay aimed, through bibliographical researches and consultations, to analyze the use of the figure of speech of personification applied to wisdom in the book of Proverbs. The considerations and observations made regarding the meaning of wisdom in its original Hebrew context have highlighted its wide and extremely practical character, as opposed to mere abstract intellectuality. Through these considerations, it was also possible to identify how the wisdom tradition of other peoples, especially the Egyptians,

¹ O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí/RS. E-mail: bruno.litz@batistapioneira.edu.br

contributed to the development of Hebrew wisdom literature. The research also sought to understand the purpose of using the figure of speech of personification, which goes far beyond a simple poetic and didactic stylistic resource, but seeks to transform an abstract concept into a vivid and real image, revealing its value and importance. Finally, this essay has also come to the conclusion that the personification of wisdom in Proverbs has a profound theological meaning, as it establishes an important relation between wisdom and Yahweh himself.

Keywords: Wisdom. Personification. Proverbs. Wisdom Literature.

INTRODUÇÃO

O livro de Provérbios, além de apresentar uma enorme coletânea de curtas, objetivas e úteis lições a respeito de um modo de viver sábio, também apresenta, ao longo de sua estrutura, extensas seções nas quais a própria sabedoria é descrita como tendo atitudes e possuindo qualidades, ou seja, sendo personificada. Por essa razão, este presente ensaio buscará analisar e compreender o significado da utilização da personificação aplicada à sabedoria em Provérbios.

Para o desenvolvimento da pesquisa, serão consultados dicionários e comentários bíblicos, obras a respeito das noções hebraicas sobre a sabedoria, textos que conceituam e explicam a utilização da personificação como figura de linguagem e livros sobre a teologia do Antigo Testamento. Como esta pesquisa objetivará a análise do uso da personificação da sabedoria no livro de Provérbios, não serão feitas considerações a respeito de outros textos bíblicos, a não ser que estes auxiliem na concretização do objetivo proposto. Dessa forma, será possível chegar a uma compreensão mais apropriada a respeito da maneira pela qual tal tema foi desenvolvido e abordado especificamente no livro selecionado.

Quanto à sua estrutura, este ensaio irá primeiro buscar definições sobre a sabedoria a partir de uma perspectiva bíblica e hebraica, em seguida irá observar as principais características da personificação como figura de linguagem e, enfim, irá analisar de que maneira tal recurso literário foi utilizado para a apresentação da sabedoria no livro de Provérbios. Ao término da pesquisa, as considerações finais serão mencionadas.

1. A SABEDORIA NA PERSPECTIVA HEBRAICA

A fim de compreender de que maneira a sabedoria é definida dentro do livro de Provérbios, é preciso primeiro analisar os termos bíblicos originais que se referem a essa palavra e a descrevem, além de refletir sobre o entendimento que o povo hebreu possuía a respeito deste tema. Portanto, o objetivo deste primeiro ponto será realizar tais tarefas.

1.1 *Hokmâ*, a sabedoria na Bíblia Hebraica

Conforme a definição apresentada por Goldberg no *Dicionário Internacional de teologia do Antigo Testamento*, o principal vocábulo hebraico que em português pode ser traduzido como “sabedoria” é *hokmâ*, um termo derivado do verbo *hākam*, cujo significado é “ser sábio”

ou “agir sabiamente”.² Tal termo é tão central para a literatura sapiencial hebraica que, como pontua Miguel, ele ocorre 145 vezes no Antigo Testamento, sendo que 41 destas ocorrências são encontradas no livro de Provérbios, 25 em Eclesiastes e 18 em Jó.³

Quanto ao significado do termo, Wilson, no *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*, mostra que podem existir algumas outras possibilidades para a tradução de *hokmâ*. De acordo com este teólogo, a palavra também pode significar “habilidade técnica”, “aptidão”, “experiência” e “bom senso”.⁴ Com uma perspectiva muito semelhante. Waltke afirma que, quando empregado em textos bíblicos fora de Provérbios, *hokmâ* adquire um campo semântico mais amplo, podendo significar “entendimento de mestre”, “habilidade” e “perícia”. A expressão pode ainda abarcar outros sentidos, pois também é utilizada como referência a capacidades técnicas e artísticas (Êx 28.3; 31.6), a artes ocultas (Êx 7.11; Is 3.3), à aptidão administrativa e governamental (Ec 4.13; Jr 50.35), à diplomacia (1Rs 5.7), à estratégia militar (Is 10.13), à habilidade de exercer juízo (1 Rs 3.28; Is 11.1-6) e de controlar pessoas e situações (2Sm 14.2; Jó 39.15,17).⁵

Kidner também faz contribuições muito significativas a respeito das “muitas facetas da sabedoria” hebraica. No comentário bíblico do livro de Provérbios escrito por este teólogo há uma explicação a respeito de cada possível sinônimo que pode substituir *hokmâ*, o que evidencia a riqueza semântica desta palavra. O primeiro sinônimo, *mûsâr*, traduzido como “instrução” ou “treinamento”, indica que a sabedoria não é alcançada com facilidade, mas é obtida ao longo de um severo processo marcado pela disciplina. Por sua vez, o sinônimo *bînâ*, equivalente a “entendimento” ou “instrospecção”, caracteriza a sabedoria como a capacidade de julgar e discernir correta e criteriosamente. O terceiro sinônimo é *maškîl*, que significa “sábio proceder” e enfatiza a dimensão prática e diária da sabedoria, que pode levar ao sucesso na vida. Em quarto lugar, há o sinônimo *’ormâ*, cujo significado é “prudência”, e apresenta a sabedoria como a capacidade de “planejar de modo realista”. Por fim, o último sinônimo mencionado por Kidner é *da’at*, que pode ser traduzido como “conhecimento” e “aprendizagem”. Conforme o autor, *da’at* demonstra que a essência da sabedoria é, acima de tudo, o conhecimento da verdade e, principalmente, do próprio Deus. Dessa forma, na perspectiva hebraica, a sabedoria não apenas procedia do conhecimento de Deus, mas também o tinha como o seu mais elevado objetivo.⁶

Essa ampla gama de significados de *hokmâ* também é enfatizada por Von Rad. Segundo o referido autor, mais do que apenas ensinar determinadas ideias e informações, os

² GOLDBERG, Louis. *Hâkam*. In. HARRIS, Laird; ARCHER JR., Gleason; WALTKE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 459.

³ MIGUEL, Igor. **A escola do Messias: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, ed. Kindle, posição 1676.

⁴ WILSON, Gerald H. חכּם. In. VANGEMEREN, Willem A. (org.). **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, vol. 2, p. 127.

⁵ WALTKE, Bruce. **Comentários do Antigo Testamento: Provérbios**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, vol. 1, p. 124-125.

⁶ KIDNER, Derek. **Provérbios: introdução e comentário**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 35-36.

provérbios de sabedoria da Bíblia Hebraica visavam apresentar “uma espécie de arte de viver ou técnica da vida”.⁷ Por fim, em sua análise, Líndez também apresenta uma contribuição pertinente. Segundo o autor, a sabedoria, *hokmâ*, no antigo contexto hebraico, era empregada para designar a pessoa que possuía expertise em absolutamente qualquer área do conhecimento, desde práticas místicas até trabalhos manuais e atividades intelectuais, e que fosse apta a transmitir tal conhecimento para outros indivíduos.⁸

Dessa forma, tendo em vista o caráter extremamente prático e abrangente que a sabedoria possuía em seu sentido bíblico e hebraico, a síntese e a explicação feitas por Miguel se revelam extremamente úteis e apropriadas. De acordo com o autor, a sabedoria bíblica pode ser definida nos seguintes termos:

Um tipo de capacidade existencial que permite ao sujeito operar e interagir na e com a criação e com o próximo de acordo com a ordem sábia do Criador, de modo que viva bem e de forma plena perante Deus. A sabedoria tem uma conotação integral, ou seja, abrange todas as dimensões da constituição humana, como cognição, afetividade, corporeidade, religiosidade e ética, integrando-se para a promoção de uma existência plena. O sábio, por consequência, seria alguém capaz de navegar no mundo de Deus de maneira livre, o que significa moderar sua relação com o mundo e com o próximo de acordo com a sabedoria divina. As ações do sábio são compatíveis com a ordem de Deus.⁹

Após todas essas considerações, é possível entender de que maneira a sabedoria era compreendida pelos hebreus quanto ao seu sentido bíblico original. Ainda resta, porém, observar as características e objetivos que essa mesma sabedoria passou a ter dentro do contexto cultural do antigo Israel. Tal observação será feita em seguida.

1.2 A sabedoria no antigo Israel

Como é pontuado por Won, a coleção de ditos proverbiais, isto é, frases ou ditos breves que expressam alguma sabedoria resultante da experiência ou da observação, já fazia parte da tradição sapiencial do povo hebreu muito antes da redação e edição final do livro de Provérbios, que, de acordo com o autor, provavelmente ocorreu durante o período pós-exílico. Além disso, ainda segundo Won, outros ditos proverbiais de conteúdo semelhante podem ser encontrados em escritos e registros de diferentes civilizações do Antigo Oriente Próximo, desde o Reino Antigo dos egípcios (2686-2160 a.C.) até o período do domínio greco-macedônico (500-300 a.C.).¹⁰ Dessa forma, a tradição da sabedoria hebraica remonta a tempos muito anteriores à monarquia de Israel e se desenvolveu a partir do contato com influências culturais de outros povos.

⁷ VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006, p. 408.

⁸ LÍNDEZ, José Vílchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. Tradução de José Benedito Alves. São Paulo: Loyola, 1999, p. 29-30.

⁹ MIGUEL, 2021, Kindle, posição 1696-1707.

¹⁰ WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, p. 268.

Entretanto, além de destacar a influência que as culturas vizinhas exerceram sobre a literatura sapiencial de Israel, também é necessário salientar um elemento único e distintivo da sabedoria hebraica. De acordo com Kidner, tal elemento é o monoteísmo ético. Conforme este teólogo, a compreensão religiosa hebraica da existência de um único Deus que revela a sua vontade autoritativa para o seu povo fazia com que a sabedoria não tivesse nenhum espaço para influências místicas e licenças cúlticas dadas à imoralidade, como ocorria entre os babilônios e os cananeus. Dessa maneira, a sabedoria proverbial de Israel também não se limitava à mera busca pelo sucesso e por uma vida tranquila, mas tinha o objetivo de levar as pessoas ao conhecimento de Deus, fundamentado no temor ao Senhor (Pv 9.10).¹¹

Quanto à transmissão dessa tradição sapiencial no contexto do povo hebreu, conforme Ceresko, ela inicialmente ocorreu dentro das famílias e clãs, que eram tidos como ambientes propícios para o ensino da sabedoria. Inclusive, como o autor também comenta, diversos textos presentes no livro de Provérbios fazem ecos desse processo no qual o pai e a mãe eram as principais fontes de instrução (Pv 4.1-5). Ao longo do desenvolvimento do sistema monárquico de Israel, porém, devido à necessidade de um aparato administrativo mais complexo, o processo de produção de literatura sapiencial e de ensino da sabedoria passaram a acontecer, principalmente, dentro das escolas de escribas. Os intelectuais formados nessas instituições apoiavam e aconselhavam os reis nas questões governamentais e se dedicavam a, a partir da “cuidadosa e paciente observação da natureza, da sociedade humana e do mundo”, tentar descobrir algum tipo de padrão ou ordem de funcionamento dessas esferas da vida.¹²

Todas essas informações observadas proporcionam um maior entendimento sobre a maneira pela qual a tradição sapiencial hebraica se desenvolveu e foi transmitida ao longo da história de Israel. Ademais, tais dados também revelam que o objetivo inicial dessa tradição era instruir as novas gerações a respeito de uma forma de viver correta e agradável a Deus. Em seguida, no próximo ponto, será feita uma análise a respeito das características da figura de linguagem da personificação. Tal análise será útil para compreender de que maneira a sabedoria é personificada no livro de Provérbios.

2. A FIGURA DE LINGUAGEM DA PERSONIFICAÇÃO

A fim de compreender de que modo a personificação da sabedoria ocorre no livro de Provérbios, é necessário, antes disso, analisar e considerar as principais características e objetivos do uso desta figura de linguagem. Por isso, o objetivo deste segundo capítulo será realizar breves observações a respeito do recurso literário da personificação.

De acordo com Líndez, a figura de linguagem da personificação, frequentemente utilizada na literatura sapiencial hebraica, consiste em apresentar características humanas a algo que não é humano, como uma ideia abstrata, uma planta ou um animal.¹³ Colaborando

¹¹ KIDNER, 1999, p. 21.

¹² CERESKO, Anthony. **A sabedoria no Antigo Testamento**: espiritualidade libertadora. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004, p. 23-25.

¹³ LÍNDEZ, 1999, p. 53.

com essa definição, Ryken afirma que personificar algo é “tratar alguma coisa que não é humana (e com frequência é inanimada) como se fosse um humano capaz de agir e responder”. O autor também comenta que quase qualquer elemento pode ser personificado na poesia bíblica, desde nações e tribos (Jz 5.17) até partes do corpo (Sl 73.9) e aspectos da natureza (Sl 98.8).¹⁴

Além de conceituar a personificação, Ryken também explica por que tal recurso linguístico era tão utilizado na literatura poética e sapiencial hebraica. Dentre vários propósitos para o seu uso, ele afirma que:

A personificação dá vida e concretude ao objeto inanimado. Também é um meio importante de atribuir emoções humanas a algo não humano, na prática, mostrando como o poeta se sente sobre tal questão. Personificação é um modo natural de expressar empolgação sobre alguma coisa. A figura também pode ser usada para mostrar uma afinidade próxima entre pessoas e o assunto do poema, especialmente quando tal assunto é a natureza. Por fim, a personificação pode sugerir que um grupo de pessoas ou que forças da natureza estejam agindo com um propósito unificado.¹⁵

Por fim, também é necessário entender de que maneira os ouvintes e leitores da poesia hebraica precisam compreender o uso das personificações, uma vez que os poetas as utilizavam com o objetivo de gerar certos efeitos em seus públicos. A respeito disso, Ryken novamente traz contribuições pertinentes. Segundo ele, a primeira tarefa dos leitores da poesia hebraica ao se depararem com as personificações é ter a capacidade de identificá-las adequadamente, sendo receptivos à vivacidade que elas atribuem ao objeto que estão representando. Além disso, o autor também afirma que os leitores devem ser aptos para compreender a função específica que uma personificação pode ter num determinado texto e, acima de tudo, precisam sempre lembrar que a poesia é essencialmente ficcional e não fatural. Como os poetas sapienciais hebraicos estavam quase sempre em meio a um jogo criativo em suas produções literárias, imaginando algo que não existe na realidade, os leitores precisam levar em conta a licença poética e desenvolver a liberação de seu imaginário para conseguirem compreender corretamente os ditos e escritos que eles produziam.¹⁶

A partir dessas considerações, é possível não apenas conceituar a figura de linguagem da personificação, mas também entender quais são os motivos para a sua utilização, suas características principais e o que é preciso para que se tenha um entendimento apropriado a seu respeito. Tendo isso em vista, o próximo ponto será dedicado exclusivamente à análise da personificação da sabedoria no livro de Provérbios.

3. A PERSONIFICAÇÃO DA SABEDORIA EM PROVÉRBIOS

Após todas as análises realizadas ao longo deste ensaio, que buscaram tanto conceituar e definir a sabedoria a partir da perspectiva bíblica e hebraica quanto compreender o

¹⁴ RYKEN, Leland. **Para ler a Bíblia como literatura**. Tradução de André Lodos Tangerino. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 94.

¹⁵ RYKEN, 2017, p. 95.

¹⁶ RYKEN, 2017, p. 95.

significado e as principais características da figura de linguagem da personificação, é possível unir tais conhecimentos a fim de observar de que maneira a sabedoria é personificada no livro de Provérbios. Dessa forma, o objetivo deste terceiro ponto será a análise da sabedoria personificada de Provérbios.

De acordo com Tavares, a personificação da sabedoria em Provérbios (Pv 1.20-33; 3.14-18; 8.1-36; 9.1-12) deve-se muito a uma influência egípcia, a deusa Maat, que era descrita e caracterizada como uma jovem mulher cujos longos cabelos desciam sobre os ombros e que possuía em sua cabeça uma pena de avestruz amarrada por uma fita, elemento que a simbolizava. Para os antigos egípcios, a divindade era a encarnação da justiça e da verdade e representava a ética e a ordem do universo. Além disso, a própria palavra Maat não era apenas o nome próprio da deusa, mas também era utilizado como um substantivo comum que se referia ao conceito de ordem universal. Como explica Tavares, essa influência pode ter ocorrido porque, quando a monarquia se estabeleceu em Israel, a sabedoria do povo hebreu, centrada em torno da vida familiar, não estava apta para ajudar o rei em seu governo e, por essa razão, foi necessário importar elementos da tradição sapiencial da corte do Faraó do Egito. Inclusive, como o autor também destaca, uma evidência bíblica a respeito da fama e do valor do conhecimento egípcio é o fato de que o maior elogio feito a Salomão foi o de que a sua sabedoria excedia a dos sábios do Oriente e do Egito (1Rs 4.30).¹⁷

Ao falar sobre a figura de Maat, Longman também traz contribuições relevantes. Segundo este teólogo:

Maat se refere à ordem e à harmonia da criação; suas ideias associadas são a verdade e a justiça. Uma ruptura na harmonia, na verdade e na justiça da criação são uma ofensa contra Maat. Maat frequentemente é apresentada como e parece ser um conceito impessoal, mas também é por vezes representada como uma deusa. [...] Maat determina o que é certo e o que é errado. O gênero de instrução, bem como a literatura didática geralmente buscam informar a pessoa a como viver em conformidade com Maat.¹⁸

Dessa forma, a utilização de personificações na literatura religiosa dos povos do Antigo Oriente Próximo não foi uma invenção hebraica, mas provavelmente se desenvolveu a partir das influências culturais recíprocas que ocorriam entre civilizações daquela região. Especificamente em Provérbios, Longman explica que a personificação da sabedoria é uma representação do atributo de Deus, e a chave para compreender a procedência divina dessa sabedoria é o fato de que a mulher que a personifica tem a sua casa construída no ponto mais alto da cidade. Segundo Longman, tanto no antigo Israel quanto nas demais civilizações daquela região, o único edifício que poderia ser construído neste ponto seria o templo. Assim, o sentido da figura de linguagem em questão poderia ser ainda mais profundo, representando não apenas a sabedoria de Deus, mas o próprio Deus.¹⁹

¹⁷ TAVARES, Júlio César Dias. “A sabedoria edifica sua casa” – sabedoria no livro de Provérbios. **Interações: Cultura e Comunidade**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 168-180, jan/jun 2014.

¹⁸ LONGMAN III, Tremper. **Proverbs**. Tradução do autor. Grand Rapids: Baker Academic, 2006, p. 47-48.

¹⁹ LONGMAN III, 2006, p. 58-59.

Antecipando algumas objeções, principalmente as baseadas nos textos de Provérbios que descrevem a sabedoria como criada por Deus e como um agente por meio do qual Deus efetuou a criação, Longman afirma que:

Com relação ao atributo da sabedoria de Deus, o que significaria forçar a linguagem em detalhes como se fosse uma descrição literal? Como todas as metáforas poéticas (e a personificação é um tipo de metáfora), a linguagem não tem o objetivo de ser entendida dessa maneira. Parte da arte de interpretação é o processo incerto de compreender até quão longe uma comparação pode ser feita. O ponto principal desses versículos parece ser que a criação e a sabedoria estão inextricavelmente ligadas. Portanto, se alguém deseja saber como o mundo funciona e, assim, navegar com sucesso pela vida, é melhor conhecer essa mulher, que é a sabedoria de Yahweh e o próprio Yahweh. Quer consideremos a Mulher Sabedoria simplesmente como a sabedoria de Yahweh ou o próprio Yahweh, reconhecemos o quanto a própria noção de sabedoria se torna teológica neste livro.²⁰

Discordando da perspectiva defendida por Longman, Líndez também apresenta contribuições pertinentes para essa discussão. Ao questionar sobre o sentido da sabedoria personificada, o autor entende que compreendê-la como uma mera abstração poética é inadequado e insuficiente, pois o recurso da personificação da sabedoria não parece ser um simples jogo de fantasia na mente do poeta, cujo conteúdo permanece unicamente em sua imaginação. Por outro lado, ele também não julga apropriado entender a sabedoria personificada como possuidora de uma subsistência própria, mesmo que seja totalmente dependente de Deus, pois tal interpretação ultrapassaria os propósitos do uso da figura de linguagem da personificação. Por essa razão, Líndez propõe um meio-termo entre a pura fantasia poética e a realidade de uma pessoa existente. Assim, a sabedoria personificada não é um conceito vazio de conteúdo, mas também não é inequívoca quanto ao seu sentido, podendo referir-se tanto à sabedoria humana quanto à divina. Concluindo seu pensamento, Líndez afirma que “em todo caso, a personificação da sabedoria serve para expressar a ação de Deus no mundo, sua presença no universo, no homem e, particularmente, nos justos”.²¹

Por fim, além de considerar o significado teológico da personificação da sabedoria em Provérbios, é relevante também compreender de que maneira essa figura de linguagem cooperou com o objetivo da tradição sapiencial hebraica, isto é, preparar e treinar as novas gerações para que vivam de uma maneira justa aos olhos de Deus. Como ressalta Tavares, a personificação da sabedoria como uma mulher é explicada pelo fato de que o livro de Provérbios se destinou especialmente aos homens, mais especificamente aos moços, advertindo-os contra os riscos das tentações imorais. Por ser apresentada como uma oposição à figura da “mulher-loucura”, “a personificação da sabedoria é como a da noiva perfeita que todo homem deve procurar para fazê-la sua esposa”.²²

²⁰ LONGMAN III, 2006, p. 59.

²¹ LÍNDEZ, 1999, p. 55.

²² TAVARES, 2014, p. 174.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sabedoria, *hokmâ*, no seu sentido originalmente hebraico e bíblico, não é limitada a um mero aspecto intelectual do ser humano, mas diz respeito à sua integralidade e à sua forma de se relacionar de maneira adequada com absolutamente todas as coisas que o cercam. Por ser apresentada através de uma personificação, a sabedoria no livro de Provérbios é descrita de maneira vívida e real, como uma companhia preciosa com a qual os seres humanos devem caminhar e aprender, e não apenas como um conteúdo a ser assimilado. Além disso, como existem diversas semelhanças entre a linguagem aplicada à sabedoria personificada e os termos utilizados com referência ao próprio Deus, é possível concluir que o uso desta figura de linguagem em Provérbios não é apenas um simples recurso literário, mas é também uma demonstração teológica da conexão profunda existente entre a sabedoria e o próprio Yahweh. Por fim, também é válido destacar que o uso da figura de linguagem da personificação aplicada à sabedoria em Provérbios colabora com o objetivo principal de toda a tradição sapiencial hebraica, preparar as novas gerações para viverem de forma agradável a Deus. Ao descrever a sabedoria como uma mulher, pais e mães hebreus se valiam de um útil método didático para, dentro do contexto familiar, exemplificar aos seus filhos, principalmente os homens, quais tipos de comportamento eles deveriam almejar e enxergar como ideias e quais situações eles deveriam evitar a todo custo.

REFERÊNCIAS

- CERESKO, Anthony. **A sabedoria no Antigo Testamento**: espiritualidade libertadora. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Paulus, 2004.
- HARRIS, Laird; ARCHER JR, Gleason; WALTKE, Bruce. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- KIDNER, Derek. **Provérbios**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- LÍNDEZ, José Vílchez. **Sabedoria e sábios em Israel**. Tradução de José Benedito Alves. São Paulo: Loyola, 1999.
- LONGMAN III, Tremper. **Proverbs**. Tradução do autor. Grand Rapids: Baker Academic, 2006.
- MIGUEL, Igor. **A escola do Messias**: fundamentos bíblico-canônicos para a vida intelectual cristã. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021. Ed. Kindle.
- RYKEN, Leland. **Para ler a Bíblia como literatura**. Tradução de André Lodos Tangerino. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.
- TAVARES, Júlio César Dias. “A sabedoria edifica sua casa” – sabedoria no livro de Provérbios. **Interações: Cultura e Comunidade**, Uberlândia, v. 9, n. 15, p. 168-180, jan/jun 2014.

VANGEMEREN, Willem A. (org.). **Novo dicionário internacional de teologia e exegese do Antigo Testamento**. Vários tradutores. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 2.

VON RAD, Gerhard. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Francisco Catão. 2.ed. São Paulo: Aste/Targumim, 2006.

WALTKE, Bruce. **Comentários do Antigo Testamento: Provérbios**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. Vol. 1.

WON, Paulo. **E Deus falou na língua dos homens: uma introdução à Bíblia**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020.



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

ALIANÇA DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

God's Covenant in the Old Testament

Eduarda de Sousa Oliveira¹

RESUMO

O presente ensaio monográfico se concentrou, de forma abrangente, no estudo das principais alianças de Deus contidas no Antigo Testamento. Por essa razão, foi considerada em primeira instância, a análise da própria palavra em hebraico, (בְּרִית, *berit*). Isto para que o leitor pudesse compreender de forma mais profunda o significado deste termo, seja no meio religioso ou não, e as intenções do próprio Deus em formar e manter uma aliança com o seu povo, apesar de sua infidelidade. Para a elaboração deste ensaio monográfico foram utilizados, além de livros sobre o assunto, enciclopédia, dicionários, vocabulário e materiais publicados em revistas teológicas.

Palavras-chave: Aliança. Antigo Testamento. Infidelidade.

ABSTRACT

The present monographic essay has focused comprehensively on the study of God's major covenants contained in the Old Testament. For this reason, the analysis of word itself in Hebrew was considered in the first instance. This was so that the reader could understand more deeply the meaning of the term, whether in religious circles or not, and the intentions of God himself if forming and maintaining a covenant with his people, despite their infidelity. For the elaboration of this monographic essay, in addition to books on the subject, encyclopedia, dictionaries, vocabular and materials published in Theological journals were used.

Keywords: Covenants. Old Testament. Infidelity.

¹ A autora é graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: eduarda.oliveira@batistapioneira.edu.br

INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas, principalmente no meio cristão, o termo “relacionamento” é utilizado para descrever a ligação pessoal entre Deus e o ser humano. Esta palavra pode ter diferentes significados, como entender Deus como um amigo, pai ou simplesmente um orientador. Mas existe uma maneira particular de se relacionar com o Senhor, a qual pode ser encontrada em todo o texto bíblico e com bastante ênfase no Antigo Testamento, e é chamada de “aliança”.² No relato da criação, encontrado nos primeiros capítulos de Gênesis, o autor descreve a satisfação de Deus ao criar um mundo bom e cheio de potencial. Além disso, demonstra a intenção divina para com os seres humanos de torná-los seus parceiros, com responsabilidades e benefícios, a fim de que realizem a obra de Deus e o glorifiquem por meio de suas ações.³ Todavia, a separação da humanidade de seu Criador por causa do pecado e da queda foi tão drástica e irreparável do lado humano que apenas um ato iniciado por Deus poderia superar tamanho estrago. Deus tornou possível a reconciliação e a renovação de Seu relacionamento com a humanidade por meio do princípio da aliança. Conceito este tão difundido no Antigo Testamento e visto por muitos teólogos como central para a teologia desta parte da Bíblia. Em suma e na maioria dos casos, a aliança refere-se a um acordo entre Deus e as pessoas, sendo este sempre iniciado pelo Senhor.⁴ No entanto, faz-se necessária uma avaliação mais detalhada deste termo, bem como de detalhes de como as alianças do Antigo Testamento foram feitas, o que será observado a seguir.

1. UMA VISÃO GERAL DO TEMA E O SIGNIFICADO DA PALAVRA *BERIT*

O termo hebraico para *aliança* (בְּרִית, *berit*) possui diferentes significados, de acordo com o seu contexto e interpretação. Pode ser utilizado no meio secular, entre indivíduos e coletividades, como também no meio religioso.⁵ Por exemplo, entre nações: tratado, aliança de amizade; entre indivíduos: acordo ou trato; em uma obrigação entre um monarca e seus subordinados: uma constituição; entre Deus e o ser humano: uma aliança acompanhada de sinais, sacrifícios e um juramento solene que selava o pacto com promessas de bênção para quem guardasse a aliança ou de maldição para quem a quebrasse. Com relação à etimologia da palavra, sua origem é incerta, mas pode estar relacionada com a palavra acadiana *burru*, que significa “estabelecer uma situação legal por meio de um testemunho acompanhado de juramento”.⁶

² FÉLIZ, Denny. **Pactos**. República Dominicana: Bible Project, 27 jun. 2022, vídeo. Disponível em: https://youtu.be/IPi_4Pwn42w. Acesso em: 03 abr. 2023.

³ FÉLIZ, 2022.

⁴ MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2009, p. 239.

⁵ SCHOKEKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997, p. 118.

⁶ SMICK, Elmer B. בְּרִית (b^{erit}). In: HARRIS, Laird; ARCHER JR, Gleason; WALTKE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 214.

Para Bauer, *berit* (בְּרִית) significa a existência de segurança nas relações e estas podem ser as mais diversas. Quando os parceiros são desiguais é natural que o mais poderoso conceda *berit* ao mais fraco. Da mesma forma, esse pedido pode ser feito pelo menos forte, assim como os gibeonitas fizeram no capítulo 9 de Josué. Todavia, o menos forte deve sempre observar as condições sob as quais lhe foi concedida *berit*, ou seja, uma relação de servo, ou pelo menos mostrar-se leal para com o que lhe concedeu *berit*. Isto é, deve haver fidelidade ao dever da aliança para não se tornar culpado por meio da transgressão da aliança. Do contrário, o mais forte não será mais obrigado a cumprir o que prometeu.⁷

Um aspecto muito importante na aliança que Deus tinha com Israel era seu duplo aspecto de condicionalidade e incondicionalidade. Para Elwell, as promessas feitas por lavé na aliança da graça representam decretos que Ele certamente realizará, quando as condições forem propícias para o seu cumprimento. Além disso, o benefício pessoal (especialmente o espiritual e eterno) da promessa de Deus será creditado apenas àqueles participantes da aliança divina que manifestarem uma fé verdadeira e viva. Em resumo, Deus será fiel à sua palavra e às suas promessas, mas também fará com que nenhum transgressor das exigências de santidade participe dos benefícios eternos da aliança. Nenhum filho da aliança que apresente ao Senhor um coração infiel será incluído nas bênçãos da aliança.⁸

Quando se observa a história do povo de Israel de forma mais cuidadosa ou mais ampla, bem como compreender o cerne da Teologia Bíblica, não haverá uma compreensão completa sem a noção de aliança. Ela é a responsável por explicar a vida religiosa do povo de Deus, do mesmo modo que explana as relações entre o Deus de Israel e a sua comunidade escolhida.⁹ Ela tem por fundamento o amor de Deus, que é livremente concedido. Por isso, Israel e o Senhor Deus não firmaram uma aliança como fazem os parceiros humanos, mas é lavé quem estabelece a aliança com o seu povo.¹⁰

No sentido bíblico, uma aliança representa muito mais do que um mero acordo (ou contrato) que possui um período determinado de vigência. Ela é um pacto permanente. Outra notória diferença é que um contrato normalmente concentra-se em apenas uma característica das pessoas envolvidas, assim como um talento, mas uma aliança abrange todo o ser do indivíduo. No entanto, o ponto mais importante da aliança entre Deus e seu povo é que o Senhor é santo, onisciente e Todo-poderoso, mas ainda assim consente em fazer uma aliança com um povo fraco, pecador e imperfeito.¹¹ Algumas destas alianças serão o destaque do ponto seguinte.

⁷ BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmut Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979, p. 29.

⁸ ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 45.

⁹ ALLMEN, Jean Jacques Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001, p. 23.

¹⁰ BAUER, 1979, p. 31.

¹¹ YOUNGBLOOD, Ronald F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 43.

2. AS PRINCIPAIS ALIANÇAS DE DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

Após mencionar de forma mais ampla o significado da palavra aliança (בְּרִית, *berit*) no ponto anterior, a seguir serão relatadas as principais alianças feitas por Deus com o seu povo. Além dos objetivos encontrados em cada uma delas.

2.1 Aliança Adâmica

O termo *aliança* é utilizado pela primeira vez no relato de Gênesis 6.18, o qual evidencia o período próximo ao dilúvio universal prometido por Deus a Noé devido à corrupção dos seres humanos. Porém, o sufixo pronominal da primeira pessoa usado com o substantivo na expressão “minha aliança” sugere que ela não está sendo revelada pela primeira vez, mas que esta se refere a uma aliança já conhecida. Sendo assim, esta aliança só pode ser a que foi anunciada no relato da criação no livro de Gênesis, sobretudo em 1.26-28.¹² Esta aliança, encontrada logo no início da Bíblia, pode ser definida como um exemplo incompleto de um documento de concessão real. Os elementos básicos visíveis desta forma são: um outorgante real, um beneficiário e os elementos da concessão. O que falta, no entanto, é alguma declaração do histórico ou do contexto da concessão.¹³

Com relação ao que o ser humano fez para receber a atenção de Deus ou merecer seu favor gracioso, a resposta é nada, uma vez que a concessão foi concebida e enunciada antes da humanidade ser criada. Não havia condições a serem satisfeitas a fim de que fosse concedida, nem existe nenhuma determinação para que os seus benefícios prossigam. Na verdade, até o pronunciamento da proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, não havia nenhum indício de condicionalidade para permitir que o ser humano permanecesse em boa situação com o grande Rei. Essa é, pura e simplesmente, a declaração a que o Senhor se referiu quando falou a Noé: “Minha aliança”.¹⁴

2.2 Aliança Noética

Como mencionado anteriormente, o termo *aliança* (בְּרִית, *berit*) ocorre pela primeira vez em Gênesis 6.18. Para alguns, a aliança Noética possui diferentes interpretações, como é o caso de Dyrness. Para ele, Deus estabeleceu uma única aliança, formada por uma promessa em Gênesis 6.18, quando o Senhor manifesta a sua indignação com a corrupção da humanidade e esta aliança é finalizada ou selada em Gênesis 9.16, com o estabelecimento do Arco-Íris¹⁵, conforme o texto bíblico: “Toda vez que o arco-íris estiver nas nuvens, olharei para ele e me lembrarei da aliança eterna entre Deus e todos os seres vivos de todas as espécies que vivem na terra”.¹⁶

¹² MERRIL, 2009, p. 290.

¹³ MERRIL, 2009, p. 291.

¹⁴ MERRIL, 2009, p. 291.

¹⁵ GUSSO, Antonio Renato. Aliança no Antigo Testamento. *Via Teológica*, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 55-73, jul. 2001.

¹⁶ SOCIEDADE BÍBLIA INTERNACIONAL. *Bíblia Sagrada NVI*. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2011, p. 10.

No entanto, para outros, como Murray, a aliança Noética é dividida em duas partes, com diferenças significativas. Ou seja, uma aliança antes do dilúvio e outra depois dele. Para Murray, a primeira aliança continha obrigações que deveriam ser cumpridas por Noé e seus familiares, enquanto a segunda era incondicional. Esta afirmação vem de características como: seu estabelecimento vindo do próprio Deus; não limitada a Noé, mas universal; sem expectativas de nenhuma atitude por parte de Noé ou da humanidade futura para que recebessem a graça da aliança e sua eternidade. Sendo assim, ela é uma administração soberana da graça de Deus, desde sua origem e revelação até a confirmação e cumprimento.¹⁷

De qualquer modo, a aliança Noética revela mais uma vez sua continuidade com a dita aliança Adâmica. Isto ocorre porque a razão de existência do ser humano é servir a Deus como seu representante na terra, reinando sobre toda a criação, de acordo com o comando do Senhor e para ele.¹⁸

2.3 Aliança Abraâmica

A aliança feita com Abraão aparece pela primeira vez no texto da Bíblia em Gênesis 12.1-3. Deus o escolhe, promete abençoá-lo e dar-lhe terras, onde poderá frutificar. Em troca, Deus pede para que Abraão confie nele e ensine sua família a fazer o que é correto e justo. A razão desta aliança, está na bênção que Deus concederá a todas as famílias do mundo por meio da família de um único homem.¹⁹ Esta aliança é de suma importância, pois marca o início da eleição do ser humano por intermédio do qual o mundo todo poderia ser salvo se cresse em Deus, assim como o início da história teológica de Israel.²⁰

Um elemento de grande importância no estabelecimento da aliança com Abraão foi a cerimônia solene (Gn 17.6-8), a qual equivalia a um juramento autoamaldiçoante (Jr 34.18-20). Nela Deus teve uma participação ativa, enquanto Abraão participou passivamente. Nada poderia ser melhor do que esta cerimônia solene para assegurar a Abraão a plena convicção de que as promessas se cumpririam. Desta forma, cabia a Abraão apenas aceitá-la, pois estava para sempre garantida por Deus.²¹

Apesar disso, mesmo que a aliança Abraâmica fosse incondicional, por outro lado, também havia uma responsabilidade que a condicionava: deveria ser estabelecida por meio da fé e de um sinal desta devoção, que era a circuncisão. Essa deveria ser uma característica do povo de Deus. Ou seja, aqueles que participassem deste rito estariam prontos para observar os outros pontos importantes do pacto. Contudo, se este sinal fosse negligenciado, o indivíduo poderia ser excluído da comunidade, uma vez que aqueles que não possuíam a marca da circuncisão não estavam identificados como povo de Deus e não fariam parte nem teriam o privilégio das promessas de Deus.²²

¹⁷ MURRAY, 1983, *passim apud* GUSSO, 2001, p. 63.

¹⁸ MERRIL, 2009, p. 293.

¹⁹ FÉLIZ, 2022.

²⁰ GUSSO, 2001.

²¹ GUSSO, 2001.

²² GUSSO, 2001.

Assim sendo, é possível observar que a aliança de Deus feita com Abraão, apesar de apresentar novas características, mantém a base da aliança com Noé. Além disso, como será visto adiante, ela continua na aliança mosaica.²³

2.4 Aliança Mosaica

Esta aliança é fruto do cumprimento e seguimento da aliança Abraâmica.²⁴ Até esse ponto, Deus havia prometido a Abraão que ele teria incontáveis descendentes, que ocupariam a terra de Canaã e dariam origem a reis.²⁵ Tudo isso resultaria em bênçãos para as nações da terra que abençoassem Israel (Gn 12.1-3; 15.5-7,18,19; 17.3-8; 22.15-18). Essa semente, no fim, faria a transição de uma sociedade nômade vagamente afiliada, presa apenas pelos laços da genealogia em comum, para uma nação entre as nações da Terra. Contudo, o senso de consanguinidade e de solidariedade étnica não se perderia, independentemente da forma política que a nação pudesse adotar. No fim do registro histórico do Antigo Testamento, os teólogos de Israel nunca perderam de vista as raízes abraâmicas de sua identidade como povo.²⁶

Israel, que já era o povo do Senhor desde o início, tornou-se uma nação em virtude da disposição de uma aliança especial. Aliança esta que explicava este papel funcional de Israel e que forneceu as estruturas sociais, políticas e religiosas necessárias para a sua efetiva implementação. Ao estabelecer esta aliança, fica claro desde o início que Israel recebeu a garantia de ser um reino de sacerdotes e uma nação santa.²⁷ Deus levou em consideração sua relação paternal com Israel, mas sem deixar de colocar condições, as quais deveriam ser observadas, obedecidas e fielmente guardadas.²⁸

Além disso, as estipulações conhecidas como os Dez mandamentos eram um elemento central no pacto estabelecido no Sinai. Desde meados do século XX, os estudiosos reconhecem que esta aliança era análoga aos textos dos acordos suserano-vassalo recuperados do mundo do Oriente Próximo na Antiguidade, em especial de fontes hititas e neoassírias. Os modelos dos hititas do fim da Idade do Bronze (1400-1200 a.C) e dos assírios (século VII a.C.) contêm elementos-padrão da forma de tratado que também aparecem no Antigo Testamento, em especial no “livro da aliança” (Êx 20-23) e no livro de Deuteronômio como um todo.²⁹ Nos dias atuais, tendo como base o que foi mencionado anteriormente, sobre os paralelos dos tratados internacionais com a aliança estabelecida por Deus, fica claro que Israel tomou esta aliança como a base para a sua vida religiosa e social.³⁰ Deus, como Senhor de Israel, escolheu este povo dentre todas as nações da Terra para ter um relacionamento de aliança especial guiado

²³ GUSSO, 2001.

²⁴ GUSSO, 2001.

²⁵ FÉLIZ, 2022.

²⁶ MERRIL, 2009, p. 319.

²⁷ MERRIL, 2009, p. 321.

²⁸ GUSSO, 2001.

²⁹ MERRIL, 2009, p. 321.

³⁰ GUSSO, 2001.

por uma missão, a saber: ser uma nação serva que modela o Reino de Deus e media a graça redentora dele para as outras nações.³¹

2.5 Aliança Davídica

A aliança feita com Davi tem seu anúncio no texto bíblico, que pode ser lido em 2 Samuel 7.12-17. O termo *aliança* (בְּרִית, *berit*) não ocorre neste texto, embora todos os estudiosos concordem que a aliança Davídica seja o foco central nesta passagem. Em outros textos (2Sm 23.5; Sl 89.3,4,28,34) o próprio Davi refere-se às promessas feitas como uma aliança. Em seu significado final, ela tinha como objetivo ser uma aliança messiânica e suas principais características eram a segurança, a determinação e a imutabilidade das promessas.³²

Dyrness vê no Salmo 89.3,4,27-37 que a descrição da aliança feita entre Davi e Deus possui quase os mesmos termos da aliança estabelecida com Abraão. Entretanto, nele Deus não apenas relembra suas promessas aos patriarcas, mas também acrescenta bênçãos, como: o Senhor faria um grande nome para Davi; Ele forneceria a Israel um lugar de moradia seguro e protegido; Ele estabeleceria uma casa (ou seja, dinastia) para Davi e a casa e o reinado de Davi durariam para sempre (2Sm 7.9-16). Havia apenas uma nota de advertência, a saber: quando Davi cometesse algum erro, Deus o puniria com o castigo destinado aos seres humanos. No entanto, isso logo se seguiu a mais firme garantia: Deus nunca retiraria sua aliança de fidelidade (em hebraico, *hesed*) como retirou de Saul. Na verdade, haveria disciplina para a transgressão da aliança, mas a aliança mesmo nunca seria cancelada, independentemente do comportamento dos seus beneficiários reais.³³ Portanto, o que não se pode deixar de observar é a dispensação soberana da graça de Deus que se encontra nesta aliança de forma mais clara do que em qualquer outra.³⁴

3. A INFIDELIDADE DO POVO DE DEUS À ALIANÇA E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Apesar do plano perfeito de Deus em fazer e manter uma aliança de fidelidade com os israelitas e estes terem firmado tal aliança com o Senhor, a promessa do povo não durou por muito tempo. A seguir serão mencionadas, de forma ampla, algumas situações em que o povo do Senhor foi infiel e as devidas consequências por suas atitudes de transgressão à Lei.

3.1 O período pré-monárquico

O livro de Juízes, de maneira resumida, conta a história do período entre a morte de Josué e o início da monarquia em Israel. Deus já havia revelado sua Lei para o povo e de forma revisada no livro de Deuteronômio, dado diversas exortações para que o Seu povo mantivesse

³¹ MERRIL, 2009, p. 323.

³² GUSSO, 2001.

³³ DYRNBESS, *passim apud* GUSSO, 2001, p. 68.

³⁴ GUSSO, 2001.

sua lealdade diante da ameaça de apostasia que encontraria, ao conquistarem a Terra Prometida.³⁵

Em alguns textos encontrados no livro de Juízes, o Senhor Deus ressalta que a opressão enfrentada por Israel não era fruto de irresponsabilidade divina por não cumprir com Sua palavra, mas consequência da infidelidade do povo de Israel à aliança estabelecida pelo Senhor. Por exemplo:

O Anjo do Senhor subiu de Gilgal a Boquim e disse: Tirei vocês do Egito e os trouxe para a terra que prometi com juramento dar a seus antepassados. Eu disse: Jamais quebrarei a minha aliança com vocês. E vocês não farão acordo com o povo desta terra, mas demolirão os seus altares. Por que vocês não me obedeceram? Portanto, agora digo a vocês que não os expulsarei da presença de vocês; eles serão seus adversários, e os deuses deles serão uma armadilha para vocês (Jz 2.1-3).

Ao longo do livro, de geração em geração, o povo de Israel sofreu duras consequências por fraudar a aliança estabelecida por Deus e viver no caminho da desobediência e idolatria. Mesmo que naquela época não houvesse rei governando Israel (Jz 21.25) a atitude do povo não precisava ser negativa, pois a nação estava fundamentada em uma aliança com o Senhor. Deus era o verdadeiro rei de Israel. Mas quando os israelitas acharam reto fazer o errado, trouxeram sobre si a ira de Deus.³⁶

Juízes apresenta um ciclo de cinco etapas repetido nas várias gerações: o povo caía em idolatria; Deus mandava um castigo de repreensão por meio de outro povo; o povo clamava ao Senhor pedindo livramento; Deus enviava um libertador para livrar o povo do castigo e o povo continuava fiel até a morte daquele libertador.³⁷ Juízes relata um período cheio de exemplos da destruição e do sofrimento causados pelo pecado de pessoas que descumpriram a aliança com Deus e desrespeitaram a vontade de seu Criador. Nos capítulos 19 a 21, o autor do livro descreve um dos fatos mais terríveis de toda a história bíblica como um último modelo da depravação dos israelitas da época. Um caso de estupro e homicídio provocou uma guerra em Israel. Como resultado a tribo de Benjamim foi quase exterminada. No entanto, o mesmo livro mostra a longanimidade e a misericórdia de Deus, que sempre procura o livramento de seu povo, provando mais uma vez que o Senhor é fiel e cumpre suas promessas.³⁸

3.2 O período monárquico

O desejo de ter um homem governando Israel nunca esteve no coração de Deus. Observa-se isto no livro de primeiro Samuel. Porém, deslumbrados com as culturas vizinhas, os Israelitas pedem um rei ao Senhor, deixando de lado a teocracia. Eles só não imaginavam

³⁵ GUSSO, Antonio Renato. **O Pentateuco**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2011, p. 94.

³⁶ ALLAN, Dennis. **Juízes**: o povo sem rei. São Paulo: Estudos da Bíblia, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://estudosdabiblia.net/jbd059.htm>. Acesso em: 14 abr. 2023.

³⁷ ALLAN, 2022.

³⁸ ALLAN, 2022.

todas as consequências que viriam após tomarem tal decisão.³⁹

O período monárquico pode ser classificado em reinados de baixo e alto, pois homens fiéis a Deus e a sua aliança governaram o povo, assim como reis que levaram os israelitas à decadência. Um deles foi Salomão. Apesar de Salomão, no início de sua vida, ser um homem temente a Deus e fiel a suas ordenanças como seu pai Davi e ser considerado o homem mais sábio em sua época, em sua velhice ele se desviou do seu Senhor.⁴⁰

Salomão se casou com muitas mulheres estrangeiras que adoravam outros deuses. A elas, o rei Salomão se apegou com amor, as quais perverteram seu coração para não obedecer aos mandamentos do Senhor. Para agradá-las, ele construiu altares aos deuses estrangeiros que elas adoravam e se esqueceu do Deus verdadeiro (1Rs 11.4). Por causa de seu pecado, Deus levantou adversários contra Salomão (1Rs 11.10-11). Um deles foi Jeroboão, que mais tarde dividiu o reino de Israel em duas nações: Israel e Judá.⁴¹

3.3 O período exílico

A Palavra de Deus descreve algumas nações, além de Israel, que foram submetidas a exílios. Em suma, o exílio consistia na prática de uma nação vitoriosa selecionar dentre os habitantes da nação derrotada prisioneiros para servirem como escravos, ou, no caso das mulheres, como esposas ou concubinas. Geralmente, quando uma nação era derrotada seu território era arrasado e a maioria dos cidadãos, morta. Aqueles que “sobravam” conviviam com a dor da separação de sua terra natal e com o desespero de não contarem mais com a proteção de seu deus local, pois quando uma nação era capturada por outra, as pessoas acreditavam que isso significava que a divindade daquela nação também havia sido derrotada.⁴² Na história do povo de Israel, a Bíblia menciona dois grandes cativéis: o cativél na Assíria (Reino do Norte) e o na Babilônia (Reino do Sul). Vale ressaltar que o cativél imposto ao povo de Deus foi resultado da idolatria que praticaram ao adorarem deuses pagãos. Este comportamento atraiu o castigo do Senhor sobre eles.⁴³

O cativél babilônico, por exemplo, não foi nada fácil para os judeus. Eles foram humilhados, maltratados e insultados. A lembrança da queda de Jerusalém e da destruição do Templo os esmagava. O Salmo 137, ao mesmo tempo em que relata a tristeza dos judeus no cativél babilônico, também mostra o quão distante eles estavam da presença de Deus, a ponto de revelar que o grande lamento daquele povo era por sua adorada Jerusalém e não por estarem arrependidos pela desobediência aos mandamentos do Senhor.⁴⁴

³⁹ LÁRIOS, Paulo Sérgio. **O vilão Salomão**. São Paulo: Recanto das Letras, 01 maio. 2019. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/6636727>. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁴⁰ LÁRIOS, 2019.

⁴¹ LÁRIOS, 2019.

⁴² CONEGERO, Daniel. **O cativél babilônico**. São Paulo: Estilo Adoração, 23 mar. 2017. Disponível em: https://estiloadoracao.com/o-cativél-babilonico/google_vignette. Acesso em: 14 abr. 2023.

⁴³ CONEGERO, 2017.

⁴⁴ CONEGERO, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da criação Deus sempre demonstrou interesse em manter uma aliança com a humanidade e este apontamento pode ser observado em praticamente todos os livros do Antigo Testamento. Essa decisão apenas ratifica que a iniciativa sempre partiu do Senhor, independente da fidelidade ou infidelidade daqueles que faziam parte da sua aliança. Mas também é necessário destacar que, apesar dos pecados do povo de Israel, a aliança de Deus com o seu povo já tinha um plano, que seria cumprido por meio de Jesus Cristo. A Bíblia diz que ele é da família de Abraão e, por isso, traria as bênçãos desse povo para todo o mundo. Ele também é o israelita fiel, capaz de obedecer a Lei perfeitamente. Jesus é o Rei da linhagem de Davi, que estende o reinado de paz e justiça de Deus para todos. Isso, apesar de ser notável para um homem só, unicamente confirma que Jesus não é um simples homem, mas Deus em forma humana. O Senhor Deus estabeleceu uma nova aliança, concretizada em Cristo Jesus.

A narrativa bíblica termina com uma visão de mundo totalmente renovada, inclusive com uma humanidade que vive em completa harmonia com Deus. A boa notícia, portanto, é que Jesus Cristo já veio para esta terra e é a verdadeira esperança para os perdidos e aos que já creem nele, fazendo com que seja aguardado ansiosamente pela sua volta e por um mundo onde o abismo do pecado não exista.

REFERÊNCIAS

ALLAN, Dennis. **Juízes: o povo sem rei**. São Paulo: Estudos da Bíblia, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://estudosdabiblia.net/jbd059.htm>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ALLMEN, Jean Jacques Von. **Vocabulário bíblico**. Tradução de Alfonso Zimmermann. São Paulo: ASTE, 2001.

BAUER, Johannes B. **Dicionário de teologia bíblica**. Tradução de Helmuth Alfredo Simon. São Paulo: Loyola, 1979.

CONEGERO, Daniel. **O cativoiro babilônico**. São Paulo: Estilo Adoração, 23 mar. 2017. Disponível em: https://estiloadoracao.com/o-cativoiro-babilonico/#google_vignette. Acesso em: 14 abr. 2023.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia histórico-teológica da igreja cristã**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 2009.

FÉLIZ, Denny. **Pactos**. República Dominicana: Bible Project, 27 jun. 2022, vídeo. Disponível em: https://youtu.be/IPi_4Pwn42w. Acesso em: 03 abr. 2023.

GUSSO, Antonio Renato. Aliança no Antigo Testamento. **Via Teológica**, Curitiba, v. 1, n. 3, p. 55-73, jul. 2001.

GUSSO, Antonio Renato. **O Pentateuco: introdução fundamental e auxílios para a interpretação**. Curitiba: ADSantos, 2011.

HARRIS, R. Laird; ARCHER JR, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

LÁRIOS, Paulo Sérgio. **O vilão Salomão**. São Paulo: Recanto das Letras, 01 mai. 2019. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/6636727>. Acesso em: 14 abr. 2023.

MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2009.

SCHOKEL, Luis Alonso. **Dicionário bíblico hebraico-português**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2011.

YOUNGBLOOD, Ronald F.; HARRISON, R. K. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

OS SALMOS E O HESED DE DEUS

The Psalms and the Hesed of God

Laura Rocha Tomasi¹

RESUMO

Este trabalho de cunho bibliográfico e qualitativo tem como objetivo apresentar os significados do termo hebraico *hesed*, utilizado em muitos livros do Antigo Testamento, como no livro poético de Salmos, pensando nas formas que ele é usado e qual o entendimento existente sobre ele também se aprofundou no Salmo de número 25. O termo *hesed* fala sobre o amor de Deus, para aqueles que estão dentro do pacto divino, mostrando sua fidelidade e bondade com o povo. Para isso, foi buscado na literatura existente sobre o assunto para compreender de forma significativa o que foi proposto. O trabalho utilizou a obra de comentaristas e teólogos como: Moody, Garofalo, Tozer, Wiersbe, Pfeiffer, entre outros escritores e pesquisadores, que discorrem sobre o hebraico e Salmos. O trabalho foi dividido em dois pontos, o primeiro fala sobre o termo *hesed*; o segundo aborda sobre o livro de Salmos, quais versículos contém o termo em hebraico e aprofunda o estudo no Salmo de número 25. Por fim, conclui-se sobre a importância de aprender sobre o hebraico para conseguir ler os escritos do Antigo Testamento de forma mais efetiva e profunda. Saber sobre o *hesed* é o início desse estudo mais aprofundado na Bíblia.

Palavras-chave: Hesed. Salmos. Deus.

ABSTRACT

This bibliographical and qualitative work aims to present the meanings of the Hebrew term *hesed*, used in many books of the Old Testament, such as the poetic book of Psalms, thinking about the ways in which it is used and what understanding exists about it, also, went deeper into psalm number 25. The term *hesed* talks about God's love, for those who

¹ A autora é psicóloga formada pela Universidade Luterana do Brasil e graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: tomasilaura52@gmail.com

are within the divine pact, showing his faithfulness and kindness to the people. To achieve this, more information on the subject was sought in the existing literature to meaningfully understand what was proposed. The work used the work of commentators and theologians such as: Moody, Garofalo, Tozer, Wiersbe, Pfeiffer, among other writers and researchers, on Hebrew and psalms. The work was divided into two points, the first talks about the term *hesed*; the second deals with the book of psalms, which verses contain the term in Hebrew and deepens the study on psalm 25. Finally, conclude on the importance of learning about Hebrew to be able to read the writings of the Old Testament in a more effective and profound way, knowing about *hesed* is the beginning of this deeper study in the Bible.

Keywords: *Hesed*. Psalms. God.

INTRODUÇÃO

Este ensaio monográfico foi escrito para a disciplina de Antigo Testamento II, dentro da temática abordada na disciplina, sobre os livros poéticos e históricos. Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo. O material utilizado para a pesquisa foi selecionado a partir de literaturas e artigos já existentes sobre o assunto. Pensando nisso, o presente trabalho tem como objetivo aprofundar o estudo em um dos livros poéticos da Bíblia, mais precisamente o livro de Salmos. Tendo como intuito central pesquisar sobre o termo *hesed* em hebraico, qual seu significado e de que forma pode ser traduzido, como também o uso deste termo no livro de Salmos, e, por fim aprofundar o estudo deste no Salmo de número 25.

O Antigo Testamento foi escrito em aramaico e hebraico, cada palavra utilizada tem significados profundos que explicam sobre a história do povo judeu e sobre o Deus de Israel. O termo *hesed* é usado muitas vezes ao longo dos escritos do Antigo Testamento e em cada uso apresenta um significado diferente, mas sempre mostra o amor de Deus por seu povo. Diante disso, este trabalho visa investigar mais sobre essa palavra e de que forma ela foi apresentada nos escritos de Salmos.

O trabalho será dividido da seguinte forma: no primeiro ponto abordar-se-á os significados do *hesed* e quais as formas de tradução para o português, bem como de que forma ela é utilizada nos escritos do Antigo Testamento. O segundo ponto do trabalho enfatizará no termo *hesed* nos Salmos, destaques sobre o livro de Salmos, seus aspectos principais, mostrar-se-á em quais versículos aparece o termo em hebraico em questão, qual palavra foi utilizada para representá-lo e, por fim, o estudo no Salmo de número 25.

1. OS SIGNIFICADOS DE HESED (חֶסֶד)

O primeiro ponto irá abordar sobre o termo *hesed*, quais seus significados no Antigo Testamento, de que formas ele é utilizado, a fim de haver um maior entendimento dessa palavra usada como expressão do amor de Deus ao longo dos livros do Antigo Testamento. Após maior compreensão do termo, será analisado seu uso no Saltério.

A palavra *hesed* tem muitas traduções, e é usada de diversas formas nos escritos do Antigo Testamento. Mesmo os teóricos não chegando a um consenso sobre sua definição, eles

entendem que fala sobre o amor de Deus mostrado no Antigo Testamento.² Sua definição pode ser traduzida por: misericórdia, bondade, bondade amorosa, amor. Esse termo mostra como Deus se relaciona com o seu povo através das alianças que fez com ele, demonstrando, assim, o seu *hesed*. Não somente através da misericórdia, mas sobretudo na lealdade de cumprir as alianças feitas, e essa lealdade também deveria ser demonstrada pelo povo.³

Garofalo Neto afirma que o termo mostra com frequência a fidelidade do pacto do Senhor e seu povo, e essa fidelidade é demonstrada a partir de bondade e generosidade.⁴ Miller fala mais sobre o termo, a saber:

Algumas vezes *hesed* é traduzida como amor constante. Ele combina compromisso com sacrifício. *Hesed* é amor unidirecional. Amor sem estratégia de fuga. Quando se ama com amor *hesed*, você se prende ao objeto de seu amor não importa como ele responda.... Sua resposta à outra pessoa é inteiramente independente de como aquela pessoa o tratou. *Hesed* é um amor obstinado.⁵

Mesmo não tendo um consenso sobre a palavra, sua etimologia mostra que o significado pode estar relacionado com força. “O que se vê é que *hesed* contém dois elementos básicos. Um é a ideia de força, lealdade, fidelidade. Outro é a ideia de bondade, piedade, misericórdia e graça. Talvez “dedicação” capte os dois elementos da palavra”. *Hesed* se refere ao amor por escolha, quando o relacionamento entre duas partes gera “atos de amor”.⁶

Pode-se ver ao longo do Antigo Testamento os muitos significados do *hesed* sendo utilizado no texto, como a abundância ou grandiosidade do *hesed* de Deus (Êx 34.6; Nm 14.19; Ne 9.17; 13.22; Lm 3.32; Jl 2.13; Jn 4.2). Em Êxodo 34.6 está escrito: “cheio de amor e fidelidade”. Mostrando que não tem como medir o *hesed* do Senhor.⁷

Em Lamentações 3.22, observa-se que “as misericórdias (*hesed*) do Senhor são as causas de não sermos consumidos”.⁸ Lembrando que a misericórdia é um atributo de Deus, assim não pode ser cessada, não deixará de existir. Como diz o autor de Lamentações, “suas misericórdias se renovam a cada manhã”, e o Antigo Testamento está repleto da misericórdia do Senhor.⁹ Outros textos que mostram essa expressão são: 1 Crônicas 16.34; 2 Crônicas 15.13; 7.3; 20.21; Esdras 3.11; Salmo 106.1; 107.1; 118.1; Jeremias 3.11.¹⁰

² MAIA, Rafael A. S. **Os significados do amor**: uma visão contemporânea e bíblica de sua ocorrência e efeito no homem e na igreja. Trabalho de Conclusão de Curso. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2009, p. 92.

³ HARRIS, L. Laird. חֶסֶד (*hsd*). In. HARRIS, Laird; ARCHER JR., Gleason; WALTKE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Sayão e Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 503.

⁴ GAROFALO, Emilio Neto. **Redenção nos campos do Senhor**: as boas novas em Rute. Brasília: Monergismo, 2019, p. 174.

⁵ MILLER, Paul *apud* GAROFALO, 2019, p. 59.

⁶ SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001, p. 448.

⁷ SMITH, 2001, p. 448.

⁸ MAIA, 2009, p. 92.

⁹ TOZER, A. W. **Mais perto de Deus**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1984, p. 108.

¹⁰ SMITH, 2001, p. 108.

Quando o termo *hesed* é utilizado como bondade, lembra que esse é um atributo moral de Deus. No Salmo 119.64 há a seguinte observação: “a terra está cheia da tua bondade”, é a bondade divina que não espera nenhum retorno.¹¹ Tozer destaca que:

Como Deus é imutável, a intensidade de Sua benignidade não sofre variação. Ele nunca foi mais bondoso do que é agora, nem será jamais menos bom. Ele não faz acepção de pessoas, mas envia chuva sobre justos e injustos, e faz o sol brilhar sobre os maus e os bons. A causa da Sua bondade está nEle mesmo; os que recebem sua bondade são seus beneficiários sem que tenham méritos próprios ou mereçam recompensa.¹²

Assim, é possível notar como o *hesed* do Senhor era presente no contexto do Antigo Testamento. Em muitos livros esse termo foi usado, apresentando ao povo o amor e compromisso que Ele tem para aqueles que participam da aliança. No livro de Salmos, o *hesed* é usado em salmos de graças, de lamentações e outros, que serão abordados no próximo tópico.

2. O HESED NOS SALMOS

Salmos pode ser pensado como uma coleção de livros usados nos cultos do Antigo Testamento, como canções que deveriam ser entoadas no momento litúrgico. Assim, este novo tópico explica mais sobre o livro de Salmos e mostra os versículos que contém o termo *hesed*, aprofundando-se no Salmo de número 25.

2.1 O livro de Salmos

O título hebraico de Salmos é Tehillim e significa “Louvores”. Muitos dos Salmos evidenciam que foram usados pelos coros e devotos da época como hinos.¹³ O Saltério não é importante somente para o momento litúrgico, ele contribui para a edificação pessoal, como forma de consolação e oração, um guia para a pessoa se achegar a Deus em qualquer momento.¹⁴ Para Carson, “o principal cenário para a compreensão dos salmos é o culto, a prática da adoração de Israel no templo”.¹⁵

Alguns dos principais gêneros literários encontrados em Salmos são: hinos, lamentações e ação de graça. Os Salmos falam sobre Deus e seu relacionamento com a criação, mostrando um Deus poderoso, um Pai bondoso, um Deus de promessas e que cuida do povo com amor.¹⁶ Moody diz: “O saltério é em primeiro lugar um testemunho vivo da fé de Israel”.¹⁷ Conforme os autores do comentário da Bíblia de Estudo da Fé Reformada:

¹¹ MAIA, 2009, p. 92.

¹² TOZER, 1984, p. 99.

¹³ PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**: Gênesis a Malaquias. São Paulo: Batista Regular, 2010, vol. 1, p. 678.

¹⁴ WEISER, Artur. **Os Salmos**. São Paulo: Paulus, 1994, p. 9.

¹⁵ CARSON, D. A. **Comentário bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 736.

¹⁶ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: poéticos. Tradução de Susana E. Klassen. 2.ed. São Paulo: Geográfica, 2006, vol. 3, p. 86.

¹⁷ PFEIFFER, 2010, p. 678.

A apresentação maciça de Deus no livro de Salmos é em relação à sua condição de Rei. Dois resultados concernentes a Deus como Rei, nos salmos, são Deus como Criador e Deus como Redentor. A transcendência de Deus e sua imanência, bem como possivelmente todos os seus demais atributos correm como fios áureos ao longo de todo o Saltério.¹⁸

Nos tempos atuais esse livro tem sido mais utilizado na liturgia e momentos devocionais e isso acontece, devido muitos dos Salmos expressarem sentimentos das pessoas em relação a Deus, ajudando a nova igreja a se expressar em momentos de adoração.¹⁹ Para Dillard e Longman, “o clima piedoso e devocional que permeia os salmos e que tem a sua origem numa intensa relação pessoal com Deus encontra uma resposta harmoniosa entre os homens e as mulheres”.²⁰

Esse livro mostra revelações importantes do caráter de Deus, se alguém quer saber quem é Deus e o que Ele fez, o livro de Salmos é apropriado para isso. O próximo tópico mostra em quais versículos ele foi usado.

2.2 Versículos que contém o termo *Hesed*

Ao todo são encontrados no livro de Salmos 14 versículos que utilizam o termo *hesed*, vale lembrar que sua tradução pode variar com as palavras amor, fidelidade, misericórdia, bondade e favor. Cada grupo de tradutores da Bíblia escolhem o melhor termo que se encaixa no texto. Curiosamente a tradução da Bíblia, Nova Versão Internacional (NVI), que foi utilizada neste trabalho, traz a grande maioria dos versículos que contém o *hesed*, como “amor”, e um versículo como “favor”. O trabalho cita esses versículos e se aprofundará no Salmo de número 25. Os versículos que contêm o termo foram retirados da Bíblia Nova Versão Internacional (NVI), são eles:

- Salmo 18.50 – Concedes grandes vitórias ao teu rei e mostras **amor** (*hesed*) por teu ungido, por Davi e todos os seus descendentes para sempre!
- Salmo 25.10 – O Senhor conduz com **amor** (*hesed*) e fidelidade a todos que cumprem sua aliança e obedecem a seus preceitos.
- Salmo 32.10 – O perverso tem muitas tristezas, mas o que confia no Senhor é cercado de **amor** (*hesed*).
- Salmo 33.5 – Ele ama o que é justo e bom; o **amor** (*hesed*) do Senhor enche a terra.
- Salmo 52.1 – Por que conta vantagem de seus crimes, grande guerreiro? Não sabe que o **amor** (*hesed*) de Deus dura para sempre?
- Salmo 61.7 – Que ele reine na presença de Deus para sempre, e que o teu **amor** (*hesed*) e a tua fidelidade o guardem.
- Salmo 85.10 – O **amor** (*hesed*) e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram.

¹⁸ FIEL. **Bíblia de estudo da fé reformada**. Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Fiel, 2021, p. 829.

¹⁹ GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012, p. 45.

²⁰ DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 201.

- Salmo 86.5 – Ó Senhor, tu és tão bom, tão pronto a perdoar, tão cheio de **amor** (*hesed*) por todos que te buscam.
- Salmo 86.15 – Mas tu, Senhor, és Deus de compaixão e misericórdia, lento para se irar e cheio de **amor** (*hesed*) e fidelidade.
- Salmo 89.2 – Pois sei que o teu **amor** (*hesed*) dura para sempre, e a tua fidelidade permanece firme como os céus.
- Salmo 89.14 – Justiça e retidão são os alicerces do teu trono, **amor** (*hesed*) e verdade vão à tua frente.
- Salmo 101.1 – Cantarei o teu **amor** (*hesed*) e a tua justiça, Senhor; com cânticos te louvarei.
- Salmo 103.4 – Ele me resgata da morte e me coroa de **amor** (*hesed*) e misericórdia.
- Salmo 141.5 – Firam-me os justos! Será um **favor!** (*hesed*) Se eles me corrigirem, será remédio que dá alívio; não permitas que eu o recuse. Contudo, oro constantemente, contra os perversos e tudo que eles fazem.²¹

Esses são os versículos que usam o termo *hesed*, em sua maioria são Salmos de agradecimentos, lamentações, confiança em Deus, assim como o Salmo de número 25, que será estudado a seguir.

2.3 O Salmo 25

Salmo 25.1-22 é um acróstico com as letras do alfabeto hebraico, e mostra como a vida é difícil, não sendo possível ter sucesso com as próprias forças. O salmista pede a Deus por sabedoria quando for tomar decisões, ele sabe que não merece a ajuda de Deus, por que é pecador, mas acredita na misericórdia e bondade de Deus.²² Ele é uma oração pedindo por proteção, o salmista confia no Senhor, seus inimigos são uma ameaça, mas ele pede pela bondade e misericórdia que já foram mostradas ao longo da história.²³

Para Wiersbe, “Davi afirma sua fé em Deus e o desejo de glorificar o nome de Deus... Assim, espera no Senhor, adora a Deus e, com segurança, pede sua ajuda. Precisa encarecidamente de sabedoria para tomar a decisão certa. Davi não apenas pede sabedoria, mas discernimento para compreender a Palavra”.²⁴

A partir do versículo 7, Davi fala sobre a aliança de Deus com seu povo, as promessas que foram feitas para guiá-los dentro da vontade de Deus. Davi conhece a história de Israel e sabe como Deus age, assim que seu povo chama por Ele.²⁵ Então, ele pede pelo perdão de seus pecados, bem como pediu compaixão, amor e bondade de Deus.²⁶ Henry atesta que “o povo de Deus pode ver em todos os aspectos da sua vida os desdobramentos de sua

²¹ THOMAS NELSON. **Bíblia leitura perfeita**: evangelismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018, 864 p.

²² WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: poéticos. Tradução de Susana E. Klassen. 2.ed. São Paulo: Geográfica, 2006, vol. 3, p. 137.

²³ PFEIFFER, 2010, p. 699.

²⁴ WIERSBE, 2006, p. 137.

²⁵ WIERSBE, 2006, p. 137.

²⁶ CARSON, 2009, p. 26.

misericórdia, e o cumprimento de sua Palavra, quaisquer que sejam as aflições pelas quais passem no momento”.²⁷

Davi medita sobre o caráter de Deus nos versículos de 8-14, mostrando que o Senhor é confiável, Ele é bom e reto. Mostra os seus caminhos, aqueles que são humildes e obedecem a Palavra de Deus. A aliança com o Senhor mostra que aqueles que obedecem, recebem benção e proteção. Ele usa sua misericórdia e graça com os que se arrependem.²⁸ Para Carson, “uma recordação das qualidades de Deus traz a certeza de que a oração será respondida e de que o caminho revelado de Deus será cheio do seu amor”.²⁹

O salmista diz a Deus quais são seus fardos, confiando que o Senhor poderia protegê-lo dos perigos, da solidão, da sua angústia, dos seus pecados. Davi colocava sua esperança em Deus. O Senhor é a única solução. É possível que o versículo 22 tenha sido acrescentado para ser utilizado no culto público.³⁰ Mas mostra que Davi não esquece que é rei e tem responsabilidades. Assim, ele lida com as dificuldades do seu povo da mesma forma que lida com suas dificuldades pessoais, ou seja, orando por elas.³¹

Lopes ressalta que o papel de fundo desse Salmo é o amor pactual de Deus que o salmista quer tornar conhecido. Davi ora ao Deus da aliança, sabendo da graça divina que vêm com ela. O versículo 10 fala sobre esse pacto, mostrando que os caminhos do Senhor são de misericórdia e verdade para aqueles que pertencem a aliança e os que vivem de forma obediente no pacto divino.³² Lembrando que o *hesed* fala sobre a fidelidade existente dentro do pacto divino, o amor e misericórdia que vêm com esse pacto, mesmo para os que estão afastados de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto, o termo *hesed* é usado em muitos textos do Antigo Testamento, na sua grande maioria ele fala sobre um Deus que ama seu povo, dentro desse amor, pode-se perceber a bondade, fidelidade e misericórdia do Senhor, mesmo quando o povo não estava cumprindo as ordenanças de Deus. Esse *hesed* do Senhor lembra o povo escolhido que o pacto feito com Deus dura para sempre e Ele não se esquece desse compromisso.

Diante disso, o livro poético e sapiencial de Salmos também fala sobre o *hesed* do Senhor, glorifica a Deus por seu amor que não tem fim, por sua misericórdia que não acaba, pelo cuidado e bondade com o povo e com aqueles que obedecem às ordens do Senhor, mostra que o amor (*hesed*) do Senhor enche a terra, e todos podem desfrutar dele.

A partir deste trabalho é possível fazer uma nova leitura do Antigo Testamento e entender de forma mais profunda os trechos que apresentam o termo *hesed*, entendendo que ele significa muito mais do que as traduções da Bíblia possibilitam compreender. O termo

²⁷ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 416.

²⁸ WIERSBE, 2006, p. 137.

²⁹ CARSON, 2009, p. 759.

³⁰ WIERSBE, 2006, p. 137.

³¹ CARSON, 2009, p. 759.

³² LOPES, Hernandes D. **Salmos: o livro de canções e orações do povo de Deus**. São Paulo: Hagnos, 2022.

mostra características de um Deus pessoal que ama seu povo e demonstra esse amor de diversas formas ao longo do Antigo Testamento. O livro de Salmos canta sobre esse amor e mostra que o salmista sentia a dimensão dele.

Por fim, vale ressaltar que é necessário mais estudo sobre o termo analisado em outros livros do Antigo Testamento para ter uma maior dimensão e compreensão do mesmo nos demais livros do Antigo Testamento em que essa palavra é utilizada. Saber palavras no original ajuda o leitor a interpretar de forma mais exata as Palavras de Deus, bem como ajuda entender a dimensão da revelação que o Senhor deixou aos seres humanos.

REFERÊNCIAS

CARSON, D. A. **Comentário bíblico**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

FIEL. **Bíblia de estudo da fé reformada**. Tradução de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Fiel, 2021.

GAROFALO, Emilio Neto. **Redenção nos campos do Senhor**: as boas novas em Rute. Brasília: Monergismo, 2019.

GUSSO, Antônio Renato. **Os livros poéticos e os da sabedoria**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2012.

HARRIS, R. Laird; ARCHER Jr, Gleason; WALTKE, Bruce. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Sayão, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico**. Tradução de Degmar Ribas Júnior. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

LOPES, Hernandes D. **Salmos**: o livro de canções e orações do povo de Deus. São Paulo: Hagnos, 2022.

MAIA, Rafael A. S. **Os significados do amor**: uma visão contemporânea e bíblica de sua ocorrência e efeito no homem e na igreja. Trabalho de Conclusão de Curso. Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2009.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário bíblico Moody**: Gênesis a Malaquias. São Paulo: Batista Regular, 2010. Vol. 1.

SMITH, Ralph L. **Teologia do Antigo Testamento**: história, método e mensagem. Tradução de Hans Udo Fuchs e Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 2001.

THOMAS NELSON. **Bíblia leitura perfeita**: Evangelismo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2018.

TOZER, A. W. **Mais perto de Deus**. Tradução de Elizabeth Stowell Charles Gomes. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.

WEISER, Artur. **Os Salmos**. São Paulo: Paulus, 1994.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: poéticos**. Tradução de Susana E. Klassen. 2.ed. São Paulo: Geográfica, 2006. Vol. 3.



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

SALMO 23: ALÉM DAS LINHAS

Psalm 23: Beyond the lines

Nathália Carolina Cardoso¹

RESUMO

Ao observar o livro de Salmos são encontradas expressões de adoração, louvor e oração a Deus. Este livro, utilizado como hinário pelo povo de Israel, também traz experiências vividas por seus autores, como é o caso do Salmo de número 23, objeto desta pesquisa. É de conhecimento que o Salmo 23 foi escrito por Davi, um homem que pastoreava ovelhas em sua juventude, foi ungido pelo profeta Samuel para ser rei de Israel e, em toda a sua vida, apesar de suas falhas, vivenciou grandes experiências com Deus. Davi, então, une suas vivências em uma poesia, declarando sua confiança no cuidado de Deus sobre sua vida. E é com base nessa união de realidades distintas que a pesquisa foi elaborada.

Palavras-chave: Salmo. Pastor. Ovelha. Banquete. Fidelidade.

ABSTRACT

When observing the book of Psalms, expressions of worship, praise and prayer to God are found. This book, used as a hymnal by the people of Israel, also brings experiences lived by its authors, as is the case with number 23, the object of the research. It is known that Psalm 23 was written by David, a man who shepherded sheep in his youth, was anointed by the prophet Samuel to be king of Israel and, throughout his life, despite his failures, had great experiences with God. David then unites his experiences in a poem, declaring his confidence in God's care for his life. And it is based on this union of different realities that the research was developed.

Keywords: Psalm. Shepherd. Sheep. Banquet. Fidelity.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade Unopar. Graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: nathaliaccardoso@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ao olhar para o livro de Salmos, o número 23 ressalta aos olhos. Entre os mais conhecidos, é comumente um texto memorizado e recitado pelos cristãos, encontrado em lugares públicos e comerciais com fácil visibilidade ou até mesmo em Bíblias abertas nas casas com um sentimento supersticioso. Ainda assim, há muito mais para entender a respeito dessas linhas, já que há comparações feitas pelo autor, pois coloca-se no lugar de uma ovelha, de um convidado de honra e finaliza estabelecendo a sua confiança na bondade e na fidelidade encontrada no Deus verdadeiro a quem servia.

Pensando nisso com mais atenção, surgem alguns questionamentos, afinal, essa transição entre os assuntos é um tanto curiosa. Como deve-se observar e compreender a profundidade dos escritos, levando em consideração a cultura da época, as vivências do próprio autor e a linguagem utilizada para expressar esse louvor a Deus? Através desta pesquisa há a intenção de esclarecimento dos questionamentos, bem como de facilitar o entendimento através de uma interpretação mais profunda e eficaz, considerando todos os aspectos envolvidos no processo. Para absorver o real ensino desse texto, a contextualização será um guia, afinal, a escolha dos comparativos é, sem dúvidas, feita com propriedade, ou seja, alguém que vivenciou tais situações e conseguiu expressar com veemência aquilo que sentia ao escrever esta poesia.

1. A OVELHA E SEU PASTOR

Antes de iniciar uma interpretação profunda do texto em questão, é importante observar a linguagem utilizada para os textos dos Salmos. O livro dos Salmos é um livro de canções e orações utilizado pelo povo de Israel em diversas situações, e sua linguagem é classificada como poesia hebraica. Para o povo de Israel, estes escritos têm sido sua oração e fonte de doutrina há milênios, sendo conhecido como “louvor verdadeiro”.² Além disso, o livro dos Salmos tem sido dividido por teólogos, visando uma melhor percepção do conteúdo. A maioria dos teólogos traz a divisão em cinco partes, possivelmente para assemelhar com a Torá (os cinco primeiros livros bíblicos que conhecemos como Pentateuco). O Salmo 23 é encontrado no primeiro volume desta coletânea, que contempla do número 1 ao 41, cuja autoria, de pelo menos 37 salmos destes 41³, é atribuída a Davi, ficando assim, o objeto deste estudo dentro dos Salmos atribuídos a Davi.

A partir dessa compreensão, inicia-se a jornada para assimilar o uso da figura de uma ovelha e um pastor, referindo-se ao relacionamento de Davi com Deus. Naquele tempo era muito comum o pastoreio de ovelhas e pode-se recordar de homens citados na Bíblia com tal

² WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M. **Os Salmos como adoração cristã**: um comentário histórico. São Paulo: Shedd, 2015, p. 45.

³ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: poéticos. Santo André: Geográfica, 2006, vol. 3, p. 85.

função⁴, como Abel⁵ (Gn 4.2), Moisés⁶ (Êx 3.1) e Davi⁷ (1Sm 16.11). O comparativo simbólico de Deus a um pastor foi utilizado, pela primeira vez, por Jacó em Gênesis 48.15: “E abençoou a José, dizendo: “Que o Deus, a quem serviram meus pais Abraão e Isaque, o Deus que tem sido o meu pastor em toda a minha vida até o dia de hoje [...]”⁸.

Os pastores, no contexto da época, não possuíam terras. Eram considerados nômades e viviam em busca de novas terras e pastos para suas ovelhas. A preocupação desse pastor em dar todo o suporte para seu rebanho é visível quando Davi realiza a comparação, afirmando que, sendo o Senhor, o Deus único e verdadeiro, o seu pastor, de nada viria a ter falta, pois o pastor supre todas as suas necessidades, conduzindo as ovelhas a lugares que tenham pastos para se alimentarem, água limpa para beberem e onde serão protegidas dos lobos, cuidadas e limpas das impurezas.⁹ Por demonstrar o cuidado que Deus tem com Seu povo, este Salmo se encaixa na classificação de “Salmos de Segurança”.¹⁰

Vale a reflexão de que, até o momento, os termos para referência a Deus no livro eram mais impessoais ou distantes e chamá-Lo “pastor” traz esse relacionamento do Senhor para com o povo a um nível mais íntimo.¹¹ O Salmo 23 retrata a vivência do pastor com seu rebanho, o convívio muito próximo, um zelo em todos os aspectos da vida de suas ovelhas. Em uma tradução mais assertiva, por não haver tempo presente na conjugação verbal do hebraico, significa que o pastor está pastoreando¹², algo constante e contínuo. Em contrapartida, retrata o resultado do tratamento do pastor. É nítida a satisfação e confiança que a ovelha encontra em seu amado pastor. Analisando as escrituras originais desse texto, pode-se notar que Davi expressa que não sentirá carência de nada, pois sabe que todos os seus anseios serão preenchidos por aquele em quem confia e, mesmo conhecendo os perigos que o cercam, reconhece que pode ter paz e segurança, pois está protegido.

1.1 Repouso e tranquilidade

A ovelha é um animal um tanto curioso, não percebe perigos, não reconhece lugares bons, não sobrevive sozinha. Por isso é importante que o seu pastor se preocupe com cada detalhe. O versículo 2 do texto fala sobre o repouso em pastagens verdejantes¹³, que significa uma condução gentil do pastor, responsável por encontrar pastagens que sejam propícias para a alimentação dessa espécie que é tão frágil e dispersa. A importância de encontrar esse

⁴ WIERSBE, 2006, vol. 3, p. 132.

⁵ GEOGRÁFICA. **Bíblia NVI**. Santo André: Geográfica, 2018, p. 3.

⁶ GEOGRÁFICA, 2018, p. 41.

⁷ GEOGRÁFICA, 2018, p. 205.

⁸ GEOGRÁFICA, 2018, p. 38.

⁹ PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. **Nada me faltará**: nas entrelinhas do Salmo 23. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 18.

¹⁰ COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Teologia dos Salmos**: princípios para hoje e sempre. Rio de Janeiro: JUERP, 2000, p. 33.

¹¹ KIDNER, Derek. **Salmos 1–72**: introdução e comentário aos Livros I e II dos Salmos. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980, p. 128.

¹² WIERSBE, 2006, p. 133.

¹³ GEOGRÁFICA, 2018, p. 405.

pasto está em detalhes muito significativos. Por exemplo, a ovelha não tem capacidade de identificar e diferenciar o que é pastagem de algo prejudicial à sua saúde. Além disso, quando a ovelha decide descansar, ela não tem a percepção de ser um terreno apropriado, o que a leva ao risco de rolar e acabar incapacitada de ficar em pé, visto que não consegue retornar à posição adequada sem ajuda de seu pastor. O texto também traz a referência de águas tranquilas para beberem. Por sua incapacidade de identificar perigos, ovelhas podem ser arrastadas por correntezas fortes e, com sua lã encharcada, podem se afogar antes de conseguir sair da água.

O que Davi está retratando é que somente com Deus é possível encontrar um lugar tranquilo, é somente Ele que traz repouso com segurança, pois Ele conduz a lugares apropriados, nos quais há proteção d'Ele mesmo. Ele é quem providencia¹⁴ o lugar de repouso seguro e tranquilo, saciando a alma e concedendo refrigério em Suas águas tranquilas.

1.2 Condução ao caminho

Além de sustentar e saciar, o pastor também é responsável por conduzir seu rebanho. Uma observação mais profunda do versículo 3 revela outra característica das ovelhas. Enquanto guia para os novos pastos verdejantes, o pastor deve atentar-se ao risco de uma de suas ovelhas desviar-se do caminho em que está andando.

Como já citado, a ovelha pode ser muito ingênua e desatenta, o que pode resultar em sua separação do restante do grupo. Quando isso acontece, ela não tem capacidade de encontrar o caminho sozinha. Sendo assim, o que esse versículo está refletindo é que o pastor é aquele que pode resgatá-la, trazê-la de volta ao convívio com o grupo e conduzi-la pelo caminho que deve andar. Davi representa o ser humano que, assim como a ovelha, pode desviar-se do caminho justo de Deus, porém, o Senhor restaura sua vida, resgatando-o de seus caminhos vergonhosos e guiando-o ao Seu caminho justo e reto, *por amor do seu nome*¹⁵, para que Ele não seja envergonhado.¹⁶

1.3 Proteção e Confiança

A figura do pastor de ovelhas é vista sempre com um cajado em sua mão. O cajado nada mais é do que uma vara com uma curvatura na extremidade superior, formando uma espécie de gancho. Essa ferramenta era muito útil para que o pastor pudesse direcionar o grupo enquanto andava em direção ao novo pasto. Considerando a geografia local do autor, era um lugar com vales¹⁷ e montanhas, caminhos muito estreitos e de difícil acesso, propícios para deslizamentos e quedas. Quando as ovelhas estavam sendo conduzidas, distrações poderiam levá-las a desvios; um toque com o cajado as colocaria na direção certa. Mas os desvios poderiam resultar em quedas, deixando-as em lugares de difícil acesso. Quando se encontravam em

¹⁴ PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 23.

¹⁵ GEOGRÁFICA, 2018, p. 405.

¹⁶ KIDNER, 1980, p. 129.

¹⁷ PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 44.

situações assim, ficavam paralisadas, mas o pastor não as abandonava! Sendo assim, o bordão¹⁸ auxiliava no resgate.

Para Davi, ter Deus como seu pastor era sinônimo de sustento, satisfação, condução, segurança e proteção. Com sua experiência como pastor, sabia que podia descansar, pois nenhum perigo poderia ser maior do que o cuidado do Senhor. Davi enfrentou grandes apuros para proteger suas ovelhas (1Sm 17.34-35) e tinha convicção de que Deus possuía um poder muitíssimo superior ao seu para guardar as ovelhas que são parte de Seu rebanho.¹⁹

2. O CONVIDADO E SEU ANFITRIÃO

Muitos teólogos, ao interpretarem este Salmo, entendem por completo como uma representação do relacionamento de uma ovelha com seu pastor. Porém, parece que, ao chegar no versículo cinco, há modificação na cena. Pensar em uma ovelha recebendo um banquete de seu pastor, diante daqueles que a querem devorar pode ser uma possibilidade, mas é difícil imaginar uma ovelha recebendo um cálice. Além disso, a ameaça trazida no versículo quatro é diferente, pois agora a ideia é expressar êxito, conquista e honra.²⁰ Os que defendem o seguimento da mesma ideia inicial, trazem o banquete como o pasto preparado previamente pelo pastor, no qual as ovelhas comem tranquilamente, mesmo sendo observadas pelas feras que ficam à espreita, até mesmo porque o termo mesa²¹ é utilizado para referir-se a regiões altas de montanhas, nas quais há pastos verdejantes no verão.

Em relação ao óleo, este era utilizado para evitar que moscas nasais perturbassem e causassem problemas à saúde da ovelha. Os pastores costumavam utilizar óleo na cabeça do animal para evitar o importuno.²² A análise do versículo cinco será feita a partir de outra perspectiva, também vivenciada pelo autor: o convidado e o anfitrião. Um cenário novo, diferente dos campos e perigos de feras, um relacionamento ainda mais próximo, sentado à mesa do Senhor, o grande Rei.

2.1 O banquete

O convite para um banquete²³ para a sociedade atual talvez não traga, de forma tão explícita, o que representava naquela época. Mesmo assim, realizar uma festa com um jantar especial para alguém é sinônimo de grande estima por ele. Culturalmente, na região do oriente esse convite é uma demonstração profunda de relacionamento. Piragine Júnior destaca que “na cultura oriental, convidar alguém para uma refeição é símbolo de compromisso, de amizade e até de proteção, pois o hóspede deve ser protegido por seu hospedeiro”.²⁴

¹⁸ Bordão é o nome utilizado para referir-se à extremidade do cajado em forma de gancho.

¹⁹ GEOGRÁFICA, 2018, p. 207.

²⁰ KIDNER, 1980, p. 131.

²¹ KELLER, Phillip. **Nada me faltará**: o salmo 23 à luz das experiências de um pastor de ovelhas. 2.ed. Venda Nova: Betânia, 1980, p. 88.

²² KELLER, 1980, p. 99.

²³ O termo banquete se refere a uma refeição grande, festiva e luxuosa; uma refeição especial.

²⁴ PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 52.

Além de receber um convite de grande honra, Davi ainda retrata como sendo algo público em que, até mesmo os seus inimigos²⁵ podem ver que há um lugar para ele à mesa do Senhor. Para o mundo antigo, a existência de uma aliança²⁶ pode ser demonstrada através de uma refeição compartilhada, ou seja, utilizar em sua escrita essa mesa que o Senhor prepara para ele de forma pública, possivelmente tinha a intenção de demonstrar o elo de compromisso entre Davi e Deus para todos. Ao iniciar o versículo cinco com estas palavras, Davi expressa que tinha comunhão com o Senhor, sentia-se protegido e confiava firmemente no cuidado e provisão que Deus oferecia.

2.2 A unção

Ter a unção de Deus era algo extremamente honroso e especial. No Antigo Testamento são encontrados relatos daqueles a quem o Senhor escolhia de modo particular para receberem-na.²⁷ Pode-se imaginar que, ao utilizar essa referência, Davi possa ter recordado aquilo que vivenciou em sua juventude.²⁸ O ato de ungir representa capacitação para liderar o povo e deve-se considerar que o termo utilizado em referência ao Messias, no original *mashiah*²⁹ significa “o ungido”.

Para Piragine Júnior destaca que “sentar-se à mesa do Senhor já era um grande privilégio, ser ungido dele, então, é algo tremendo. Davi não era só ovelhinha, mas o escolhido de Deus para reinar”.³⁰ Assim, é possível observar que Davi utilizou essa referência para trazer à sua memória e de todos a sua volta que o Senhor o escolheu, capacitou e o colocou em uma posição de liderança sobre o povo. Além de ser assistido, foi escolhido por Deus.

2.3 O cálice

A ideia do cálice que transborda pode ser vista a partir de duas perspectivas. A primeira seria de que a unção é tão grande, chegando ao ponto de transbordar, o que Deus derrama é tão abundante e atinge a quem está ao redor daquele que recebe.³¹ Por outro lado, pode-se pensar nesse cálice transbordando como um sinal de que é impossível que cessem os recursos³² que o Senhor provê, suprimindo a todas as necessidades e sendo muito mais abundante.

De igual modo, os pontos de vista demonstram que o relacionamento de Davi com Deus lhe traz muita satisfação. Sua vida é repleta de grande alegria, pois o Senhor se revela e oferece o melhor até mesmo para um ser tão pequeno e pecador.³³

²⁵ GEOGRÁFICA, 2018, p. 405.

²⁶ KIDNER, 1980, p. 131.

²⁷ Há algumas passagens bíblicas relatando a unção daqueles a quem o Senhor escolhia, como ocorreu com o próprio Davi, enquanto ainda era pastor de ovelhas (1Sm 16.1-13).

²⁸ GEOGRÁFICA, 2018, p. 205.

²⁹ MITCHEL, Larry A. **Pequeno dicionário de línguas bíblicas**: hebraico e grego. São Paulo: Vida Nova, 2002, p. 77.

³⁰ PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 60-61.

³¹ PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 59.

³² KIDNER, 1980, p. 131.

³³ YATES, Kyle M. **Como agradar a Deus**: estudo no livro de Salmos. Tradução de Waldemar W. Wey. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 46.

3. A CASA DO DEUS BOM E FIEL

Depois de expressar duas realidades já vivenciadas – o pastoreio de um rebanho e a mesa do rei – Davi chega à conclusão de sua poesia demonstrando de forma mais intensa e íntima o que experimentou do Senhor. Após recordar suas vivências nos dois cenários abordados, vêm à sua mente aquilo que aprendeu e recebeu do Senhor. Mesmo sendo alguém que cometeu erros em sua jornada, como o relacionamento com uma mulher comprometida (2Sm 11.2-4), reconhece que Deus lhe estendeu Sua graça.³⁴

Davi sabia em seu íntimo o quanto Deus foi misericordioso com ele, não trazendo o castigo que merecia receber por seus atos.³⁵ Na sequência demonstrar-se-á duas características de Deus presentes em toda a história.

3.1 Bondade e fidelidade

Há certeza na fala de Davi quando diz que a bondade e a fidelidade de Deus o acompanharão por todos os dias em que viver³⁶, ele as experimentou de forma profunda. Davi tinha conhecimento de suas falhas e de todas as vezes em que não agiu de maneira honrosa ao Senhor e, é por reconhecer isso, que ele afirma essa verdade com tanta fé.³⁷

Yates faz uma ilustração, facilitando a compreensão desses dois aspectos ao afirmar: “[...] (Deus) convoca para ficarem sempre ao nosso lado duas jovens auxiliares, muito amáveis, que são destacadas para acompanhar a cada um de nós individualmente”.³⁸ É como se fôssemos escoltados, não com o intuito de sermos observados, mas para sermos conduzidos e auxiliados na realização daquilo que o Senhor deseja.

De uma forma ainda mais íntima, Kidner expõe que essa fala “Sugere a generosidade e apoio sólidos com os quais se pode contar na família ou entre grandes amigos”.³⁹ Ter essa companhia traz segurança e orientação para todas as situações. Por serem aspectos de Deus, são totalmente confiáveis e infalíveis.

3.2 Habitação

Ao ler as palavras do autor “voltarei à casa do Senhor enquanto eu viver”⁴⁰, deve-se considerar que Davi não tinha conhecimento de eternidade. Para uma interpretação correta e adequada, é fundamental compreender o sentido que havia naquele contexto para aqueles que ouviriam ou até repetiriam tais palavras.

Com o uso do termo “casa”, o salmista tem a intenção de fazer referência à família de Deus, representando a satisfação em pertencer a Ele e sem que tivesse intenção de alterar

³⁴ GEOGRÁFICA, 2018, p. 224.

³⁵ PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 64.

³⁶ GEOGRÁFICA, 2018, p. 405.

³⁷ PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 64.

³⁸ YATES, 1983, p. 46.

³⁹ KIDNER, 1980, p. 131.

⁴⁰ GEOGRÁFICA, 2018, p. 405.

essa realidade.⁴¹ Davi finaliza dizendo que está satisfeito e contente por ser um escolhido de Deus. A ideia transmitida nessa última frase, trazendo a conclusão de tudo o que expressou, é de que, ao refletir sobre todos os feitos do Senhor em seu favor, o salmista escolhe estar na presença de Deus, sendo fiel a Ele com louvor e gratidão.⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo sendo um texto muito conhecido, pode-se afirmar que há interpretações equivocadas, trazendo aplicações que não cabem. Uma leitura com atenção, aplicando o contexto e a cultura de quando foi escrito, revela profundidade no texto. Embora haja algumas diferenças de interpretação, observar atentamente que o escritor utilizou daquilo que já havia vivenciado para expressar o que sentia em relação ao Senhor, auxilia para enxergar a complexidade daquilo que estava em seu coração ao pensar nessas palavras.

Davi foi alguém que vivenciou extremos em sua vida. Passou de um pastor de ovelhas, que não possuía terras, considerado nômade, para um governante poderoso, rei de uma grande nação, escolhido pelo próprio Deus para este trabalho. Cometeu erros em sua jornada, se precipitou em algumas atitudes, ainda assim – ou como consequência disso – provou da bondade e da fidelidade de Deus; Sua graça e misericórdia foram abundantes sobre a vida de um pequeno servo.

Davi experimentou da intimidade com Deus, e é por causa de tudo o que o Senhor lhe proporcionou em sua vida que ele pode afirmar que “o Senhor o pastoreia, e por isso, de nada sente falta”, com a convicção de que está acompanhado da Sua bondade e fidelidade. Naquele contexto, Davi não tinha a revelação completa como hoje, mas o que expressa a poesia do Salmo 23 encontra-se diretamente em Jesus Cristo, aquele que supre todas as necessidades de Seu povo, conduzindo, protegendo, saciando e sendo bondoso e fiel. Ao ler o Salmo 23 é preciso enxergar além das linhas escritas e ver a expressão de um coração que reconheceu a grandeza de Deus, o único que pode dar satisfação plena.

REFERÊNCIAS

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Teologia dos Salmos**: princípios para hoje e sempre. Rio de Janeiro: JUERP, 2000.

GEOGRÁFICA. **Bíblia Sagrada NVI**. Santo André: Geográfica, 2018.

KELLER, Phillip. **Nada me faltará**: o Salmo 23 à luz das experiências de um pastor de ovelhas. 2.ed. Venda Nova: Betânia, 1980.

KIDNER, Derek. **Salmos 1 – 72**: introdução e comentário aos Livros I e II dos Salmos. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1980.

⁴¹ KELLER, 1980, p. 117.

⁴² PIRAGINE JÚNIOR, 2017, p. 66.

MITCHEL, Larry A. **Pequeno dicionário de línguas bíblicas**: hebraico e grego. São Paulo: Vida Nova, 2002.

PIRAGINE JÚNIOR, Paschoal. **Nada me faltará**: nas entrelinhas do Salmo 23. 2.ed. Curitiba: ADSantos, 2017.

WALTKE, Bruce K.; HOUSTON, James M. **Os Salmos como adoração cristã**: um comentário histórico. São Paulo: Shedd, 2015.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: poéticos. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 3.

YATES, Kyle M. **Como agradar a Deus**: estudo no livro de Salmos. Tradução de Waldemar W. Wey. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.



**Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional**

SALMO 22: UMA ANÁLISE HISTÓRICA E TEXTUAL

Psalm 22: a historical and textual analysis

Pedro Henrique Winter¹

RESUMO

O artigo “Salmos 22: Uma Análise Histórica e Textual” investiga o Salmo 22, uma poesia judaica tradicionalmente atribuída a Davi, analisando suas interpretações ao longo da história. O estudo abrange as abordagens históricas e teológicas, destacando a relação profética do Salmo com a paixão de Jesus Cristo. A análise textual se concentra na súplica inicial, na qual o autor expressa angústia, e no futuro louvor, enfatizando a confiança nas promessas divinas. O Salmo 22, mais do que um relato do sofrimento humano, ecoa na crucificação de Cristo, em cumprimento a esta e outras profecias encontradas nas Escrituras Sagradas. O trabalho conclui que o Salmo 22 transcende o tempo e a cultura, sendo um testemunho poderoso da relação entre o ser humano e Deus, com promessas que se estendem às gerações futuras e que ressoam na redenção pela paixão de Cristo.

Palavras-chave: Salmo 22. Profecia. Interpretação histórica. Análise textual.

ABSTRACT

The article “Psalm 22: A Historical and Textual Analysis” delves into Psalm 22, a Jewish poem traditionally attributed to David, exploring its interpretations throughout history. The study encompasses both historical and theological perspectives, highlighting the prophetic connection between the Psalm and the passion of Jesus Christ. The textual analysis focuses on the initial plea, where the author expresses distress, and the future praise, emphasizing trust and the universality of divine promises. Psalm 22, beyond a narrative of human suffering, resonates with Christ's crucifixion, fulfilling ancient

¹ O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS; Bacharel em Administração pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul; e Pós-Graduado em Finanças e Mercado de Capitais pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Atua como seminarista na Primeira Igreja Batista em Ijuí. E-mail: pedrohwinter@gmail.com

prophecias. The article concludes that Psalm 22 transcends time and culture, serving as a powerful testament to the relationship between humans and God, with promises extending to future generations and echoing in the redemption through Christ's passion.

Keywords: Psalm 22. Prophecy. Historical interpretation. Textual analysis.

INTRODUÇÃO

O livro dos Salmos, uma coleção de 150 poemas judaicos, tem sido tradicionalmente utilizada no culto público em honra ao Deus de Israel. Estes poemas foram compostos por diversos autores em diferentes épocas. Entre eles, 73 poemas são atribuídos ao rei Davi, datando de cerca de um milênio a.C. Um dos salmos mais proeminentes associados a Davi é o Salmo 22.²

Ao longo da história do judaísmo e do cristianismo, diversas abordagens de interpretação do Salmo 22 surgiram. O uso deste Salmo pelos autores do Novo Testamento conferiu a ele um status inigualável, tornando-o objeto de análise contínua.³ Nesse contexto, este trabalho se propõe a identificar as principais abordagens de interpretação deste Salmo, contextualizá-las historicamente e destacar os pontos-chaves de compreensão relacionados a este Salmo específico.

No que diz respeito à análise textual, devido à limitação de espaço, a análise será concentrada nos versículos considerados essenciais para uma compreensão abrangente do texto. Priorizar-se-á, principalmente as perspectivas histórica e cristológica, pois, sob a ótica cristã, a compreensão plena do Salmo 22 emerge quando relacionada à aflição messiânica de Jesus Cristo, iluminando sua interpretação.⁴

1. A INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA DO SALMO 22

A interpretação do Salmo 22 evoluiu ao longo da história, passando por várias fases, começando pela perspectiva judaica. Em seguida, os teólogos cristãos desde os tempos bíblicos também contribuíram para as interpretações. Recentemente, no entanto, surgiu uma interpretação mais crítica, filosófica e moral, que se afasta em parte da abordagem espiritual anteriormente predominante.⁵

1.1 A interpretação judaica

O Salmo 22 não tem tanto espaço na tradição rabínica quanto tem entre os teólogos cristãos. Mas em alguns escritos é encontrada a sua relação com as aflições de um messias judeu.⁶ Uma passagem que aborda o tema de um Messias sofredor é encontrada em “Pesiqta

² DAVIS, J. D. **Dicionário da Bíblia**. Tradução de J. R. Carvalho Braga. 22.ed. São Paulo: Hagnos, 2002, p. 526.

³ SCHÖKEL, L. A. **Salmos I: salmos 1-72**. São Paulo: Paulus, 1996, p. 373.

⁴ HARMAN, A. **Psalms 1-72: a mentor commentary**. Nairobi: Mentor, 2011, vol. 1.

⁵ WALTKE, B. K.; HOUSTON, J. M. **Os Salmos como adoração cristã: um comentário histórico**. São Paulo: Shedd, 2015, p. 108-111.

⁶ GARBER, Z. **The Jewish Jesus: revelation, reflection, reclamation**. Purdue University Press, 2011, p. 106. Disponível em: https://bibleinterp.arizona.edu/sites/bibleinterp.arizona.edu/files/docs/Psalm_22.pdf. Acesso em: 09 out. 2023.

Rabbati”, uma obra homilética rabínica que contém numerosas passagens messiânicas, que se concentra principalmente no Messias Efraim.⁷ Outros vestígios que podem ter utilizado o Salmo 22 em relação a uma figura salvífica são encontrados nos textos pseudoepígrafos de José e Aseneth, particularmente em alguns dos manuscritos, e na Sabedoria de Salomão.⁸

Outros eruditos rabínicos, que tiveram uma inclinação nacionalista, evitaram as primeiras interpretações dos textos bíblicos como referência a um Messias sofredor e reinterpretaram as mesmas referências bíblicas como aludindo aos sofrimentos da nação de Israel.⁹ Outros ainda, como consta no Midrash Tehillim, relacionam os incidentes da vida de Ester na corte persa com o Salmo 22.¹⁰

Do ponto de vista litúrgico, o Salmo 22 desempenha um papel significativo no contexto do serviço comemorativo do Purim. Na cultura judaica, é considerado um Salmo atribuído a Davi e era recitado como uma oração de um homem justo, conforme evidenciado na Yoma 29a do Talmud Babilônico.¹¹

A relevância desse Salmo é evidenciada também pelo seu uso na comunidade de Qumran, onde os Manuscritos do Mar Morto foram descobertos. Esses manuscritos incluem rolos que contêm hinos de ações de graça, conhecidos como “Hodayot”, que são claramente inspirados no Salmo 22. É importante notar que o uso desse Salmo nesse contexto é predominantemente individual e não está relacionado a uma interpretação messiânica. Em vez disso, o autor o incorpora em sua vida pessoal como uma poderosa ferramenta de oração.¹²

1.2 A interpretação apostólica

O livro de Salmos foi o mais utilizado pelo Novo Testamento, dois terços das citações ao Antigo Testamento (AT) são dos Salmos. Os apóstolos, além disso, desenvolveram a interpretação de determinados Salmos como profecias sobre Jesus Cristo e como os ensinamentos distintos resultantes da Encarnação, Ressurreição, Ascensão e Pentecoste.¹³

Neste aspecto, nenhum Salmo é mais citado nos evangelhos que o Salmo 22, sugerindo que ele moldou as narrativas da Paixão dos evangelhos sinóticos.¹⁴ O Salmo 22 inteiro é considerado uma fonte de reflexão relativa à paixão de Jesus e ao seu triunfo. Um provável sinal de uso evangélico muito antigo é o fato de que os elementos do Salmo são totalmente

⁷ GARBER, 2011, p. 106.

⁸ GARBER, 2011, p. 114-117.

⁹ BLOWERS, P. M. **The Bible in Greek Christian Antiquity**. Notre Dame: University of Notre Dame, 1997, p. 60.

¹⁰ MENN, E. M. **No Ordinary Lament**: Relecture and the identity of the distressed in Psalm 22, HTR 93, n. 4, 2000, p. 301-341.

¹¹ GARBER, 2011, p. 114.

¹² WILKEN, I. I. S. Hodayot: jóia da literatura qumrânica: os hinos qumrânicos. **Revista de História**, v. 30, n. 62, 1965, p. 317. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123423>. Acesso em: 9 out. 2023.

¹³ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 45.

¹⁴ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 400.

integrados na trama da narração. O poema não é considerado um ponto de referência exterior à narração, mas se tornou essa própria narração.¹⁵

Entre os quatro evangelistas, Mateus (Mt 27.46) e Marcos (Mc 15.34) registram o momento em que Jesus, próximo à sua morte, clama “Eloí, Eloí, lamá sabactâni”. Isso é claramente uma referência ao Salmo 22, cuja tradução é “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”

Quando comparado o relato de Mateus com o de Marcos, surge a possibilidade de que Marcos tenha registrado as palavras exatas que Jesus proferiu. Por outro lado, Mateus pode ter escolhido um texto que relaciona diretamente a passagem com o hebraico do Salmo 22 e com as palavras de escárnio que fazem parecer que Jesus estava chamando por Elias. No entanto, não se pode afirmar com certeza qual das formas, “Eli, Eli” ou “Eloi, Eloi”, representam as palavras exatas originalmente proferidas por Jesus.¹⁶

1.3 A interpretação da Igreja Primitiva

Os primeiros pais cristãos baseiam seus comentários nos Salmos sobre o ministério da Trindade, e a ortodoxia deles foi, deste modo, testada.¹⁷ Para argumentar a favor da divindade de Cristo e da sua morte vicária, diversos pais da igreja usaram o Salmo 22 em suas argumentações contra os líderes do judaísmo.¹⁸

Justino, o Mártir (c. 100-165 d.C.), foi um dos primeiros a defender o Salmo 22 como uma profecia acerca do messias,¹⁹ opondo-se ao rabino Trypho. Outros pais da igreja, como Hipólito de Roma (c. 170-235 d.C.), Clemente de Alexandria (c. 150-215 d.C.), Irineu de Lyon (c. 130-202 d.C.) e Orígenes de Alexandria (c. 184-254 d.C.) também se dedicaram a interpretação do Salmo 22 como sendo uma alusão à paixão de Cristo.²⁰

1.4 A interpretação da Igreja Romana

Durante os primeiros séculos da Igreja no Império Romano, o Salmo 22 transcendeu seu papel inicial como um campo de batalha entre cristãos e judeus, bem como entre os heréticos, tornando-se um palco de debate entre dois grupos distintos: os puristas e os inclusivistas. Esse novo debate foi desencadeado pela conversão à fé cristã de pessoas que não tinham experimentado qualquer sofrimento pelo evangelho, mas que, não obstante, estavam sendo integradas nas funções eclesiais. Esse fenômeno se destacou em contraste com o sacrifício de numerosos mártires que haviam entregado suas vidas em nome de sua fé. Nesse contexto, o Salmo 22 passou a ser interpretado como uma representação do sofrimento e da injustiça experimentados por essas pessoas.²¹

¹⁵ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 91.

¹⁶ HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento**: Mateus. São Paulo: Cultura Cristã, 2001, vol. 2, p. 662.

¹⁷ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 45.

¹⁸ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 47-51.

¹⁹ GARBER, 2011, p. 113-114.

²⁰ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 402-403.

²¹ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 405.

No entanto, na interpretação apostólica permaneceu a abordagem dominante na leitura deste texto, embora tenha incorporado algumas adições e especificações por parte de diversos pensadores. Agostinho de Hipona (354-430 d.C.), por exemplo, sustentava que no versículo 1, no qual se lê: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”,²² Cristo estava intercedendo em favor da humanidade, pois Ele assumiu os pecados da humanidade para fazer com que Sua justiça se tornasse nossa.²³

Na Idade Média, os monges que levavam uma vida de reclusão, tradicionalmente aplicavam o Salmo 22 ao exercício diário da lectio divina, que consistia na leitura meditativa da Bíblia, com uma abordagem que abarcava interpretações literal, alegórica, tropológica e anagógica (mística).²⁴ Neste contexto, as interpretações alegóricas e místicas gradualmente ascenderam como as formas predominantes de abordar os textos bíblicos durante esse período histórico, e o Salmo 22 não foi exceção a essa tendência.

Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), por exemplo, adotou uma abordagem alegórica ao identificar figurativamente os inimigos de Cristo como animais: Pilatos era representado como o leão; os sumos-sacerdotes e escribas orgulhosos eram simbolizados como unicórnios; e os judeus eram associados a um cão.²⁵

1.5 A interpretação dos reformadores

Antes mesmo da reforma protestante, exegetas como Nicholas de Lyre (1270-1349 d.C.) enfatizavam uma abordagem mais literal e menos alegórica dos textos bíblicos.²⁶ Essa abordagem se tornou tendência entre os reformadores, que em sua maioria, davam ênfase ao sentido original literal e ao sentido profético deste Salmo.

Martinho Lutero (1483-1546 d.C.) foi um dos expoentes da transição da exegese medieval para a moderna. Para Lutero, toda abordagem bíblica foca em Cristo,²⁷ por isso, ele desenvolveu um comentário cristológico sobre os Salmos. Por não ficar satisfeito com a qualidade de seu primeiro comentário, Lutero começou a escrever um segundo comentário: *Operationes in Psalmos* (Obas sobre os Salmos), publicado em 1520. Mas a segunda tentativa parou com o Salmo 22, quando foi apanhado na crise de sua excomunhão.²⁸ Sobre o Salmo 22, Lutero afirma em seu comentário que “só a cruz é a nossa teologia”.²⁹

Calvino (1509-1564 d.C.) interpreta o Salmo 22 como uma expressão de Davi, na qual ele descreve a sua aflição e angústia, chegando a um ponto em que se sente à beira da desesperança. No entanto, à medida que relembra as calamidades que o afligiram tão intensamente, ele emerge das profundezas das tentações, recupera sua coragem e se

²² **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.

²³ HIPONA, A. **Expositions of the Psalms 1-32**. Nova York: New City, 2000, vol. 1, p. 229.

²⁴ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 408.

²⁵ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 411-412.

²⁶ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 412.

²⁷ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 69.

²⁸ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 70.

²⁹ LUTERO, M. **Operationes in Psalmos**. Wheaton College, v. 2, 1520. Disponível em: https://archive.org/details/OperationesInPsalmos_201903/page/n5/mode/2up. Acesso em: 11 de outubro de 2023.

conforta com a certeza de que será libertado. Ao fazer isso, Davi, por meio de sua própria experiência, também prefigura um tipo de Cristo. Ele representa um Cristo que, ciente por meio da profecia, sabia que era necessário passar por formas notáveis e incomuns de humilhação antes de ser exaltado pelo Pai.³⁰

1.6 A interpretação moderna

A partir do século XVIII, observa-se uma progressiva separação entre as dimensões históricas e espirituais na interpretação dos textos bíblicos.³¹ A expansão da crítica textual no século XX acrescentou uma nova dimensão ao aspecto histórico da pesquisa dos Salmos, agravando ainda mais a perda da dimensão espiritual presente nos Salmos.³² Alguns críticos, atualmente, inclusive sugerem que versículos como os de 27 a 32 podem ser posteriores à composição original do Salmo.³³

Quanto ao método histórico-crítico, este ressaltou grandemente o significado histórico da Bíblia ao ponto de quase excluir a sua relevância para o presente. O surgimento da chamada nova crítica, incluiu novos elementos preocupantes à interpretação bíblica. Este método traz uma crescente ênfase no papel do leitor no significado do texto, desenvolvendo um forte elemento de subjetividade no trabalho de interpretação.³⁴

Em contrapartida, nas publicações mais recentes dos comentários dos Salmos, sugere-se que, como em todas as tendências acadêmicas, “a crítica textual” e suas derivações estão também demonstrando sinais de esgotamento.³⁵ Brevard Childs (1923-2007 d.C.), por exemplo, que foi pioneiro na abordagem canônica-messiânica, traz, de certa forma, um retorno ao enfoque mais claro de Calvino. Essa abordagem busca enfatizar a interpretação de certos Salmos, como o Salmo 22, como referências a Jesus Cristo, destacando o aspecto espiritual e messiânico das escrituras.³⁶

2. ANÁLISE TEXTUAL

Segundo a perspectiva de Schökel, o Salmo 22 se enquadra perfeitamente nos cânones da súplica individual, composto por dois elementos principais: a petição de ajuda na tribulação e a promessa de louvor e ação de graças pela libertação. Consequentemente, Schökel divide o Salmo em duas partes distintas: a primeira com ênfase na “súplica”, que engloba os versos de 1 a 22, e a segunda abordando o “futuro louvor”, que se estende dos versos 23 a 31.³⁷ Estes serão os destaques a seguir.

³⁰ CALVINO, J. **O livro dos Salmos**. São Paulo: SOCEP, 1999, p. 469.

³¹ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 79.

³² WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 85.

³³ RAVASI, G. **Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione**. Bologna: Dehoniane Bologna, 1981, vol. 1, p. 403.

³⁴ SILVA, M. **Abordagens contemporâneas na interpretação bíblica**. São Paulo: Fides Reformata, 1999. Vol. 4.

³⁵ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 87.

³⁶ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 111.

³⁷ SCHÖKEL, 1996, p. 360-361.

2.1 Súplica

A seção inicial deste capítulo, que é a “Súplica”, começa com um questionamento profundo do autor, refletido no versículo 1 do Salmo 22: “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste? Por que estás tão longe de salvar-me, tão longe dos meus gritos de angústia?”³⁸ Este questionamento inicial pode despertar uma variedade de emoções nos leitores, uma vez que aparenta uma acusação de abandono contra Deus por parte do autor.³⁹

É importante observar que, para VanGemeren, a Bíblia nos ensina que na jornada da vida, há espaço para um diálogo sincero com Deus, que inclui não apenas orações de agradecimento, mas também perguntas difíceis. A obediência a Deus é mais bem compreendida quando se estabelece em um contexto de relacionamento inteligente, no qual a busca por compreensão e a expressão de angústias não são apenas permitidas, mas também valorizadas.⁴⁰

O versículo do Salmo 22:6, que afirma: “Mas eu sou verme, e não homem, motivo de zombaria e objeto de desprezo do povo”,⁴¹ reflete uma visão profunda do autor. Através deste verso, o autor original expressa sua própria miséria, destacando a necessidade de Deus estender Sua mão para a salvação.⁴²

Já no contexto vivido por Cristo, Calvino destaca que a humilhação extrema suportada pelo Filho de Deus, que se sentiu “reduzido a uma ignomínia tal”, não obscurece sua glória celestial, mas, ao contrário, serve como um espelho nítido que reflete a graça incomparável de Cristo. Esta interpretação sublinha a ideia de que a humilhação de Cristo é um aspecto necessário de sua missão salvadora e não diminui sua divindade, mas realça a grandiosidade de Sua graça.⁴³

Além disso, Wiersbe observa que a declaração “sou verme e não homem” reflete a maneira como os líderes de Israel e os oficiais romanos desprezaram Jesus de Nazaré. Essa expressão destaca a falta de valor que esses indivíduos atribuíam a Cristo, sublinhando a hostilidade e rejeição que Ele enfrentou.⁴⁴ O trecho do Salmo 22:7-8, que relata: “Caçoam de mim todos os que me veem; balançando a cabeça, lançam insultos contra mim, dizendo: Recorra ao Senhor! Que o Senhor o liberte! Que ele o livre, já que lhe quer bem!”⁴⁵ revela uma intensa zombaria e desdém enfrentados pelo salmista.

Calvino sugere que os inimigos de Davi estavam empenhados em minar sua esperança, zombando das promessas de Deus. Eles indiretamente o acusavam de hipocrisia, alegando que, se ele fosse realmente um filho de Deus, o Senhor viria em seu socorro. Essa acusação assemelha-se à que Cristo enfrentou na cruz, quando os que o zombavam o desafiavam a ser

³⁸ **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.

³⁹ VANGEMEREN, W. A. **New international dictionary of Old Testament theology and exegesis**. Grand Rapids: Zondervan Academic, 1997, vol. 4, p. 876.

⁴⁰ VANGEMEREN, 1997, p. 876.

⁴¹ **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.

⁴² CALVINO, 1999, p. 480.

⁴³ CALVINO, 1999, p. 481.

⁴⁴ WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico expositivo: poéticos**. Santo André: Geografia, 2006, vol. 3, p. 131.

⁴⁵ **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.

salvo por Deus. Isso realça as semelhanças entre as experiências de Davi e as de Cristo, destacando a natureza profética do Salmo 22 em relação à paixão de Cristo.⁴⁶

Por outro lado, Schökel oferece uma perspectiva reconfortante ao destacar o versículo 25 do Salmo, que responde a essa situação de zombaria. O versículo indica que o Senhor não desprezou o salmista. Essa resposta ressalta a confiança do salmista de que, apesar da zombaria e do sofrimento, Deus não o abandonaria e cumpriria Suas promessas.⁴⁷ O trecho do Salmo 22:16-17, que afirma: “Cães me rodearam! Um bando de homens maus me cercou! Perfuraram minhas mãos e meus pés. Posso contar todos os meus ossos, mas eles me encaram com desprezo”,⁴⁸ é notável por sua profundidade e potencial interpretação profética.

Waltke e Houston, ao se referirem à expressão “cães” no verso 16, sugerem que se trata de cães impuros e desprezíveis, e não cães de caça.⁴⁹ Isso acentua a hostilidade e a malignidade daqueles que cercam o salmista, tornando a imagem ainda mais sombria.

Ademais, Wiersbe destaca a impressionante descrição feita por Davi, que, de maneira notável, corresponde à de um homem sendo crucificado, embora a crucificação não fosse a pena capital em Israel, e é improvável que Davi tenha testemunhado tal forma de execução.⁵⁰ Essa descrição, então, carrega uma ressonância profética à luz do sofrimento de Cristo na cruz.

Essas interpretações ilustram a profundidade e a complexidade do Salmo 22, que não apenas descreve o sofrimento humano e a hostilidade enfrentada pelo salmista, mas também ressoa de maneira notável com a crucificação de Cristo, demonstrando a riqueza das mensagens contidas nas Escrituras.

2.2 Futuro louvor

No trecho do Salmo 22.23-24, que declara: “Louvem-no, vocês que temem o Senhor! Glorifiquem-no, todos vocês, descendentes de Jacó! Tremam diante dele, todos vocês, descendentes de Israel! Pois não menosprezou nem repudiou o sofrimento do aflito; não escondeu dele o rosto, mas ouviu o seu grito de socorro”,⁵¹ observa-se uma transição para o “Futuro Louvor” que ecoa com gratidão e reconhecimento.

Calvino destaca que, ao se envolver no louvor individual, cada pessoa, em seu próprio lugar, serve como um exemplo que convida e estimula a igreja a adorar a Deus.⁵² Isso realça o papel central da adoração na comunidade e a influência que cada indivíduo pode ter na promoção da adoração coletiva.

Por sua vez, Wiersbe amplia o significado do ambiente de louvor descrito, referindo-se “a grande congregação”, que abrange não apenas os descendentes de Jacó (Israel), mas também os gentios convertidos.⁵³ Isso destaca a ideia de que o louvor não se limita a um único

⁴⁶ CALVINO, 1999, p. 482-483.

⁴⁷ SCHÖKEL, 1996, p. 364.

⁴⁸ **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.

⁴⁹ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 429.

⁵⁰ WIERSBE, 1996, p. 131.

⁵¹ **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.

⁵² CALVINO, 1999, p. 497.

⁵³ WIERSBE, 1996, p. 132.

grupo étnico ou nação, mas se estende a todos aqueles que são salvos por Cristo, independentemente de sua origem.

No relato do Salmo 22.30-31 observa-se que: “A posteridade o servirá; gerações futuras ouvirão falar do Senhor, e a um povo que ainda não nasceu proclamarão seus feitos de justiça, pois ele agiu poderosamente”.⁵⁴ Essa é uma declaração de esperança na universalidade da proclamação do nome de Deus.

Waltke e Houston enfatizam que, dado que o louvor dos gentios se estenderá a toda a terra, o testemunho da geração adoradora se projeta para além de sua própria posteridade, abrangendo outras nações.⁵⁵ Isso destaca a ideia de que a adoração e o testemunho da justiça de Deus têm um impacto duradouro e se espalham para além de fronteiras e gerações.

Em adição, Wiersbe vê nesse texto o cumprimento da promessa feita por Deus a Abraão (Gn 12.1-3). Ele destaca que as bênçãos da expiação e do reino não são temporárias, mas eternas, ressaltando a perenidade do domínio e do testemunho de Deus.⁵⁶

Calvino identifica na passagem (Gn 12.1-3) a promessa de que o evangelho será pregado de pais para filhos de geração em geração.⁵⁷ Isso enfatiza a continuidade da fé e do testemunho ao longo do tempo, essencial para a transmissão das boas novas de Cristo.

Essas interpretações dos teólogos acima mencionados destacam a esperança na continuidade das promessas divinas, evidenciando a importância de compartilhar a fé e a justiça de Deus com as gerações futuras e todas as nações. Desta forma, o nome de Deus será exaltado e a sua justiça reconhecida até o fim dos tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, este trabalho explorou de forma abrangente o Salmo 22, oferecendo uma análise das várias abordagens interpretativas ao longo da história. O Salmo de número 22, parte da coleção dos Salmos, é uma obra poética judaica, provavelmente de autoria davídica, que tem sido objeto de intensa reflexão tanto no judaísmo quanto no cristianismo.

O enfoque da investigação textual se concentrou nos versículos considerados essenciais do Salmo, destacando os temas centrais da súplica e do futuro louvor. Além disso, investigou-se a profunda relação entre o Salmo 22 e a paixão de Cristo, demonstrando o reconhecimento de sua natureza profética pela maioria dos teólogos que o examinaram.

Conclui-se que o Salmo 22 é uma obra de imensurável riqueza e complexidade, que transcende as fronteiras do tempo e da cultura. Suas mensagens de sofrimento, confiança e louvor permanecem relevantes para as gerações atuais. O relato do Salmo 22, mais do que simplesmente descrever o sofrimento humano, ressoa na crucificação de Cristo, estabelecendo-se como um texto de profundo significado para a fé cristã ao cumprir as antigas profecias do Antigo Testamento acerca do Messias na figura de Jesus Cristo.

⁵⁴ **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.

⁵⁵ WALTKE; HOUSTON, 2015, p. 438.

⁵⁶ WIERSBE, 1996, p. 132.

⁵⁷ CALVINO, 1999, p. 507.

Em última análise, o Salmo 22 é um testemunho poderoso da complexidade da experiência humana diante de Deus, bem como da promessa de que as gerações futuras continuarão a louvar e proclamar os feitos de justiça do Senhor. Este Salmo perdurará como uma lembrança de que Cristo suportou o maior dos sofrimentos e injustiças para que a justiça divina pudesse redimir a humanidade pecadora.

REFERÊNCIAS

- BLOWERS, P. M. **The Bible in greek christian antiquity**. Notre Dame: University of Notre Dame, 1997.
- CALVINO, J. **O livro dos Salmos**. São Paulo: SOCEP, 1999.
- DAVIS, J. D. **Dicionário da Bíblia**. Tradução de J. R. Carvalho Braga. 22.ed. São Paulo: Hagnos, 2002.
- GARBER, Z. **The Jewish Jesus: revelation, reflection, reclamation**. Purdue University Press, 2011. Disponível em: https://bibleinterp.arizona.edu/sites/bibleinterp.arizona.edu/files/docs/Psalm_22.pdf. Acesso em: 09 out. 2023.
- HARMAN, A. **Psalms 1-72: A mentor commentary**. Nairobi: Mentor, 2011. Vol. 1.
- HENDRIKSEN, W. **Comentário do Novo Testamento: Mateus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. Vol. 2.
- HIPONA, A. **Expositions of the Psalms 1-32**. Nova York: New City Press, 2000. Vol. 1.
- LUTERO, M. **Operationes in Psalms**. Wheaton College, 1520, v.2. Disponível em https://archive.org/details/OperationesInPsalms_201903/page/n5/mode/2up. Acesso em: 11 out. 2023.
- RAVASI, G. **Il libro dei Salmi: commento e attualizzazione**. Bologna: Dehoniane Bologna, 1981. Vol. 1.
- SCHÖKEL, L. A. **Salmos I: Salmos 1-72**. São Paulo: Paulus, 1996.
- SILVA, M. Abordagens contemporâneas na interpretação bíblica. São Paulo: **Fides Reformata**. Vol. 4, N. 2, 1999.
- VANGEMEREN, W. A. **New international dictionary of Old Testament theology and exegesis**. Grand Rapids: Zondervan Academic, 1997. Vol. 4.
- VIDA. **Bíblia Sagrada NVI**. São Paulo: Vida, 2002.
- WALTKE, B. K.; HOUSTON, J. M. **Os Salmos como adoração cristã: um comentário histórico**. São Paulo: Shedd, 2015.
- WIERSBE, W. W. **Comentário bíblico expositivo: Poéticos**. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 3.

WILKEN, I. I. S. Hodayot: jóia da literatura qumrânica: os hinos qumrânicos. **Revista de História**, v. 30, n. 62, 1965. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/123423>. Acesso em: 9 out. 2023.



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

PESQUISA EXEGÉTICA SOBRE O TEXTO DE ATOS 2.37-47

Exegetic research on the text of Acts 2.37-47

Cléber Mateus de Moraes Ribas¹

RESUMO

Esta pesquisa consiste em uma análise bíblico-teológica do texto de Atos 2.37-47 com o propósito de retirar princípios visando à integração de pessoas em comunidades eclesíásticas. Por isso, por meio desta pesquisa buscou-se responder à seguinte questão: quais princípios acerca da integração de pessoas nas comunidades eclesíásticas podem ser extraídos do texto de Atos 2.37-47? Para a produção do trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica com aplicação da metodologia qualitativa. Os métodos utilizados foram os dedutivos e os histórico-gramaticais. Desta forma, no trabalho apresentou-se a estrutura do texto e a sua transcrição na língua original. Em seguida, foi apresentada uma análise e uma interpretação da unidade textual. Por fim, foram propostas uma tradução e uma paráfrase do texto por parte deste pesquisador. Concluiu-se que uma pessoa realmente integrada à comunidade eclesíástica precisa ser impactada pelo testemunho dos cristãos acerca de Jesus, converter-se, ser batizada e, uma vez tendo se tornado membro da igreja, perseverar no estudo das doutrinas cristãs, na comunhão com os demais membros e na participação ativa da adoração comunitária, de forma que seu testemunho venha a impactar outras pessoas. O conteúdo desta pesquisa resultou em parte do texto da Dissertação de Mestrado Profissional em Teologia produzida pelo autor e pode ser utilizado no processo de integração de pessoas na comunidade eclesíástica.

Palavras-chave: Atos dos Apóstolos. Exegese. Integração.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná e Especialista em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial). É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: cleber@batistapioneira.edu.br

ABSTRACT

This research consists of a biblical-theological analysis of the text of Acts 2.37-47 with the purpose of extracting principles aimed at integrating people into ecclesiastical communities. Therefore, through this research we sought to answer the following question: what principles regarding the integration of people in ecclesiastical communities can be extracted from the text of Acts 2.37-47? To produce the work, a bibliographical research was carried out using qualitative methodology. The methods used were deductive and historical-grammatical. In this way, the work presented the structure of the text and its transcription in the original language. Next, an analysis and interpretation of the textual unit was presented. Finally, a translation and paraphrase of the text were proposed by this researcher. It was concluded that a person truly integrated into the ecclesiastical community needs to be impacted by the testimony of Christians about Jesus, convert, be baptized and once having become a member of the church, persevere in the study of Christian doctrines, in communion with the other members and in active participation in community worship, so that their testimony impacts other people. The content of this research resulted in part from the text of the Professional Master's Dissertation in Theology produced by the author and can be used aiming at the integration of people in the ecclesiastical community.

Keywords: Acts of the Apostles. Exegesis. Integration.

INTRODUÇÃO

A unidade textual de Atos 2.37-47 apresenta o relato do início da igreja no dia de Pentecostes. Aquela igreja recém-formada é vista por muitos como um exemplo para as da atualidade. Para o autor da presente pesquisa², isto é ainda mais assertivo no que tange à integração de novos convertidos ao convívio da comunidade eclesial. Por isso, na presente pesquisa será apresentado um estudo interpretativo a partir da língua original da perícopa³ visando extrair princípios para a integração de novos convertidos à comunidade eclesial.

1. A ESTRUTURA DO TEXTO E SUA TRANSCRIÇÃO NA LÍNGUA ORIGINAL

O texto pode ter sido estruturado de forma que constitua um quiasmo⁴. Nos versículos 37 a 41 o tema central é o testemunho dos cristãos e o recebimento de novos convertidos à igreja recém-inaugurada. Já o versículo 42 resume a vida daqueles cristãos, de forma que apresenta o ensino doutrinário e o destaque para a comunhão vivenciada pela igreja, bem como a adoração comunitária manifesta principalmente no partir do pão e nas orações. Os versículos 43⁵ a 46 apresentam os mesmos assuntos do versículo 42 mais

² A presente pesquisa é parte da Dissertação de Mestrado Profissional em Teologia produzida pelo autor.

³ Esta pesquisa tem por público-alvo estudantes com um mínimo conhecimento da língua original do escrito neotestamentário. Entretanto, ainda assim buscar-se-á explicar algumas questões que porventura sejam vistas como necessárias para uma melhor compreensão por parte do leitor.

⁴ Um quiasmo é “um padrão de palavras ou conceitos em que o primeiro e o último são similares, o segundo e o penúltimo são similares etc., facilitando a memorização” (FEE, Gordon D. Novo Testamento. In: STUART, Douglas; FEE, Gordon D. (Colab.). **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Douglas Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 196).

⁵ A expressão “sinais e maravilhas”, presente no versículo 43, aponta para a pessoa e obra de Jesus tendo assim um caráter doutrinário. Isto será mais bem explicado mais adiante.

pormenorizadamente e o 47 aponta para o fato de que os cristãos da igreja recém-inaugurada davam bom testemunho e que novos convertidos eram acrescentados à igreja diariamente.

Assim, segue a possível estrutura para a apreciação do leitor:

A – Testemunho, conversões e entrada na igreja (37-41)

B – O ensino doutrinário, plena comunhão e adoração comunitária (42)

B' – O ensino doutrinário, plena comunhão e adoração comunitária (43-46)

A' – Testemunho, conversões e entrada na igreja (47)

Esta proposta corrobora com a tese aqui defendida de que o texto trata da integração dos cristãos na igreja recém-inaugurada. Isto inclui a sua entrada (v. 37-41 e 47) e atuação (v. 42-46) na comunidade de fé.

Assim, o texto de Atos 2.37-47, transcrito segundo a quarta edição de O Novo Testamento grego, é o seguinte:

³⁷ Ἀκούσαντες δὲ κατενύγησαν τὴν καρδίαν εἰπόν τε πρὸς τὸν Πέτρον καὶ τοὺς λοιποὺς ἀποστόλους· τί ποιήσωμεν, ἄνδρες ἀδελφοί; ³⁸ Πέτρος δὲ πρὸς αὐτούς· μετανοήσατε, [φησίν,] καὶ βαπτισθήτω ἕκαστος ὑμῶν ἐπὶ τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς ἄφεσιν τῶν ἁμαρτιῶν ὑμῶν καὶ λήψεσθε τὴν δωρεὰν τοῦ ἁγίου πνεύματος. ³⁹ ὑμῖν γὰρ ἐστὶν ἡ ἐπαγγελία καὶ τοῖς τέκνοις ὑμῶν καὶ πᾶσιν τοῖς εἰς μακρὰν, ὅσους ἂν προσκαλέσῃται κύριος ὁ θεὸς ἡμῶν. ⁴⁰ ἑτέροις τε λόγοις πλείοσιν διεμαρτύρατο καὶ παρεκάλει αὐτοὺς λέγων· σώθητε ἀπὸ τῆς γενεᾶς τῆς σκολιᾶς ταύτης. ⁴¹ οἱ μὲν οὖν ἀποδεξάμενοι τὸν λόγον αὐτοῦ ἐβαπτίσθησαν καὶ προσετέθησαν ἐν τῇ ἡμέρᾳ ἐκείνῃ ψυχαὶ ὡσεὶ τρισχίλια. ⁴² Ἦσαν δὲ προσκαρτεροῦντες τῇ διδαχῇ τῶν ἀποστόλων καὶ τῇ κοινωνίᾳ, τῇ κλάσει τοῦ ἄρτου καὶ ταῖς προσευχαῖς. ⁴³ ἐγένετο δὲ πάση ψυχῇ φόβος, πολλὰ τε τέρατα καὶ σημεῖα διὰ τῶν ἀποστόλων ἐγένετο. ⁴⁴ πάντες δὲ οἱ πιστεύοντες ἦσαν ἐπὶ τὸ αὐτὸ καὶ εἶχον ἅπαντα κοινὰ ⁴⁵ καὶ τὰ κτήματα καὶ τὰς ὑπάρξεις ἐπίπρασκον καὶ διεμέριζον αὐτὰ πᾶσιν καθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν. ⁴⁶ καθ' ἡμέραν τε προσκαρτεροῦντες ὁμοθυμαδὸν ἐν τῷ ἱερῷ, κλῶντές τε κατ' οἶκον ἄρτον, μετελάμβανον τροφῆς ἐν ἀγαλλιάσει καὶ ἀφελότητι καρδίας ⁴⁷ αἰνοῦντες τὸν θεὸν καὶ ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν. ὁ δὲ κύριος προσετίθει τοὺς σωζομένους καθ' ἡμέραν ἐπὶ τὸ αὐτό.

2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DO TEXTO DE ATOS 2.37-47

A unidade textual apresenta diversos destaques interessantes e questões a se observar de forma mais pormenorizada. As primeiras palavras que carecem de uma explicação mais aprofundada são *κατενύγησαν τὴν καρδίαν* (*katenygesan tēn kardian* – tiveram o coração traspassado), no versículo 37. Elas denotam muito mais que uma simples comoção, de forma que Scholz traduz a expressão como “tiveram traspassado o coração (=ficaram muito abalados)”.⁶ Já Luz traduz como “foram traspassados de compunção o coração”.⁷

Segundo Carter e Earle, “o verbo *katanyssō* é um termo forte, ocorrendo apenas aqui [em Atos 2.37] no Novo Testamento”.⁸ Robertson informa que o verbo está conjugado no

⁶ SCHOLZ, Vilson. *Novo Testamento interlinear grego-português*. Barueri: SBB, 2004, p. 445.

⁷ LUZ, Waldyr Carvalho. *Novo Testamento interlinear*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 382.

⁸ CARTER, Charles W.; EARLE, Ralph. *The Acts of the apostles*. Grand Rapids: Zondervan, 1973, p. 39.

segundo aoristo indicativo⁹ e significa “transpassar, estimular intensamente, golpear”.¹⁰ O aoristo é um tempo verbal que não possui equivalente na Língua Portuguesa. O fato de se tratar de um segundo aoristo não o difere do primeiro em termos de significado, mas implica haver duas formas diferentes de se escrever as formas verbais. A tradução do aoristo não é simples, por causa da ausência de equivalência na Língua Portuguesa e pelo fato de não expressar o tempo, mas o aspecto de uma ação. Por conseguinte, ela dependerá do contexto em que está presente. Entretanto, quando o termo estiver no indicativo, frequentemente é traduzido como o pretérito perfeito do Português.

Tanto Robertson¹¹ quanto Carter e Earle¹² afirmam que Homero utiliza a expressão para descrever o raspar de cascos de cavalos ao bater o solo. Já segundo Gingrich e Danker¹³, o termo *κατενύγησαν* (*katenygesan*), o qual aparece no versículo 37, pode ser traduzido por “ser apunhalado”. Para Vine, Unger e White Junior a ideia é de “picar” ou “golpear violentamente”.¹⁴ Eles também explicam que a palavra *καρδία* (*kardia* – coração) neste contexto denota a consciência humana”.¹⁵ Louw e Nida afirmam que se trata de uma expressão idiomática que pode ser traduzida literalmente como “traspasar o coração” e expressa uma “profunda tensão emocional, que envolve tanto preocupação como pesar – ‘ficar muito aflito’”.¹⁶

Diante disso, talvez uma tradução possível para *κατενύγησαν τὴν καρδίαν* (*katenygesan tēn kardian*) que mantenha o seu sentido metafórico seria “ficaram profundamente aflitos em seus corações” ou “sentiram uma profunda dor em seus corações que os deixou muito aflitos”. Segundo Barclay, “este trecho nos mostra com clareza cristalina o efeito da cruz. Quando os homens viram exatamente o que haviam feito ao crucificar Jesus, seus corações se partiram”.¹⁷

Diante do ocorrido, os ouvintes questionaram o que deveriam fazer. Este questionamento estava diretamente relacionado ao que ocorrera em seus corações. Isto é perceptível pela presença da partícula *τε* (*te* – e), termo que, conforme Louw e Nida, “é um

⁹ Todas as explicações gramaticais com relação ao texto original são extraídas dos livros: ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **Exegese do Novo Testamento**: um guia básico para o estudo do texto bíblico. São Paulo: Vida Nova, 2016. 432 p.; SWETNAN, James. **Gramática do grego do Novo Testamento**. Tradução de Henrique Murachco, Juvino A. Maria Júnior e Paulo Bazaglia. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011. Vol. 1, 451 p.; GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do grego**. São Paulo: Vida Nova, 2010. 347 p.; e REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004. 409 p. (salvo indicação contrária).

¹⁰ ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento**: los hechos de los apóstoles. Barcelona: CLIE, 1988, vol. 3, p 48-49.

¹¹ ROBERTSON, 1988, vol, 3, p. 48-49.

¹² CARTER; EARLE, 1973, p. 39.

¹³ GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento grego/português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984, p. 111

¹⁴ VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JUNIOR, William. **Dicionário Vine**: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002, p. 1002.

¹⁵ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 509.

¹⁶ LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. (Edit.). **Léxico grego-português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 286.

¹⁷ BARCLAY, William. **The Acts of the apostles**. 2.ed. Edinburgh: Saint Andrew, 1955, p. 23.

marcador de uma relação estreita entre acontecimentos ou estados em sequência ‘e, e então’”.¹⁸ Ou seja, o que aconteceu em seus corações está ligado de maneira imediata ao questionamento seguinte, dirigido a Pedro e aos outros apóstolos. Kistemaker informa que o adjetivo λουπούς (*loipous* – outros) é omitido no texto ocidental, mas a presença ou não desta palavra não altera o sentido do restante do texto.¹⁹

Ainda no versículo 37 há a expressão ἄνδρες ἀδελφοί (*andres adelphoi* – varões irmãos). O termo ἀδελφός (*adelphos* – irmão) pode ser traduzido também como “parente próximo”. Quando em conjunto da palavra ἀνὴρ (*aner*²⁰ – homem) anteposta, ela só ocorre para formas de tratamento.²¹ Por conseguinte, a tradução de ambas pode ser resumida em “irmãos”.

A resposta de Pedro, já no versículo 38, é μετανοήσατε (*metanoēsate*), que pode ser traduzida por “arrependam-se” e na sua análise grega encontra-se como “primeiro aoristo (ingressivo) do imperativo, voz ativa”.²² O aoristo ingressivo focaliza o início de um estado ou condição. Esta conjugação também indica “uma ordem que deve ser realizada de modo completo”.²³

Assis afirma que o verbo μετανοέω²⁴ (*metanoēō* – arrepender-se) é composto pelas palavras μετα (*meta*) e vous (*nous*), as quais significam “depois” ou “mudar” e “mente”, respectivamente.²⁵ Já Rega e Almeida divergem de Assis quanto à composição da palavra, pois para eles ela é formada pela junção da palavra μετα com o verbo νοέω (*noēō* – penso) ao invés do substantivo vous.²⁶ Esta segunda opção parece ser a mais correta.

Percebe-se assim que a expressão μετανοέω (*metanoēō*) denota muito mais que simplesmente “sentir remorso”, uma das traduções possíveis, segundo Gingrich e Danker.²⁷ Sobre este sentido mais focado em um elemento emocional, Assis afirma que

De maneira simples podemos dizer que a conversão é a volta de um pecador para Deus. Infelizmente a igreja foi perdendo o sentido original do termo. [...] Elemento emocional foi tão enfatizado que causou uma ruptura tão grande com o original a ponto de a Igreja Católica Romana traduzir ‘*metanoeite*’ em

¹⁸ LOUW; NIDA, 2013, p. 701.

¹⁹ KISTEMAKER, Simon J. **New Testament commentary**: exposition of the Acts of the Apostles. Grand Rapids: Baker Academic, 1990, p. 109.

²⁰ O termo ἄνδρες (*andres*) é derivado de ἀνὴρ (*aner*).

²¹ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 723.

²² ROBERTSON, 1988, p. 49.

²³ REGA, Lourenço Stelio; ALMEIDA, Marcos de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: FABAPAR, 2019, p. 33.

²⁴ Embora os verbos sejam encontrados nos léxicos da língua grega conjugados na primeira pessoa do singular do indicativo ativo, como neste caso, para facilitar a compreensão por parte do leitor quando a palavra grega não estiver nesta conjugação no texto analisado nesta pesquisa será adotada a tradução para o Português do verbo no infinitivo, visto que é a forma mais encontrada em dicionários da Língua Portuguesa. Desta forma, ainda que a tradução literal neste caso seja “eu me arrependo”, a tradução proposta para facilitar a compreensão é “arrepender-se”.

²⁵ ASSIS, Jhonata Santos de. A metanoia de uma conversão: transformando cosmovisões pela renovação da mente. **Summae Sapientiae**, v. 2, n. 1, 2019, p. 197. Disponível em: <https://doi.org/10.53021/summaesapientiae.v2i1.42>. Acesso em: 19 jul. 2023.

²⁶ REGA; ALMEIDA, 2019, p. 33.

²⁷ GINGRICH; DANKER, 1984, p. 134.

Mateus 3.2 por *'poenitentiam agite'* – literalmente 'fazei penitência' – na Vulgata.²⁸

Stern apresenta uma frase completa, com seis palavras, que poderia traduzi-la: “abandonem o pecado, voltem para Deus”.²⁹ Ainda assim, parece que são necessárias mais palavras para definir o termo, devido à sua complexidade.

Ela implica uma completa “mudança do modo de pensar e sentir”³⁰, “uma mudança religiosa e ética de como se pensa, reflete, calcula, vive. Trata-se de uma mudança séria de mente e coração de um ponto de vista ou comportamento anterior”.³¹ Mais do que simplesmente uma mudança na forma de pensar, parece denotar muito mais uma mudança de vida, isto é, uma conversão completa (uma virada total na direção em que a vida era conduzida).

Após a conversão, era-lhes necessário o Batismo. Blomberg argumenta que “é provável que o versículo 38 constitua um quiasmo (A. B. B. A.), em que o arrependimento está ligado ao perdão, e o batismo, ao nome de Jesus”.³² Após a palavra μετανοήσατε (*metanoēsate* – convertei-vos) há uma mudança do plural para o singular em βαπτισθήτω (*baptisthētō* – sede batizado), mudança esta que “respalda a ideia de que os dois verbos estão sendo tratados de modo diferente”.³³ O quiasmo proposto por Blomberg, do versículo 38, seria formado da seguinte maneira:

A - μετανοήσατε (*metanoēsate* – convertei-vos)

B - βαπτισθήτω (*baptisthētō* – sede batizado)

B' - ἐπὶ τῷ ὀνόματι Ἰησοῦ Χριστοῦ (*epi tō onomati Iēsou Christou* – em nome de Jesus)

A' - εἰς ἄφεσιν τῶν ἁμαρτιῶν (*eis aphesin tōn hamartiōn* – para perdão dos pecados)

Neste caso a expressão ἕκαστος ὑμῶν (*hekastos humōn* – cada um de vós) concordaria tanto com βαπτισθήτω (*baptisthētō* – seja batizado) quanto com μετανοήσατε (*metanoēsate* – convertei-vos) sem perder o sentido proposto por ele, embora o fato de μετανοήσατε e ὑμῶν estarem ambos na segunda pessoa do plural poder implicar que estes estivessem relacionados entre si. Uma possível dificuldade desta posição se encontra no termo εἰς (*eis*), traduzido por “para” na maioria das versões em Língua Portuguesa.

Conforme Jones, quando seguido de um acusativo, o termo εἰς (*eis*) pode ser traduzido como sentença casual, significando assim que o Batismo é resultado da fé em Jesus e não o

²⁸ ASSIS, 2019, p. 197.

²⁹ STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Vários tradutores. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Atos, 2009, p. 254.

³⁰ MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento grego**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 412.

³¹ REGA; ALMEIDA, 2019, p. 33.

³² BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos**. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 51-52.

³³ BLOMBERG, 2019, p. 52.

meio para a salvação.³⁴ Horton mostra-se concordante com Jones ao afirmar que a tradução “por causa de” é preferível a “para” visto que se trata da mesma forma de construção no original do relato em que João batizou em água para arrependimento, o que claramente não se refere a alguém ter sido batizado para que, então, fosse produzido o arrependimento.³⁵

No entanto, seu sentido básico, mesmo quando seguido de um acusativo, geralmente é “para”.³⁶ Neste caso, parece que a busca pelo sentido que não é o usual consiste em uma *eisegese* e não *exegese*, visto que se dá o sentido desejado para corroborar uma ideia ou doutrina. Outros textos demonstram que o Batismo não é um meio para a salvação, mas isto não deve servir de pretexto para mudar o significado da palavra neste texto. Diante disso, a proposta de Blomberg parece ser mais coerente com a estrutura do texto e com outros textos que apontam para o Batismo como consequência e não meio de salvação. Esta proposta será considerada como a mais adequada nesta pesquisa e servirá como parâmetro para a tradução que será apresentada.

A palavra βαπτισθήτω (*baptisthētō* – seja batizado), assim como μετανοήσατε (*metanoēsate* – convertei-vos), também se encontra conjugada no primeiro aoristo do imperativo, voz ativa. O significado do verbo βαπτίζω (*baptizō*) é motivo de discordância entre os estudiosos devido a questões doutrinárias acerca da forma do Batismo (por imersão ou aspersão, conforme será explanado mais adiante na presente pesquisa).

Não há muitos estudiosos que defendam que βαπτίζω (*baptizō*) pode significar “derramar” ou “aspersir”³⁷ e Robinson³⁸ é um deles. Segundo ele, ainda que os escritores gregos de modo geral utilizassem o termo para denotar o ato de imergir em água, há argumentos que apontam para a possibilidade de que não seja restrito à imersão.³⁹ Dentre seus argumentos, aquele que pode, aparentemente, ser considerado realmente plausível é o de que seria impossível o Batismo das grandes multidões relatadas no livro de Atos. Ele afirma que

Embora em escritores gregos, como mostrado acima, de Platão em diante, βαπτίζω é em toda parte *afundar, imergir, assoberbar, seja inteira ou parcialmente*; no entanto, no uso helenístico, e especialmente com referência ao ato do batismo, este parece ter expressado nem sempre simplesmente *imersão*, mas a ideia mais geral de *ablução* ou *afusão*. [...] Em At 2.41 é dito que três mil pessoas foram batizadas em Jerusalém, aparentemente num único dia, por ocasião do Pentecoste em Junho; e em At 4.4 o mesmo rito está necessariamente implícito em relação ao acréscimo de cinco mil. Em oposição à ideia de plena *imersão* nestes casos existe uma dificuldade, aparentemente insuperável, na escassez de água. No verão, não há qualquer curso de água corrente na vizinhança de Jerusalém, exceto o

³⁴ JONES, J. Estill. **Hechos**: colaborando en la mision de Cristo. Tradução de Arnoldo Canclini. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 14.

³⁵ HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. Miami: Vida, 1983, p. 40.

³⁶ ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p. 142-143.

³⁷ BRAND, Chad; DRAPER, Charles; ENGLAND, Archie (EdIT.). **Dicionário bíblico ilustrado Vida**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2018, p. 208.

³⁸ ROBINSON, Edward. **Léxico grego do Novo Testamento**. Tradução de Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 147.

³⁹ ROBINSON, 2012, p. 147.

simples bergmanto de Siloé com poucas varas de extensão; a cidade é e era suprida com a água de suas cisternas e reservatórios públicos; *vide* Bíbl. Res. in Palest. I. p. 479-516. De nenhuma destas fontes poderia se obter um suprimento para a imersão de 8000 pessoas.⁴⁰

No entanto, de acordo com Horton, este argumento é equivocado, visto que várias piscinas têm sido descobertas na região e, além disso, o próprio tanque de Betesda era uma grande piscina dupla. Ainda segundo ele, “as facilidades para batismo por imersão, em Jerusalém, eram naquele tempo, muito maiores do que agora”.⁴¹

Conforme Norcott, a palavra significa “mergulhar” ou “imersão”. O termo traz esta ideia tanto nos escritos neotestamentários quanto na LXX e no grego clássico.⁴² Verbrugge afirma que tanto no Judaísmo quanto no Cristianismo o termo tinha este significado, de forma que permaneceu assim quando se tornou um termo técnico.⁴³ Ainda segundo ele,

Na LXX *baptō* geralmente traduz o hebr. *tābal*, mergulhar (13x). *baptizō* ocorre apenas 4x, traduzindo *taba* apenas em 2Rs 5.14, em que é usado na voz média acerca da imersão de Naamã sete vezes no Jordão. O uso de *baptizō* na história de Naamã pode ter sido decisivo para seu uso posterior na voz média significando o ato de tomar um banho ritual para purificação.⁴⁴

Já no grego clássico, βαπτίζω (*baptizō*) era usado para descrever um naufrágio de um navio e, que, portanto, está imerso, totalmente envolvido pela água.⁴⁵ Verbrugge mostra-se concordante com esta ideia referente ao seu uso no grego clássico ao apontar que a palavra significa mergulhar, causar a morte (como afogar um homem⁴⁶ ou afundar um navio).⁴⁷ Assim, não resta qualquer dúvida em relação ao significado do termo, o qual seria “seja batizado (imerso)”.

Quanto à expressão ἐπὶ τῷ ὀνόματι (*epi tō onomati* – no nome), Louw e Nida⁴⁸, Robertson⁴⁹ e Brown e Coenen⁵⁰ são concordantes em afirmar que não há motivo para distingui-la de ἐν τῷ ὀνόματι (*en tō onomati* – no nome), pois ambas têm por significado “em nome, no nome”. Ser batizado em nome de Jesus significava manifestar exteriormente a crença nele como Salvador e Messias.⁵¹ Não há razão para interpretar que este Batismo seja

⁴⁰ ROBINSON, 2012, p. 147.

⁴¹ HORTON, 1983, p. 40.

⁴² NORCOTT, John. **Batismo**: um tratado batista sobre o credobatismo. Tradução de André Soares. Rio de Janeiro: Pronobis, 2021, p. 51.

⁴³ VERBRUGGE, Verlyn D. **Novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**: edição condensada. Tradução de Alexandros Meimaridis e Paulo Sérgio Gomes. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 101.

⁴⁴ VERBRUGGE, 2018, p. 101.

⁴⁵ BRAND; DRAPER; ENGLAND, 2018, p. 208.

⁴⁶ Na presente pesquisa, a expressão “homem” é eventualmente utilizada como substantivo comum de dois gêneros de acordo com a norma gramatical da Língua Portuguesa, que reconhece esta construção com o sentido de “ser humano”.

⁴⁷ VERBRUGGE, 2018, p. 101.

⁴⁸ LOUW; NIDA, 2013, p. 712.

⁴⁹ ROBERTSON, 1988, p. 49.

⁵⁰ BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, vOL. 1, p. 1788.

⁵¹ BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. **Comentario del Nuevo Testamento**: Juan y Hechos. 2.ed. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1974, p. 424.

diferente de alguma forma do Batismo realizado em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. De acordo com Horton, “a autoridade de Jesus aponta para sua própria ordem dada em Mateus 28.19.⁵² Assim, o batismo usual era feito no nome (para o culto e serviço) do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.

Ainda no versículo 38, aparece a expressão τὴν δωρεάν τοῦ ἁγίου πνεύματος (*tēn dōrean tou hagiou pneumatōs* – o dom do Espírito Santo). A palavra δωρεάν (*dōrean*) é o acusativo do termo δωρεά (*dōrea*), substantivo que tem por significado “dom”, “presente” ou “dádiva”.⁵³ O acusativo corresponde ao objeto direto da frase e sempre que for traduzido para o Português deve estar localizado após o verbo. Ou seja, o dom é o que seria recebido por eles.

O termo δωρεά (*dōrea* – dom) “sempre é usado no Novo Testamento acerca de um dom espiritual ou sobrenatural”.⁵⁴ No entanto, não se deve ter em mente no texto aqui analisado que se trate de um dom concedido pelo Espírito Santo e sim o próprio Espírito como sendo esta dádiva. Segundo Kistemaker, a cláusula τοῦ ἁγίου πνεύματος (*toῦ ἁγίου πνεύματος* – do Espírito Santo) “é um genitivo apositivo com τὴν δωρεάν (*tēn dōrean*) e significa ‘o presente, ou seja, o Espírito Santo’”.⁵⁵ Conforme Rega e Bergmann, o genitivo é usado “quando um substantivo desempenha a função de *especificar, definir ou descrever* [...]”. Palavras também aparecem nesse caso quando expressam *posse*.⁵⁶ Neste caso específico, por se tratar de um genitivo apositivo, ele cumpre a função de especificar ou explicar que dom é este. Omanson aponta que

Como se vê, no texto não há nenhuma pontuação entre as palavras τὴν δωρεάν (o dom) e as palavras seguintes no caso genitivo, τοῦ ἁγίου πνεύματος (do Espírito Santo). Neste contexto, as palavras τοῦ ἁγίου πνεύματος são um aposto de τὴν δωρεάν, ou seja, esse dom não vem do Espírito Santo, mas é o Espírito Santo. Na tradução talvez seja necessário fazer uma separação entre as duas locuções, que pode ser expressa assim: “o dom, a saber, o Espírito Santo”. A TEV traduziu por vocês receberão o dom de Deus, o Espírito Santo.⁵⁷

Na presente pesquisa foi apontado que não há embasamento para se crer que todos os cristãos precisam passar pela experiência da glossolalia ao receber o Espírito Santo. O fato de não haver relato disso com relação aos cerca de três mil convertidos corrobora com essa afirmação. Conforme Stott, “de acordo com a promessa de Pedro, todos devem ter recebido o perdão e o Espírito, embora, aparentemente sem sinais sobrenaturais”.⁵⁸

A seguir, no versículo 39, há a expressão ὑμῖν γάρ ἐστιν ἡ ἐπαγγελία καὶ τοῖς τέκνοις ὑμῶν καὶ πᾶσιν τοῖς εἰς μακρὰν (*humin gar estin ē epangelia kai tois teknois humon kai pasin*

⁵² HORTON, 1983, p. 40.

⁵³ LOUW; NIDA, 2013, p. 505.

⁵⁴ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 576.

⁵⁵ KISTEMAKER, 1990, p. 110.

⁵⁶ REGA; BERGMANN, 2004, p. 68.

⁵⁷ OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de *O Novo Testamento grego*. Tradução de Wilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 223.

⁵⁸ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**: até os confins da terra. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994, p. 83.

tois eis makran – pois a promessa é para vós e para vossos filhos e todos que estão longe). Esta apresenta algumas palavras que devem ser observadas mais atentamente para uma melhor compreensão.

Primeiramente, acerca de ὑμῖν (*humin* – vós), Kistemaker afirma que se trata de um “dativo de posse com o verbo ser” cuja tradução pode ser “vocês têm a promessa”.⁵⁹ O dativo é o objeto indireto da frase e em algumas gramáticas pode aparecer subdividido em três partes, a saber: locativo, instrumental e dativo. No entanto, elas sempre apresentam a mesma forma e, por conseguinte, boa parte dos estudiosos tratam-nas apenas como “dativo”. Neste caso específico, a palavra ὑμῖν indica que a promessa era para eles, isto é, feita e direcionada especificamente para eles e para os demais citados no restante do versículo 39.

O termo ἐπαγγελία (*epangelia* – promessa) geralmente é usado no Novo Testamento no sentido de uma promessa da parte de Deus. Ainda, segundo Barclay, no grego clássico ele denota “uma promessa que é livremente oferecida e proposta”.⁶⁰

Já a palavra τέκνον (*teknon* – filho), da qual τέκνοις (*teknois* – filhos) é derivada, embora tenha por significado “filho” ou “criança”, no presente texto pode ter por significado não somente aquele descendente imediato, mas “a sucessão de gerações que vêm depois da pessoa de referência e que têm vínculos biológicos com a mesma ‘posteridade, descendência, descendentes’”.⁶¹

É interessante também fazer um paralelo do versículo 39 com Mateus 27.25. No texto de Mateus, o povo toma para si e para seus τέκνα (*tekna* – filhos) a responsabilidade pela morte de Jesus. Em Atos 2, após afirmar no versículo 23 que os seus ouvintes haviam matado Jesus, diante da pergunta deles sobre o que poderiam fazer, Pedro afirma que mediante o arrependimento eles e seus τέκνοις (*teknois* – filhos) poderiam ser perdoados. Esta promessa é também para todos os que estão longe. A palavra para “longe” é μακράν (*makran*) e é usada aqui de forma metafórica para retratar aqueles que estão distantes do reino de Deus; “em trevas espirituais”.⁶²

González defende que a expressão πᾶσιν τοῖς εἰς μακράν (*pasin tois eis makran* – todos que estão longe) não deve ser entendida como uma referência aos gentios, pois os apóstolos ainda não tinham esta compreensão (Pedro só a teria no capítulo dez).⁶³ No entanto, ainda que seja plausível esta visão, ela desconsidera a possibilidade de uma afirmação profética do apóstolo Pedro. No Antigo Testamento várias pessoas falaram da parte de Deus de forma profética embora nem sempre compreendessem a mensagem em sua totalidade. Não obstante, há o exemplo de Caifás, que profetizou acerca da morte de Jesus pela nação, embora não o tenha feito conscientemente (Jo 11.49-52).

⁵⁹ KISTEMAKER, 1990, p. 110.

⁶⁰ BARCLAY, William. **Palavras-chaves do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 59.

⁶¹ LOUW; NIDA, 2013, p. 105-106.

⁶² VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 572.

⁶³ GONZÁLEZ, Justo L. **Atos: o evangelho do Espírito Santo**. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2011, p. 62.

Logo, é plenamente possível que Pedro tivesse em mente apenas aos judeus, mas o Espírito Santo lhe tenha feito proferir aquelas palavras a fim de que fossem uma mensagem profética acerca dos gentios que viriam a crer. Neste sentido Vine, Unger e White Junior afirmam de forma categórica que certamente “Pedro não tinha a noção da abrangência deste chamado, mas Deus tinha”.⁶⁴

O termo προσκαλέσεται (*proskalesētai* – chamar) está conjugado no primeiro aoristo, modo subjuntivo e possui a voz média.⁶⁵ Quando no subjuntivo, o aoristo não indica uma ação já ocorrida, mas da perspectiva do autor ela “é imaginada, visualizada ou concebida como acontecendo no futuro”.⁶⁶ A voz média indica que o sujeito executa e sofre a ação. Desta forma, ele chama para si. O que Robertson aponta é que o termo προσκαλέσεται denota que o Senhor chamará pessoas para junto de si. Desta forma, a promessa era uma garantia de que Deus chamaria ainda muitas outras pessoas após aquele evento.

O versículo 40 apresenta a palavra διεμαρτύρατο (*diemarturato* – testemunhava), proveniente de διαμαρτύρομαι (*diamarturomai*) que pode ter os seguintes significado: “acusar, conjurar, dar testemunho a, [ou] testificar de”.⁶⁷ O termo διαμαρτύρομαι é a forma média de διεμαρτύρατω (*diemarturatō*), o qual é traduzido no Novo Testamento Interlinear como “dava solene testemunho”.⁶⁸ Já Scholz traduz como “deu testemunho”.⁶⁹ Louw e Nida sustentam que a tradução pode ser feita como “insistir”. Segundo eles, “é possível que διαμαρτύρομαι seja um pouco mais enfático em termos conotativos do que μαρτύρομαι [*marturomai* – dar testemunho], mas isto não pode ser determinado a partir dos contextos disponíveis”.⁷⁰

Já Robertson afirma que o termo se trata de um verbo antigo que está conjugado no primeiro aoristo médio e pode ser traduzido por “ele testificava solenemente”. O termo é composto pela preposição διά (*dia* – através) e μαρτυρέω (*martureō* – testemunhar).⁷¹ Com relação à preposição, é possível considerar que ela tem como propósito intensificar o verbo. Rega e Bergmann apontam esta possibilidade de as preposições usadas como prefixo não necessariamente manterem o seu sentido original ao serem combinadas com verbos, mas servirem para intensificá-los.⁷² Desta forma, o foco da palavra está no significado de μαρτυρέω com o reforço de seu sentido. Esta tese é corroborada pela afirmação de Vine, Unger e White Junior de que o verbo é uma forma intensiva de μαρτύρομαι (*marturomai* – chamar como testemunha).⁷³

Conforme Brown e Coenen, a ideia da palavra μαρτυρέω (*martureō*) em Atos é tanto de atestar a boa conduta de alguém como de proclamar a ressurreição de Jesus e a mensagem

⁶⁴ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 463.

⁶⁵ ROBERTSON, 1988, p. 50.

⁶⁶ REGA; BERGMANN, 2004, p. 139.

⁶⁷ VERBRUGGE, 2018, p. 378.

⁶⁸ LUZ, 2003, p. 382.

⁶⁹ SCHOLZ, 2004, p. 445.

⁷⁰ LOUW; NIDA, 2013, p. 380.

⁷¹ ROBERTSON, 1988, p. 51.

⁷² REGA; BERGMANN, 2004, p. 104.

⁷³ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 1020.

de que ele é o Cristo – estes são os mesmos sentidos de διαμαρτύρομαι (*diamarturomai*).⁷⁴ Bonnet e Schroeder afirmam que

A palavra grega, à qual mantivemos seu sentido primitivo: *deu testemunho*, também significa: conjurar tomando a Deus como testemunha (1 Timóteo 5.21). Vários intérpretes atribuem esse significado aqui: *os conjurava e os exortava*. Mas o sentido de ‘dar testemunho’, que é mais comum no livro de Atos (8.25; 10.42; cf. Lucas 16.28), nos parece prevalecer devido à mudança de tempo do verbo; do aoristo: *deu testemunho* para o imperfeito: *os exortava*. O pronome *os* depende apenas deste último verbo; o primeiro deve ser entendido sem regência.⁷⁵

Logo, parece ser mais correto traduzir διεμαρτύρατο (*diemarturato*) como “testemunhava”, mas é preciso ter em conta que havia uma ênfase nesta ação. Desta forma, isto deve ser considerado na aplicação do texto. A expressão παρεκάλει (*parekalei*) está no imperfeito ativo e pode ser traduzida por “persistia em exortá-los”.⁷⁶ O imperfeito ilustra uma ação que iniciou e permaneceu ocorrendo por certo tempo, mas cessou. Isto é, foi contínua no passado embora já tenha se encerrado. Logo, a tradução que parece ser mais correta para διεμαρτύρατο καὶ παρεκάλει αὐτοὺς λέγων (*diemarturato kai parekalei autous legōn*) é “testemunhou com grande seriedade e persistia em exortá-los, dizendo”.

O versículo 40 finaliza com σώθητε ἀπὸ τῆς γενεᾶς τῆς σκολιᾶς ταύτης (*sōthēte apo tēs geneas tēs skolias tautēs* – sede salvos desta geração perversa). O termo σώθητε é o “primeiro aoristo passivo” de σώζω (*sōzō* – salvar).⁷⁷ O verbo significa “salvar, libertar, preservar, curar, livrar de dano”.⁷⁸ Uma vez que a voz passiva indica que o sujeito é quem sofre a ação, compreende-se que os ouvintes não poderiam salvar a si mesmos, mas serem salvos. No contexto imediato, eles deveriam permitir-se ser salvos, libertando-se “da ‘contaminação da vida’”.⁷⁹ Ainda segundo Barclay,

O homem é salvo de uma geração perversa (At 2.40). O homem que conhece a *sōtēria* de Deus tem dentro e sobre si uma qualidade profilática, um elemento purificador divino que o capacita a andar no mundo e ainda conservar suas vestes imaculadas.⁸⁰

A palavra que traduz “perversa” é σκολιᾶς (*skolias*) e significa “encurvado”, “torto” ou “dobrado”.⁸¹ Vine, Unger e White Junior⁸² e Louw e Nida⁸³ apontam que o termo é usado de forma metafórica para denotar o que é perverso, inescrupuloso e desonesto.

⁷⁴ BROWN; COENEN, 2000, p. 2508-2509.

⁷⁵ BONNET; SCHROEDER, 1974, p. 425.

⁷⁶ ROBERTSON, 1988, p. 51.

⁷⁷ ROBERTSON, 1988, p. 51.

⁷⁸ GINGRICH; DANKER, 1984, p. 202.

⁷⁹ BARCLAY, 2000, p. 196.

⁸⁰ BARCLAY, 2000, p. 196.

⁸¹ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 1028.

⁸² VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 1028.

⁸³ LOUW; NIDA, 2013, p. 685.

No versículo 41 é dito sobre os que aceitaram a mensagem. A palavra para “aceitar” é ἀποδέχομαι (*apodexomai*) e possui “alguma ênfase na fonte – ‘aceitar, receber, aceitação’”.⁸⁴ Conforme Vine, Unger e White Junior, a ideia é de “dar as boas-vindas”, “aceitar alegremente”, “receber por recepção deliberada e pronta do que é oferecido” ou “receber sem reservas”.⁸⁵

Em seguida aparece novamente uma variação de βαπτίζω (*baptizō* – batizar), ἐβαπτίσθησαν (*ebaptisthēsan*). Segundo Robertson, o verbo está no “primeiro aoristo do indicativo, voz passiva, aoristo constativo”. O constativo é o uso mais frequente do aoristo e contempla a ação completa, sem a ênfase no começo ou no fim dela. Por conseguinte, o termo pode ser traduzido como “foram batizados”.⁸⁶

O versículo 41 termina com as palavras ψυχαὶ ὡσεὶ τρισχίλιαι (*psuchai ōsei trischiliai* – cerca de três mil almas). O termo ψυχή (*psuchē*), do qual deriva ψυχαὶ, significa “alma”, e no presente versículo se trata de uma “ampliação metafórica do significado [primário] de ψυχή, “o eu interior, a mente”” podendo ser traduzido aqui como “a pessoa como ser vivo – ‘pessoa, gente’”.⁸⁷ Conforme Brown e Coenen, “a palavra *psychē* também se acha no NT para registrar números de pessoas”. É o caso aqui, visto que ele precede ὡσεὶ τρισχίλιαι (cerca de três mil).⁸⁸

Após tratar sobre a entrada dos novos convertidos na igreja recém-inaugurada, segue um resumo sobre como eles viviam enquanto comunidade de fé, dos versículos 42 a 47. Esta mudança é percebida na variação temporal e modal dos verbos presentes a partir do versículo 42.

Dos versículos 37 a 41 há a presença de verbos no aoristo, presente, futuro e imperfeito⁸⁹ (ainda que com predominância do aoristo) e nos modos indicativo, subjuntivo, imperativo e particípio.⁹⁰ Há uma clara ênfase em fatos já ocorridos predominantemente de forma pontual, como a pergunta dos ouvintes, as respostas de Pedro, o Batismo coletivo e a entrada dos recém-batizados na igreja recém-formada.

No entanto, a partir do versículo 42 todos os verbos estão ou no indicativo imperfeito ou no particípio presente, o que indica uma mudança deliberada por parte do autor. O particípio, por si só, não configura exatamente um modo no sentido de expressar a ação específica de um sujeito. Conforme Alexandre Júnior,

Os gramáticos classificam os particípios como adjetivos verbais por terem características do verbo e do adjetivo. Como verbo, o particípio tem voz e tempo (presente, futuro, aoristo e perfeito), rege casos e pode ser

⁸⁴ LOUW; NIDA, 2013, p. 334.

⁸⁵ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 926.

⁸⁶ ROBERTSON, 1988, p. 51.

⁸⁷ LOUW; NIDA, 2013, p. 97.

⁸⁸ BROWN; COENEN, 2000, p. 75.

⁸⁹ O aoristo indica uma ação pontiliar (frequentemente ocorrida no passado). O presente, uma ação contínua. O futuro é similar ao Português, podendo denotar uma ação contínua ou pontiliar. Já o imperfeito indica uma ação contínua no passado, mas que já se encerrou.

⁹⁰ O modo indicativo declara fatos como sendo uma realidade. O subjuntivo denota uma ação provável ou incerta. O imperativo expressa uma exortação, proibição ou ordem. O particípio é classificado como um adjetivo verbal, uma vez que possui tanto características de adjetivo quanto de verbo e normalmente é traduzido como gerúndio na Língua Portuguesa.

modificado por advérbios. Mas não é propriamente um modo, não tem terminações pessoais nem faz afirmações. Não tem, por isso, um sujeito exposto, embora o contexto implicitamente o torne manifesto.⁹¹

As maneiras de se identificar se o particípio funciona como verbo ou adjetivo na frase são o contexto e a presença ou não do artigo. Caso seja precedido por artigo é usado como adjetivo e caso não seja se trata de um verbo ou adjetivo predicativo, o qual descreve ou qualifica o sujeito da frase. A forma mais frequente encontrada no Novo Testamento é a segunda.

As palavras conjugadas no particípio presente que aparecem nos versículos 42 a 47 são: προσκατεροῦντες⁹² (*proskarterountes* – perseverando), πιστεύοντες (*pisteuontes* – crendo), κλῶντές (*klōntes* – partindo), αἰνοῦντες (*ainountes* – louvando) e σωζομένους (*sōzomenous* – sendo salvos). Destas, apenas κλῶντές e σωζομένους são precedidas por artigo, mas todas possuem a mesma ideia, a saber, de uma ação contínua. Desta forma, para exemplificar, a palavra αἰνοῦντες pode ser traduzida tanto como “louvando” quanto como “o(s) que louva(m)”.

Todos os demais verbos estão no imperfeito do indicativo. Conforme Carter e Earle⁹³, “este tempo ocorre nada menos que oito vezes nos cinco versículos” e, por conseguinte, há que se ter isto em conta no momento da interpretação. Mas, como foi acima destacado, não somente o uso do imperfeito do indicativo mas também a grande presença de verbos no particípio presente mostram que os verbos foram usados de forma proposital pelo autor. Pode-se entender que Lucas usou estas formas verbais no relato dos versículos 42 a 47 para apresentar a ideia de algo que começou no passado e foi contínuo, isto é, não foi algo apenas pontual. Havia uma constância nas ações. Em outras palavras, o que começou e foi relatado nos versículos 37 a 41 não ficou restrito àquele momento, mas permaneceu ocorrendo. E, de fato, assim permanece até hoje. Isto ilustra perfeitamente o próprio livro de Atos, que demonstra o poder dinâmico do Espírito Santo agindo por meio da igreja. Aquilo que começou no Pentecoste nunca teve fim. O Espírito Santo continua agindo por meio da Igreja de Jesus Cristo.

Dando sequência, a palavra προσκατεροῦντες (*proskarterountes* – perseverando), presente no versículo 42, pode significar literalmente: “ser forte para com”, “persistir em ou perseverar em, [ou] ser continuamente firme com uma pessoa ou coisa”.⁹⁴ Ela está no plural, o que, à luz do restante do texto, demonstra que esta atitude era comum a todos. Eram unânimes em perseverar. Aqueles primeiros cristãos não apenas aprendiam a doutrina, tinham comunhão, partiam o pão e oravam. Eles perseveravam nestas coisas continuamente. Brown e Coenen argumentam que “a constância e a perseverança são de especial importância na vida cristã. [...] Na igreja primitiva, a experiência do Pentecoste produziu cristãos de grande constância e firmeza de propósito”.⁹⁵

⁹¹ ALEXANDRE JÚNIOR, 2016, p. 219.

⁹² Esta palavra aparece duas vezes, no versículo 42 e no 46.

⁹³ CARTER; EARLE, 1973, p. 40.

⁹⁴ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 505.

⁹⁵ BROWN; COENEN, 2000, p. 1492.

Eles perseveravam primeiramente na doutrina. Segundo Stern, a palavra διδαχή (*didachē* – doutrina) “significa tanto o ato de ensinar quanto a doutrina ensinada”.⁹⁶ Conforme Robinson⁹⁷ e Mounce⁹⁸, ela pode ser traduzida por “o que é ensinado”, “instrução” ou “doutrina”. No grego clássico, o termo denotava “instrução” ou “doutrina transmitida pelo ensino” e na LXX aparece apenas no primeiro versículo do Salmo 59 também com a ideia de instrução.⁹⁹ Douglas afirma que no Novo Testamento a palavra é usada fazendo referência ao ensino de Jesus e a partir de Atos 2.42 “a doutrina cristã começou a ser formulada (At 2.42) como a instrução dada àqueles que corresponderam ao *kērigma* ‘pregação’ (Rm 6.17)”.¹⁰⁰

Brown e Coenen demonstram concordar com isto ao afirmarem que no Novo Testamento o termo διδαχή (*didachē* – doutrina) significa tanto a mensagem de arrependimento e fé em Cristo quanto a pregação cristã de forma geral, de maneira que não há distinção entre um corpo de doutrinas e as pregações feitas em momentos específicos. Já em Atos, Lucas utiliza o termo para denotar o testemunho dado pelos apóstolos acerca de Jesus.¹⁰¹

Barclay aponta que o fato de a palavra προσκατεροῦντες (*proskarterountes* – perseverando) estar na voz ativa neste versículo indica “que eles persistiam em ouvir os apóstolos enquanto eles ensinavam”. A voz ativa implica que o sujeito executa a ação. Ou seja, não era apenas uma aprendizagem passiva, mas havia um interesse em aprender dos apóstolos. Da mesma forma ocorria em relação à comunhão.¹⁰²

Conforme Verbrugge, κοινωμία (*koinōnia*) “significa comunhão, participação, intercuro”.¹⁰³ De acordo com Silva, a palavra, “no contexto da *polis* grega, designa as relações que cidadãos iguais possuem entre si, com aspectos comunitários e coletivos”.¹⁰⁴ Já Brown e Coenen afirmam que o termo significava, no mundo grego e helenístico, a comunhão entre os deuses e os homens. O mesmo não ocorre na LXX, em que não há o uso para fazer referência à comunhão entre Deus e as pessoas. O termo “também significava a estreita união e laços fraternais entre os homens”.¹⁰⁵

Segundo Verbrugge, especificamente em Atos 2.42 a palavra “pode ser entendida como parte essencial da vida de adoração”. Ainda segundo ele, neste texto o termo “denota a unanimidade e a unidade efetuadas pelo Espírito. O indivíduo era inteiramente amparado pela comunidade”.¹⁰⁶ Conforme Vine, Unger e White Junior, neste texto o termo tem por

⁹⁶ STERN, 2009, p. 255.

⁹⁷ ROBINSON, 2012, p. 223.

⁹⁸ MOUNCE, 2012, p. 180.

⁹⁹ BROWN; COENEN, 2000, p. 643.

¹⁰⁰ DOUGLAS, J. D. (Edit.). **O novo dicionário da Bíblia**. 2.ed. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 446.

¹⁰¹ BROWN; COENEN, 2000, p. 644.

¹⁰² BARCLAY, 1955, p. 26.

¹⁰³ VERBRUGGE, 2018, p. 333.

¹⁰⁴ SILVA, Rodrigo Antônio. Comunhão: breve estudo da utilização do termo *koinonia* na cultura helênica e sua incorporação no âmbito cristão do Novo Testamento e Patrístico. **Reveleto**, [S. l.], v. 10, n. 17, 2016, p. 321. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/28601>. Acesso em: 11 ago. 2023.

¹⁰⁵ BROWN; COENEN, 2000, p. 377.

¹⁰⁶ VERBRUGGE, 2018, p. 333-334.

significado “a parte que alguém tem em algo, participação, companheirismo reconhecido e desfrutado. É, assim, usado acerca: das experiências e interesses comuns dos cristãos”.¹⁰⁷ A partir destas definições é possível traduzir *κοινωνία* (*koinōnia*) como comunhão, tendo em vista não somente laços fraternais entre pessoas, mas uma unidade real e profunda gerada pelo Espírito Santo.

Seguindo adiante, de acordo com Boor, a expressão *κλάσει τοῦ ἄρτου* (*klasei tou artou* – partir o pão), presente no versículo 42, deve ser vista à luz de Atos 20.7. É possível entender que no versículo 42 a expressão refere-se à Ceia do Senhor, embora inicialmente ela pudesse referir-se às refeições feitas nas casas, as quais costumeiramente eram iniciadas com o ato de partir o pão.¹⁰⁸ Diante disso, Bruce afirma que ela deve ser interpretada tendo em vista *κλῶντές τε κατ’ οἶκον ἄρτον* (*klōntes te kat oikon arton* – partindo pão de casa em casa), presente no versículo 46, e que faz referência tanto à Ceia do Senhor quanto à festa do Ágape, uma reunião para celebrar a comunhão nos tempos da igreja neotestamentária.¹⁰⁹ Robertson é concordante com a ideia de que era celebrada junto com a festa do Ágape e acrescenta que “isto levou a alguns abusos, como os mencionados em 1 Coríntios 11.20”.¹¹⁰

Atualmente, a Ceia do Senhor é celebrada de forma bastante distinta no contexto das Igrejas Batistas filiadas à CBB e, por conseguinte, é preferível traduzir literalmente como “partir o pão” a fim de que não traga uma conotação diferente daquilo que era realizado na época, embora claramente faça referência à “Ceia do Senhor”. Ainda no versículo 42, aparece a palavra *προσευχᾶς* (*proseuchais* – nas orações). A palavra é derivada de *προσεύχομαι* (*proseuchomai* – orar) e sempre se refere à oração dirigida a Deus.¹¹¹ Brown e Coenen afirmam que

o emprego frequente de *proseuchomai* nos escritos de Lucas é extraordinário. Para Lucas a oração é uma expressão básica da fé e da vida cristã, e o próprio Jesus é o modelo de como se ora corretamente (Lc 11.1). Todos os momentos de maior importância na vida de Jesus, dos Seus apóstolos e dos membros da Sua igreja são marcados por orações dirigidas a Deus; todas as decisões importantes se fazem com a oração.¹¹²

Segundo Robinson, a expressão *προσευχᾶς* (*proseuchais* – nas orações) se encontra no dativo plural. Uma vez que o dativo é o objeto indireto da frase e tendo em vista o contexto, é possível traduzir como “nas orações”, tendo em vista o fato de estar no plural neste versículo.¹¹³

A seguir, no versículo 43 Lucas usa a expressão *ἐγίνετο δὲ πάση ψυχῇ φόβος* (*egineto de pasē psuchē phobos* – tomadas foram todas as almas de grande temor). O verbo *ἐγίνετο* (*egineto* – tomadas), no imperfeito, implica que o medo causado em todos os que ouviram o

¹⁰⁷ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 485.

¹⁰⁸ BOOR, 2003, p. 60.

¹⁰⁹ BRUCE, F. F. *The Acts of the Apostles*. Grand Rapids: Eerdmans, 1973, p. 100.

¹¹⁰ ROBERTSON, 1988, p. 52.

¹¹¹ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 835.

¹¹² BROWN; COENEN, 2000, p. 1452-1453.

¹¹³ ROBINSON, 2012, p. 788.

sermão de Pedro permaneceu, isto é, “não foi um pânico momentâneo, mas continuou a ser uma característica dos dias que se seguiram”.¹¹⁴

Com relação especificamente à palavra φόβος (*phobos* – temor), esta não deve ser mal-interpretada neste contexto, embora ela pudesse ter um significado bom ou mau dependendo do contexto.¹¹⁵ Para Vine, Unger e White Junior, em Atos 2.43 ela denota “medo”, “pavor” ou “terror”.¹¹⁶ Já Barclay afirma que tanto nos evangelhos sinóticos quanto em Atos ela descreve algo positivo: “o sentimento no coração do homem quando é confrontado com o poder divino em ação”.¹¹⁷ Ainda segundo ele, neste versículo a palavra significa “reverência” e “respeito”.¹¹⁸ Nesta unidade textual a posição de Barclay parece ser a mais correta, visto que o foco está nos que creram e não é tratado acerca dos que não aceitaram a mensagem.¹¹⁹ Por isso, o termo será aqui traduzido por “temor” e será considerado também como reverência ou respeito.

Ainda no versículo 43, aparecem as palavras τέρατα (*terata* – maravilhas) e σημεῖα (*sēmeia* – sinais), as quais muitas vezes se encontram juntas no Novo Testamento (Mc 13.22; Jo 4.48; At 5.12, 14.3; Rm 15.19; 2Co 12.12). Em Atos elas aparecem nove vezes.¹²⁰ Segundo Vine, Unger e White Junior, “o sinal tem o propósito de apelar para o entendimento, [e] a ‘maravilha’ apela para a imaginação”.¹²¹ Aryeh afirma que a expressão frequentemente é usada fazendo referência aos feitos divinos no Êxodo.¹²²

Estes sinais e maravilhas eram milagres das mais diversas formas e serviam para comprovar que a doutrina dos apóstolos provinha de Deus.¹²³ Stott aponta também que “as duas referências aos apóstolos, no versículo 42 (a doutrina deles) e no versículo 43 (aos seus prodígios), dificilmente podem ser acidentais”.¹²⁴ Além disso, Lucas não utiliza o termo σημεῖα (*sēmeia* – sinais) em seu evangelho quando aplicado aos milagres feitos por Jesus¹²⁵, mas o utiliza em Atos. E é bastante interessante que na proclamação de Pedro, nos versículos anteriores aos aqui estudados e mais precisamente no 22, ele utilize as palavras τέρασιν (*terasin* – maravilhas) e σημείοις (*sēmeiosis* – sinais) em alusão a Jesus, dizendo que Ele foi aprovado por Deus por meio deles. Assim, é possível inferir que o uso das palavras seja

¹¹⁴ BRUCE, 1973, p. 100.

¹¹⁵ BARCLAY, 2000, p. 161.

¹¹⁶ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 779.

¹¹⁷ BARCLAY, 2000, p. 162.

¹¹⁸ BARCLAY, 1955, p. 25.

¹¹⁹ Diferentemente de Atos 5.11, em que o temor se apodera tanto dos cristãos quanto dos que souberam das mortes de Ananias e Safira, de maneira que estes não ousavam se juntar a eles. Nesta pesquisa este versículo não será analisado uma vez que não é objeto dela. Mas uma análise da palavra “temor” naquele contexto se mostra deveras interessante como um futuro tema de pesquisa.

¹²⁰ BROWN; COENEN, 2000, p. 1293.

¹²¹ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 774.

¹²² ARYEH, Daniel Nii Aboagye. **The Purpose of σημεῖα καὶ τέρατα in the Gospel of John: a Socio-Rhetorical Reading of John 4:46-54.** Joanesburgo, Conspectus, v. 32, 2021, p. 110. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/conspectus/article/view/251349>. Acesso em: 09 ago. 2023.

¹²³ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Matthew Henry: Novo Testamento - Atos a Apocalipse.** Tradução de Luis Aron, Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 25.

¹²⁴ STOTT, 1994, p. 87.

¹²⁵ MORRIS, 2003, p. 290.

intencional e implique que assim como Jesus havia sido aprovado por Deus por meio deles, a mensagem dos apóstolos (que apontava para Cristo e sua obra) provinha de Deus.

Seguindo adiante, os versículos 44 e 45 têm suscitado muitas interpretações equivocadas. Blomberg aponta que os verbos no imperfeito nos versículos 44 e 45 se referem não a uma renúncia definitiva de todos os bens, mas um processo de compartilhamento destes. São eles: ἦσαν (*ēsan* – eram), εἶχον (*eichon* – tinham), ἐπίπρασκον (*epipraskon* – vendiam), διεμέριζον (*diemerizon* – distribuía), εἶχεν (*eichen* – tinha). Essa afirmação é coerente com o fato de que o imperfeito aponta para uma ação contínua no passado e não como o aoristo, que indica uma ação pontiliar (muitas vezes tendo ocorrido no passado).¹²⁶ Conforme Stott, este tempo verbal também indica que a venda de propriedades e partilha de bens era ocasional, para suprir necessidades específicas e não feitas de uma só vez.¹²⁷ Allen demonstra-se concordante com isso ao afirmar que

No verso 45, o uso do tempo imperfeito em três verbos nos força a concluir que a venda de propriedades na igreja primitiva não foi uma ação compulsória, mas, pelo contrário, um ato voluntário, por parte dos membros do grupo. De tempos em tempos eles faziam contribuições, à medida que se apresentava a necessidade.¹²⁸

No versículo 44, especificamente sobre a expressão εἶχον ἅπαντα κοινὰ (*eichon hapanta koina* – tinham tudo em comum), Louw e Nida apontam que em determinadas línguas ela pode ser mais bem traduzida por “cada pessoa compartilhava com todos os demais” ou “cada pessoa dava o que tinha aos outros e recebia dos outros”, a fim de manter a natureza de partilha e reciprocidade. Isto deverá ser considerado na aplicação, mas na tradução será utilizado o significado literal, a saber, “tinham tudo em comum”.¹²⁹

Já no versículo 45 há as expressões τὰ κτήματα (*ta ktēmata* – as propriedades) e τὰς ὑπαρξεις (*ta huparxeis* – as posses). Kistemaker afirma que elas denotam “propriedades, terras e imóveis” e “posses, bens e riquezas, respectivamente”.¹³⁰ Neste sentido, é possível perceber que a ajuda mútua envolvia desde bens pessoais até terras e imóveis.

Já os verbos ἐπίπρασκον (*epipraschon* – vendiam), imperfeito ativo de πῖπρασχω (*pipraschō* – vender) e διεμέριζον (*diemerizon* – distribuía), imperfeito ativo do verbo composto διαμερίζω (*diamerizō* – distribuir), “descrevem a atividade contínua de vender e distribuir”¹³¹. Logo, como já apontado acima, era um ato contínuo feito de acordo com as necessidades e não uma atividade única, como um ato de ascetismo para entrar ou se adequar à comunidade da fé. Isso fica ainda mais claro ao observar-se o fim do versículo. De acordo com Louw e Nida, a expressão διεμέριζον αὐτὰ πᾶσιν καθότι ἂν τις χρεῖαν εἶχεν (*diemerizon*

¹²⁶ BLOMBERG, 2019, p. 52.

¹²⁷ STOTT, 1987, p. 46.

¹²⁸ ALLEN, Clifton J. (Ed.). **Comentário bíblico Broadman: Atos - I Coríntios**. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 46.

¹²⁹ LOUW; NIDA, 2013, p. 506-507.

¹³⁰ KISTEMAKER, 1990, p. 116.

¹³¹ KISTEMAKER, 1990, p. 116.

auta pasin kathoti na tis chreian eichen) pode ser traduzida como “dividiam isso com todos na medida em que cada um tinha necessidade” ou “na proporção da necessidade de cada um”.¹³²

No versículo 46, a expressão κλῶντές τε κατ’ οἶκον ἄρτον (*klōntes te kat oikon arton* – partindo pão de casa em casa) não possui artigo antes de ἄρτον. Entretanto, ela repete a ideia presente no versículo 42. Para Louw e Nida, a expressão significa “‘tomavam as refeições (em conjunto) nas casas’ ou ‘faziam as refeições (em conjunto) nas casas’”.¹³³ Vine, Unger e White Junior apresentam significado similar.¹³⁴ Alexander e Alexander afirmam que “esse partir do pão se dava no contexto de uma refeição compartilhada”. A expressão κλῶντές τε κατ’ οἶκον ἄρτον é seguida imediatamente por μετελάμβανον τροφῆς (*metelambanon trophēs* – comiam juntos).¹³⁵ Conforme Robertson, μετελάμβανον claramente faz referência às refeições regulares feitas nas casas, uma vez que se trata de um verbo no imperfeito. Assim, ainda que no versículo 46 o artigo não esteja presente na expressão, não há mudança no sentido e, por conseguinte, é possível afirmar que “o partir [do] pão” presente tanto no versículo 42 quanto no 46 faz alusão às refeições diárias nas casas e que eram seguidas pela celebração da Ceia do Senhor.¹³⁶

Segundo Bruce¹³⁷ e Robertson¹³⁸, ainda no versículo 46 há uma *hapax legomenon*¹³⁹, a saber: ἀφελότητι (*aphelotēti* – simplicidade). Conforme Robertson, ela “deriva de ‘*aphelēs*’, livre de rochas (*phelleus* é um terreno pedregoso), liso. A forma antiga era ‘*apheleia*’”.¹⁴⁰ Seu significado é “simplicidade” e a ideia por trás dela é de uma “benevolência pura expressa em atos”.¹⁴¹ Logo, isto será considerado na aplicação que será apresentada posteriormente nesta pesquisa.

O versículo 47 apresenta uma expressão que exige uma análise mais atenta do intérprete: ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν (*echontes charin pros holon ton laon* – tendo favor diante de todo o povo). Conforme Louw e Nida,

Nas frases ἔχοντες χάριν πρὸς ὅλον τὸν λαόν (At 2.47) e εὗρες γὰρ χάριν παρὰ τῷ θεῷ (Lc 1.30), um exame superficial poderia dar a entender que o sujeito do particípio ou do verbo é, em certo sentido, um agente ativo. Porém do ponto de vista semântico o sujeito é, na verdade, quem recebe o favor, e nos contextos de At 2.47 e Lc 1.30 quem se agrada dos sujeitos gramaticais em questão é o povo (no caso de At 2) e Deus (no caso de Lc 1). Essas frases são o exemplo típico de situações em que as relações semânticas são quase que totalmente o inverso das relações gramaticais.¹⁴²

¹³² LOUW; NIDA, 2013, p. 617.

¹³³ LOUW; NIDA, 2013, p. 226.

¹³⁴ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 478.

¹³⁵ ALEXANDER, David; ALEXANDER, Pat (Edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Laila de Noronha. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008, p. 645.

¹³⁶ ROBERTSON, 1988, p. 53.

¹³⁷ BRUCE, 1973, p. 101.

¹³⁸ ROBERTSON, 1988, p. 53.

¹³⁹ Singular de *hapax legomena*. As *hapax legomena* são palavras com uma única ocorrência no texto grego do Novo Testamento (VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 349).

¹⁴⁰ ROBERTSON, 1988, p. 54.

¹⁴¹ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 995.

¹⁴² LOUW; NIDA, 2013, p. 269.

Ainda no mesmo versículo (47), há a expressão προσετίθει τοὺς σωζομένους (*prosetitheí tous sōzomenous* – adicionava os que iam sendo salvos). Conforme Kistemaker, a palavra προσετίθει (*prosetitheí* – adicionava) “denota repetição, indicando ação contínua no tempo passado” e τοὺς σωζομένους (*tous sōzomenous* – os que iam sendo salvos) literalmente significa “aqueles que estavam sendo salvos”. Ele afirma ainda que “o artigo definido com o particípio passivo presente [da palavra] σώζω (*sōzō* – salvar) é uma descrição para os convertidos recentes” e tem por tradução literal “aqueles que estavam sendo salvos”.¹⁴³

Vine, Unger e White Junior, com relação ao versículo 47, citam que a tradução da versão bíblica Almeida Revista e Atualizada (ARA) apresenta o sentido correto, marcando o tipo de pessoas que eram acrescentadas ao grupo, ao traduzir como “os que iam sendo salvos”.¹⁴⁴ Já Bruce afirma que “a força do particípio presente aqui [σωζομένους (*sōzomenous* – sendo salvos)] é provavelmente iterativa [isto é, repetida], ou seja, eles foram adicionados à comunidade à medida que eram salvos”.¹⁴⁵

Assim, uma vez realizadas as devidas análises das palavras em seu sentido original, é possível realizar a tradução da unidade textual. Da mesma forma, pode-se propor uma paráfrase do texto para uma melhor compreensão.

3. PROPOSTA DE TRADUÇÃO E PARÁFRASE DO TEXTO

Tendo em vista a análise realizada até aqui, segue a tradução de Atos 2.37-47:

³⁷ Tendo ouvido, então, ficaram profundamente aflitos em seus corações e disseram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, irmãos? ³⁸ E Pedro falou-lhes: Converti-vos e sede batizado cada um de vós no nome de Jesus para perdão de vossos pecados e recebereis o dom do Espírito Santo. ³⁹ Pois a promessa é para vós e para vossos descendentes e todos que estão longe, todos quanto o Senhor, nosso Deus, chamar para si. ⁴⁰ E com muitas outras palavras ele testemunhou com grande seriedade e persistia em exortá-los, dizendo: sede salvos desta geração perversa. ⁴¹ Os que aceitaram a palavra deles foram batizados e naquele dia foram acrescentadas cerca de três mil pessoas. ⁴² Perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. ⁴³ Ora, tomadas foram todas as pessoas de grande temor e maravilhas e sinais eram feitos por meio dos apóstolos. ⁴⁴ Ora, todos os que criam tinham tudo em comum e ⁴⁵ vendiam as propriedades e as posses e distribuía com todos na medida em que cada um tinha necessidade. ⁴⁶ E perseveravam de comum acordo no Templo e partiam o pão nas casas, tomando refeições com grande alegria e simplicidade de coração, ⁴⁷ louvando a Deus e tendo favor diante de todo o povo. E o Senhor adicionava dia a dia os que iam sendo salvos.

Na tradução apresentada acima, buscou-se a máxima literalidade sem que as orações ficassem desprovidas de sentido para o leitor. No entanto, para sintetizar todo o sentido das expressões da passagem tendo em conta a análise do texto realizada nesta pesquisa, faz-se necessário apresentar uma paráfrase da unidade textual para uma melhor compreensão, sem,

¹⁴³ KISTEMAKER, 1990, p. 116.

¹⁴⁴ VINE; UNGER; WHITE JUNIOR, 2002, p. 1010.

¹⁴⁵ BRUCE, 1973, p. 102.

no entanto, renunciar-se ao sentido original. Sendo assim, segue abaixo a paráfrase de Atos 2.37-47.

³⁷ Então, tendo ouvido a mensagem proclamada por Pedro, eles ficaram muito aflitos e perguntaram a ele e aos outros apóstolos: O que faremos, irmãos? ³⁸ Então, Pedro lhes respondeu: Arrependam-se para que possam ser perdoados. Isto é, mudem completamente a sua forma de viver e de pensar. Cada um de vocês também deve ser batizado em nome de Jesus Cristo. Ao se converterem vocês receberão um presente da parte de Deus: o Espírito Santo. ³⁹ Vocês têm esta promessa! E ela também é direcionada aos seus descendentes e a todas as pessoas que estão longe de Deus; as quais o Senhor vier a chamar para perto Dele. ⁴⁰ Pedro deu seu testemunho a eles com muita seriedade e insistiu que aceitassem a salvação, afastando-se da perversidade do mundo. ⁴¹ Assim, os que aceitaram a mensagem proclamada pelos apóstolos foram batizados. E, naquele dia, cerca de três mil pessoas passaram a fazer parte da comunidade dos seguidores de Jesus.

⁴² E eles permaneciam perseverantes, aprendendo as doutrinas ensinadas pelos apóstolos, tendo comunhão, celebrando a Ceia do Senhor e dirigindo ao Senhor muitas orações. ⁴³ Todas as pessoas tinham grande respeito por eles e os apóstolos faziam muitos milagres que atestavam que o seu ensino provinha de Deus. ⁴⁴ Os cristãos viviam em unidade, tanto em termos de fé quanto com relação às demais coisas, ⁴⁵ de tal forma que alguns vendiam bens e propriedades para distribuir àqueles dentre eles que passavam necessidades. ⁴⁶ Eles se reuniam continuamente no Templo e tomavam refeições nas casas uns dos outros, com alegria e singeleza de coração, ⁴⁷ louvando a Deus e sendo benquistos pelo povo. E diariamente pessoas eram salvas pelo Senhor, sendo acrescentadas por Ele ao grupo dos que criam em Jesus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, da tradução e desta paráfrase e tendo em conta as questões acerca da estrutura do texto anteriormente apresentadas, é possível, portanto, afirmar que estar integrado implica: ser convertido, batizado, dar testemunho da pessoa e da obra de Cristo, bem como perseverar no ensino doutrinário, na comunhão e na adoração comunitária. Uma vez tendo sido extraídos estes princípios do texto, é possível apresentar valer-se de tais princípios em estudos a fim de que a pessoa compreenda e aplique-os em sua vida.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, David; ALEXANDER, Pat (Edit.). **Manual bíblico SBB**. Tradução de Laila de Noronha. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. 815 p.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **Exegese do Novo Testamento**: um guia básico para o estudo do texto bíblico. São Paulo: Vida Nova, 2016. 432 p.

ALLEN, Clifton J. (Edit.). **Comentário bíblico Broadman**: Atos - I Coríntios. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. 463 p.

ARYEH, Daniel Nii Aboagye. The Purpose of σημεῖα καὶ τέρατα in the Gospel of John: a Socio-Rhetorical Reading of John 4:46-54. Joanesburgo, **Conspectus**, v. 32, 2021, p. 110-124. Disponível em: <https://www.ajol.info/index.php/conspectus/article/view/251349>. Acesso em: 09 ago. 2023.

ASSIS, Jhonata Santos de. A metanoia de uma conversão: transformando cosmovisões pela renovação da mente. **Summae Sapientiae**, v. 2, n. 1, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.53021/summaesapientiae.v2i1.42>. Acesso em: 19 jul. 2023.

BARCLAY, William. **Palavras-chaves do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p.

BARCLAY, William. **The Acts of the apostles**. 2.ed. Edinburgh: Saint Andrew, 1955. 213 p.

BLOMBERG, Craig L. **Introdução de Atos a Apocalipse**: uma pesquisa abrangente de Pentecostes a Patmos. Tradução de Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2019. 761 p.

BONNET, Luis; SCHROEDER, Alfredo. **Comentario del Nuevo Testamento**: Juan y Hechos. 2.ed. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1974. 673 p.

BRAND, Chad; DRAPER, Charles; ENGLAND, Archie (Edit.). **Dicionário bíblico ilustrado Vida**. Tradução de Valdemar Kroker. São Paulo: Vida, 2018. 1728 p.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.). **Dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1. 1360 p.

BRUCE, F. F. **The Acts of the Apostles**. Grand Rapids: Eerdmans, 1973. 491 p.

CARTER, Charles W.; EARLE, Ralph. **The Acts of the apostles**. Grand Rapids: Zondervan, 1973. 435 p.

DOUGLAS, J. D. (Edit.). **O novo dicionário da Bíblia**. 2.ed. Tradução de João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1997. 1680 p.

FEE, Gordon D. Novo Testamento. In: STUART, Douglas; FEE, Gordon D. (Colab.). **Manual de exegese bíblica**: Antigo e Novo Testamento. Tradução de Douglas Estevan Kirschner e Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 203-377.

GINGRICH, F. Wilbur; DANKER, Frederick W. **Léxico do Novo Testamento grego/português**. Tradução de Júlio P. T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1984. 228 p.

GONZÁLEZ, Justo L. **Atos**: o evangelho do Espírito Santo. Tradução de Lena Aranha. São Paulo: Hagnos, 2011. 356 p.

GUSSO, Antônio Renato. **Gramática instrumental do grego**. São Paulo: Vida Nova, 2010. 347 p.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Matthew Henry: Novo Testamento - Atos a Apocalipse**. Tradução de Luis Aron, Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. 1012 p.

HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. Miami: Vida, 1983. 253 p.

JONES, J. Estill. **Hechos**: colaborando en la mision de Cristo. Tradução de Arnoldo Canclini. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1974. 157 p.

KISTEMAKER, Simon J. **New Testament commentary**: exposition of the Acts of the Apostles. Grand Rapids: Baker Academic, 1990. 1010 p.

LOUW, Johannes P.; NIDA, Eugene A. (Edit.). **Léxico grego-português do Novo Testamento**: baseado em domínios semânticos. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. 786 p.

LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo Testamento interlinear**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. 927 p.

MOUNCE, William D. **Léxico analítico do Novo Testamento grego**. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2012. 720 p.

NORCOTT, John. **Batismo**: um tratado batista sobre o credobatismo. Tradução de André Soares. Rio de Janeiro: Pronobis, 2021. 186 p.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento**: análise e avaliação do aparato crítico de *O Novo Testamento grego*. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 575 p.

REGA, Lourenço Stelio; ALMEIDA, Marcos de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: FABAPAR, 2019. 120 p.

REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. **Noções do grego bíblico**: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004. 409 p.

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Imágenes verbales en el Nuevo Testamento**: los hechos de los apóstoles. Barcelona: CLIE, 1988. Vol. 3. 496 p.

ROBINSON, Edward. **Léxico grego do Novo Testamento**. Tradução de Paulo Sérgio Gomes. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. 1032 p.

SCHOLZ, Vilson. **Novo Testamento interlinear grego-português**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. 979 p.

SILVA, Rodrigo Antônio. **Comunhão**: breve estudo da utilização do termo koinonia na cultura helênica e sua incorporação no âmbito cristão do Novo Testamento e Patrístico. **Reveleto**, [S. l.], v. 10, n. 17, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/reveleto/article/view/28601>. Acesso em: 11 ago. 2023.

STERN, David H. **Comentário judaico do Novo Testamento**. Vários tradutores. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Atos, 2009. 944 p.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos: até os confins da terra**. Tradução de Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994. 462 p.

SWETNAN, James. **Gramática do grego do Novo Testamento**. Tradução de Henrique Murachco, Juvino A. Maria Júnior e P. Bazaglia. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2011. 451 p. Vol. 1.

VERBRUGGE, Verlyn D. **Novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento: edição condensada**. Tradução de Alexandros Meimaridis e Paulo Sérgio Gomes. São Paulo: Vida Nova, 2018. 752 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE JUNIOR, William. **Dicionário Vine: o significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e do Novo Testamento**. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1115 p.

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

Bíblia e Teologia: textos e contextos

batistapioneira.edu.br

I Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2023.v1.008



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AÇÃO DIVINA NO RELATO HISTÓRICO DE RUTE

Divine action in the historical account of Ruth

Thiago Pinheiro da Silva¹

RESUMO

Rute é uma mulher estrangeira que decidiu servir ao Deus de Israel. Sua vida e história começam em meio a perdas, afinal, uma jovem ficar viúva antes mesmo de ter filhos, era uma tragédia para a época. Além disso, a família na qual fora introduzida era estrangeira, com costumes diferentes dos seus, crença diferente da sua, um povo que nem deveria casar-se com alguém de fora por questões religiosas. Além disso, Rute ainda pertencia a uma nação amaldiçoada por não ter sido cortês com o povo de Deus no passado. Como entender que a graça de Deus poderia ser estendida a uma pessoa nessas condições? A história avança e aquela bela moça demonstra uma decisão de renunciar a suas crenças para confiar nesse Deus único conhecido por realizar grandes feitos pelo povo. A graça de Deus a atinge e a insere até mesmo na genealogia de Jesus, o resgatador de todas as pessoas. Aquela moça estrangeira passa a pertencer ao povo escolhido, ensinando que não existem limites para conter a ação de Deus.

Palavras-chave: Rute. Graça. Resgatador.

ABSTRACT

Ruth is a foreign woman who decided to serve the God of Israel. Her life and story begin in the midst of losses, after all, a young woman becoming a widow before even having children was a tragedy for that time. Furthermore, the family into which she was introduced was foreign, with customs and beliefs different from her own, a people who shouldn't even marry an outsider for religious reasons, and Ruth still belonged to a nation cursed for not having been courteous to God's people in the past. Is it possible that God's grace could be extended to a person in these conditions? The story progresses and that

¹ Graduando em Administração pela Faculdade Unopar e graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: thiagopinheiro93@gmail.com

beautiful girl demonstrates a decision to renounce her beliefs in order to trust in this unique God known for performing great deeds for the people. God's grace reaches her and even places her into the genealogy of Jesus, the redeemer of all people. That foreign girl becomes part of the chosen people, teaching that there are no limits to contain God's action.

Keywords: Ruth. Grace. Rescuer.

INTRODUÇÃO

Nas breves páginas do livro de Rute é encontrada uma das mais belas narrativas de uma história que inicia de uma forma trágica, mas traz a expressão do amor e cuidado de Deus em sua sequência, até o final. Diante de grandes questões, com as primeiras informações no início da leitura, é comum ser levado a concluir que a jovem Rute teria um final não tão agradável. Afinal, uma estrangeira viúva, com sua sogra, também viúva, chegando a uma terra estranha, na qual ninguém a conhece, é um cenário propício a sofrimento, rejeição e lutas. Apesar de parecer que tudo favorece negativamente, o livro possui riqueza em significados e aborda temas como recomeço, compaixão e graça.

A profundidade em riquezas expressas no decorrer do texto é um atrativo para o estudo acentuado do livro que leva o nome de uma moabita. É estranho pensar que em um período em que as mulheres não tinham posições sociais relevantes e estrangeiros eram considerados ameaças, o texto canônico seja composto por uma história assim. Uma das razões pela qual essa estranheza aparece, é que há a tendência de criar limites para a ação de Deus, acreditando que Ele não poderia – ou não deveria – agir de um modo diferente do que é tido como aceitável. O intuito desta pesquisa é conduzir o leitor de Rute a enxergar a ação ilimitada de Deus e explanar ensinamentos encontrados através das ações e escolhas de cada personagem.

1. PRECIPITAÇÃO: PLANTIO PARA FRUTOS AMARGOS

Primeiramente é importante destacar que a história descrita no livro de Rute tem seu início na cidade de Belém, nome cujo significado é “casa do pão”², identificando que era uma região farta para cultivo de cereais e esclarecendo que a fome citada³ era incomum.⁴ Além disso, é importante considerar que não há relatos de que um numeroso grupo tenha se retirado de Belém, o que leva a refletir se havia uma dificuldade significativa atingindo o povo, a ponto de uma família de posses precisar ir em busca de um novo lugar para viver.⁵

Após essa compreensão, é necessário analisar o local para onde Elimeleque conduziu sua família. Moabe era uma cidade próxima de Belém, aproximadamente oitenta quilômetros de distância⁶, o que remete a ideia de que a fome não era tão abrangente ou devastadora.

² WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: históricos. Santo André: Geográfica, 2006, vol. 2, p. 173.

³ THOMAS NELSON BRASIL. **Sua Bíblia**: Letra grande NVI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 316.

⁴ ATKINSON, David. **A mensagem de Rute**. São Paulo: ABU, 1991, p. 32.

⁵ GAROFALO NETO, Emilio. **Redenção nos campos do Senhor**: as boas novas em Rute. 2.ed. Brasília: Monergismo 2019, p. 36.

⁶ ATKINSON, 1991, p. 32.

Ademais, os moabitas eram um povo considerado inimigo por situações ocorridas na história do passado do povo de Israel, conforme os textos bíblicos de Deuteronômio 23.3-4 e Números 22.1 – 24.25.

O líder da casa, Elimeleque, cujo nome significa “Deus é Rei”⁷, demonstrou falta de confiança no Senhor. Eles viviam um momento difícil e isso só externalizou o que já estava oculto no coração daquele que devia confiar no Rei que governava o povo e deveria governar sua vida.⁸ Essa decisão precipitada de Elimeleque resultou em uma colheita de frutos amargos, problemas futuros enfrentados, principalmente, pela parte mais frágil da família: as mulheres.

1.1 As Perdas

A família de Elimeleque e Noemi possuía bens. Garofalo Neto expõe em seu livro que: “No decorrer da história aprendemos que se tratava de uma família de posses; Noemi mais tarde vai falar sobre voltar pobre e vazia, o que indica que ela não o era antes. Inclusive na volta haveria terras da família a resgatar”.⁹

Sendo assim, pode-se perceber que a atitude apressada em buscar auxílio distante de Deus causou perdas materiais à família. Mas não parou por aí. O gosto dos frutos colhidos por essa família fora ainda mais amargo do que a perda de suas posses. Eles saíram de Belém, do lugar onde havia provisão divina, com medo de sofrerem com a fome e foram em busca de um lugar para se refugiarem com a intenção de garantirem a sobrevivência, porém, o que encontraram foi a dor da morte, uma sepultura, perda sem reparação definitivamente.¹⁰ Noemi perdeu não somente seu marido, a referência de liderança, mas acabou perdendo seus dois filhos, todos de modo precoce. Noemi sofreu a perda do que havia de mais valioso em sua vida e, agora, sem expectativa de continuidade da descendência.¹¹

1.2 O Desamparo

Além de Noemi, havia mais duas mulheres agora viúvas. Elas estavam desamparadas, sem uma perspectiva de vida, sem segurança, experienciando o pior que poderia acontecer a uma mulher em seu tempo.¹² As viúvas da época enfrentavam dificuldades, especialmente no caso de Noemi que já estava em idade mais avançada e dificilmente poderia casar-se novamente.¹³ Como se não bastasse a dor da perda de um ente querido, da solidão e do medo, essa mulher é uma estrangeira que enterra seu marido e seus dois filhos longe do lugar de seu povo, com duas moças em sua casa, pertencentes a outra nação, trazendo à sua memória a

⁷ CUNDALL, Arthur E.; MORRIS, Leon. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986, p. 233.

⁸ GAROFALO NETO, 2019, p. 35.

⁹ GAROFALO NETO, 2019, p. 36.

¹⁰ LOPES, Hernandes Dias. **Rute**: uma perfeita história de amor. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 29-30.

¹¹ LOPES, 2007, p. 29-30.

¹² EVERY-CLAYTON, Joyce Elizabeth W. **Rute**. Curitiba e Belo Horizonte: Encontro, 1993, p. 16.

¹³ LOPES, 2007, p. 35.

desobediência a Deus nas ações de sua família.¹⁴ O início do livro de Rute apresenta uma sequência de tragédias que causam uma profunda dor, um sofrimento intenso.¹⁵

1.3 A Amargura

Para o contexto do Antigo Testamento, os nomes carregam significados que dizem respeito às características correspondentes a eles. O nome Noemi significa “alegre”, mas após todos os desastres sofridos, o texto bíblico mostra que ela muda seu nome para Mara, cujo significado é “amargura”.¹⁶ Mesmo sendo respondida com amor por parte de Rute, Noemi olha para toda a situação com amargura, não reconhecendo aquilo que sua nora fez. Noemi está envolvida na sua dor e não consegue perceber algo admirável que a atinge. Ela só vê suas mãos vazias de suas riquezas, seu lar vazio dos homens que lá habitavam, impedida de enxergar que há ao seu lado uma jovem que lhe jurou fidelidade.¹⁷

2. VOLTAR: PASSO PARA A RESTAURAÇÃO

Após algum tempo longe de casa, Noemi tem notícias de que aquela aflição que havia assolado seu povo em Belém não existia mais e, depois de tantas perdas, decide retornar ao seu lar. Suas noras parecem dispostas a voltar com ela.¹⁸ Apesar de estrangeiras, conheceram o Deus de Israel na convivência com a família de Noemi. Essa atitude de regressar pode ser acompanhada de tristezas, mas também representa a alegria de ser recebido de volta por Deus. Uma escolha equivocada de um homem, trouxe sofrimentos gigantescos a uma família, porém, a escolha de voltar atrás é o início de uma restauração e renovação da esperança para o futuro de quem restava em meio às perdas.¹⁹

Ao ouvir que o Senhor havia trazido restauração à sua terra, a resposta foi de retornar, fazer o caminho contrário, voltar-se ao Pai celestial.²⁰ Noemi, seguindo seu marido, foi em direção contrária aos mandamentos de Deus. Distante do Senhor, sob consequências negativas do caminho trilhado, ela percebe uma oportunidade de regressar. A fome que viera sobre Israel era ação divina com o propósito de fazer o povo perceber suas falhas e voltar-se ao Senhor. Assim, Deus também conduz Noemi a retornar, reconhecendo que foi um erro fugir em desobediência.²¹

2.1 O Retorno

Depois de sair de Belém, Noemi perdeu tudo o que tinha e, ao tomar a iniciativa²² de partir em direção ao lugar de onde viera, estava disposta a renunciar tudo o que lhe restava:

¹⁴ GAROFALO NETO, 2019, p. 60.

¹⁵ ATKINSON, 1991, p. 38.

¹⁶ ATKINSON, 1991, p. 51.

¹⁷ BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Juízes a Ester. São Paulo: Vida Nova, 1993, p. 39.

¹⁸ BAXTER, 1993, p. 39.

¹⁹ GAROFALO NETO, 2019, p. 68-72.

²⁰ LOPES, 2007, p. 37.

²¹ GAROFALO NETO, 2019, p. 55.

²² CUNDALL; MORRIS, p. 236.

suas noras.²³ Conforme Wiersbe, essa ação reflete que em seu coração a motivação do retorno não era a de restaurar sua comunhão com Deus, mas de simplesmente obter a bênção que o povo estava desfrutando. Sua atitude ao tentar enviar suas noras de volta para a casa de seus pais pode ser vista como um meio de encobrir os pecados de sua família. Voltar sozinha seria menos vergonhoso que voltar com uma estrangeira que foi inserida na sua descendência.²⁴ Para o referido autor, ter decidido voltar não demonstra, necessariamente, arrependimento dos erros cometidos, mas pode ser uma demonstração de remorso ou, até mesmo, tristeza. Isso pode ser notado quando, ao chegar em Belém e ver a comoção do povo, Noemi responde com uma lamentação pessoal contra o próprio Deus de Israel:

As tragédias que desabaram sobre sua vida tinham uma causa, ou melhor, um causador. Ela atribuiu todo o seu infortúnio a Deus. Ela disse que Deus lhe dera não felicidade, mas amargura (1.20). Deus lhe dera não felicidade e prosperidade, mas pobreza (1.21). Deus estava não com ela, mas contra ela (1.21). Deus estava não consolando, mas afligindo a sua vida (1.21). Para Noemi, o Deus todo-poderoso usara Seu poder não para socorrê-la, mas para torná-la amarga e infeliz.²⁵

Para Garofalo, toda essa revolta de Noemi pode ser uma expressão da dor pelo seu pecado contra Deus, sem perceber que Ele lhe estendera o perdão. Havia um processo interno a ser realizado para que ela percebesse que o Senhor a recebe de volta com amor.²⁶

De forma diferente, com relação a Noemi, Kunz afirma que ela foi corajosa e teve valentia para voltar, e isso não envolve reconhecimento de pecados. Foi necessária ousadia para ela voltar ao lugar de onde havia saído. Kunz ainda destaca que não deve ter sido fácil para Noemi recomeçar, pois, certamente muitas lembranças de seu passado - com seu marido e seus filhos - vieram à sua mente quando chegou em Belém de Judá. Isso demonstraria que confiava em lavé e em Seu controle. Com intrepidez ela enxergou o caminho, algo que poucos teriam condições de fazer. Para Kunz, tal confiança impressiona, pois apesar de tudo o que já tinha perdido até o momento, ainda poderia perder as suas noras, mas isso não a impediu de seguir em frente. Não desistiu de voltar à sua terra, ainda que isso viesse a significar voltar sozinha.

2.2 A Entrega

Em contrapartida à atitude dessa mulher israelita, Rute, uma mulher moabita, demonstra uma postura exemplar. Ao ser mandada de volta ao seu povo, para a casa de seu pai, ela responde com amor: “Aonde fores irei, onde ficares ficarei! O teu povo será o meu povo e o teu Deus será o meu Deus! Onde morreres morrerei, e ali serei sepultada. Que o Senhor me castigue com todo rigor, se outra coisa que não a morte me separar de ti!”²⁷

²³ LOPES, 2007, p. 37.

²⁴ WIERSBE, 2006, p. 175-176.

²⁵ LOPES, 2007, p. 43.

²⁶ GAROFALO NETO, 2019, p. 74.

²⁷ THOMAS NELSON, 2018, p. 316.

Pode-se notar que a estrangeira inserida em uma família israelita se entrega em amor por sua sogra. Ela dá tudo, mas não é percebida. Ainda assim, continua demonstrando amor com suas ações.²⁸ Diante das palavras daquela mulher que a desencorajava, dizendo que não havia esperança de futuro para ela se seguisse junto para Belém, mesmo ouvindo que, se escolhesse voltar para a casa de seus pais, poderia haver uma outra oportunidade de casamento, seria cuidada na casa de sua mãe, continuaria a vivenciar aquilo que aprendera culturalmente desde criança, Rute mantém-se firme com sua escolha de não abandonar a quem amava, estando disposta a sacrificar a si mesma e a sofrer, se necessário, por Noemi.²⁹

Além de abandonar sua terra, família e cultura, Rute ainda se expõe a um árduo trabalho, possivelmente a melhor opção para uma viúva do período. Segunda a Lei, quando espigas caíam durante a sua retirada, eram deixadas para serem recolhidas pelos necessitados. Essa tarefa não era o mesmo que pedir esmolas, mas um trabalho para conseguir alimento para sua casa.³⁰ Rute se coloca em uma situação que poderia ser desastrosa para ela. Corria risco de ser maltratada, expondo sua vulnerabilidade: estrangeira, viúva e desamparada. Além do cansaço, Rute se arriscou indo até os campos cheios de homens trabalhando e distantes da cidade. Ela se doou de tal modo que não pôde ser impedida de encontrar alimento, independentemente das circunstâncias que foi exposta.³¹

2.3 A Confiança

Rute não conhecia e não sabia o que o Senhor poderia fazer, mas demonstra confiança no Deus desse povo que agora é seu também. Ela se permite vivenciar a provisão divina ao embarcar em um dia cansativo de colheita de espigas, possivelmente por saber da Lei que Deus havia deixado ao povo para cuidar dos necessitados. Direcionada pelo próprio Deus, ela acaba em uma plantação pertencente a um homem temente ao Senhor, rodeada por trabalhadores bons e que não querem fazer mal algum a essa mulher vulnerável. Noemi, ao ouvir o que aconteceu naquele dia com sua nora, reconhece o cuidado que Deus teve para com Rute.³²

A atitude de Rute mostra que ela não fugiu no momento de dificuldade, mas foi encorajada a fazer algo para enfrentá-la. Demonstrou humildade ao pedir permissão para fazer o que lhe era concedido por direito, não se envergonha de sua situação, mas se alegra com aquilo que recebe. Sabendo de sua condição, ela buscou a provisão divina, confiou mesmo tendo pouco conhecimento de quem é o Senhor.³³

²⁸ GAROFALO NETO, 2019, p. 74,75.

²⁹ BAXTER, 1993, p. 40.

³⁰ EVERY-CLAYTON, 1993, p. 34-36.

³¹ GAROFALO NETO, 2019, p. 91-92.

³² ATKINSON, 1991, p. 62-64.

³³ LOPES, 2007, p. 76-81.

3. FRUTOS DA GRAÇA: COLHEITA DE UMA TRANSFORMAÇÃO

Diante de tanta dificuldade, houve uma graça abundante da parte de Deus. Uma manifestação de Seu amor e perdão foi capaz de transformar um coração amargurado em um que é grato e bendiz aquele que lhe concedeu essa graça.³⁴ E essa graça é estendida também a uma estrangeira:

A fidelidade pactual (*hesed*) de Deus para com ela e Noemi não falha. Deus foi fiel às promessas que fez em seu pacto. Deus demonstra bondade para Rute e Noemi, sua bondade está ligada à sua promessa. Rute agora é parte da família do pacto; pode contar com essa benevolência tanto quanto qualquer israelita de nascimento. Ela não nasceu na família do pacto, mas juntou-se a tal família. E tem direito às mesmas promessas. Ela não nasceu na casa, mas se tornou parte da casa.³⁵

Após sofrerem tantas perdas distantes do Senhor e de Sua vontade, elas percebem uma possibilidade de mudança e retornam para o lugar de onde Noemi saíra com sua família anos atrás. Sem terem nada, Rute se dispõe a um trabalho considerado desonroso, mas justo e é conduzida ao lugar onde algo surpreendente aconteceria. Aquela terra de Boaz, um homem rico e que era parente do marido de Noemi, foi o local que trouxe o sustento para elas naquele dia e, milagrosamente, para o restante de suas vidas.³⁶

Rute não observava a situação da mesma forma que Noemi; a sogra percebe que tudo isso foi condução de Deus. Após receber o perdão de Deus e perceber que Ele a estava provendo, Noemi pôde desprender-se da amargura que a acompanhava, trocando sua lamentação e acusação, por gratidão e louvores ao Senhor. Ela substitui o foco nas tristezas que a atingiram, pelas bênçãos que estava recebendo.³⁷

No relato do capítulo 2, versículo 20, observa-se que Noemi ainda utiliza um termo em sua fala quando se refere a Boaz, dizendo que fora “*bondoso com os vivos e com os mortos*”.³⁸ Esse termo utilizado pode ser uma expressão de renovação da esperança de Noemi, afinal, Boaz era um resgatador, parente de seu marido e filhos, sendo sustento para as mulheres da família. Além disso, a Lei do resgate carregava o cuidado com a continuidade da família e com as terras pertencentes a ela. Ou seja, aquilo que o Senhor deu a Elimeleque, continuaria sendo do Senhor, pois seguiria pertencendo a um resgatador que viera de Seu povo, além de gerar filhos para dar continuidade ao nome da família daquele que morreu.³⁹

É importante destacar que Rute recebe mais do que o resgate. Ela é levada ao encontro de um homem correto e temente ao Senhor. Noemi, tentando acelerar o processo de resgate, aconselha sua nora a fazer algo para se aproximar de Boaz e lhe conduzir a um ato que seria cabível o compromisso. Rute faz conforme sua sogra mandara até certo ponto: espera Boaz embriagar-se com vinho e ir se deitar. Então, colocou-se aos pés dele, esperando que ele

³⁴ WIERSBE, 2006, p. 184.

³⁵ GAROFALO NETO, 2019, p. 99.

³⁶ BAXTER, 1993, p. 41.

³⁷ LOPES, 2007, p. 76-83.

³⁸ THOMAS NELSON, 2018, p. 318.

³⁹ EVERY-CLAYTON, 1993, p. 46-47.

despertasse durante a noite. Daqui em diante, Rute se assegura de não ser interpretada erroneamente, mas expressa aquilo que deseja: casamento. Quando solicita que Boaz estenda a capa sobre ela, está utilizando um símbolo de compromisso, solicitando que ele cumpra aquilo que lhe é cabível. Aquela atitude poderia se tornar um problema para Rute, exposição, difamação, rejeição, abuso. Mas Boaz olha para ela com compaixão e bondade novamente, e lhe assegura que fará o necessário para garantir segurança e cuidado a ela.⁴⁰

A conduta exemplar de Boaz não acaba aqui. O texto bíblico relata que havia outro parente que seria mais próximo que ele, tendo, portanto, o direito de resgatar a viúva e os seus bens antes de Boaz. Para conduzir tudo às claras, ele se reúne com o outro resgatador e expõe a situação. Ao falar das terras que poderiam ser adquiridas pelo homem, há interesse para ficar com elas, mas Boaz, de forma sábia, lhe recorda que se tornaria responsável por Noemi e Rute, a estrangeira, o que causou desinteresse no homem, que concedeu o direito primário de resgate a Boaz. Após firmar o acordo diante dos anciãos, Boaz se casa com Rute e eles tiveram um filho, gerando a descendência de Davi, futuro Rei de Israel.⁴¹

Após muito sofrimento e lutas, a colheita da graça do Deus de Israel começou. Uma mulher, antes estrangeira, agora resgatada por alguém que a ama a ponto de arriscar-se para dar suporte e sustento a ela, passa a desfrutar do pertencimento à casa do Senhor.⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura minuciosa do texto relatado em Rute, foi possível concluir que decisões precipitadas, caminhos equivocados e pecados consumados conduzem a consequências dolorosas e, muitas vezes, irreversíveis. Aquele homem que escolheu deliberadamente desobedecer a Deus, fugindo por falta de confiança na provisão divina, teve como resultado sua morte e de seus filhos. Mas também leva a entender que a ação divina é superior ao que o ser humano possa compreender ou imaginar. Através dessa escolha equivocada, uma estrangeira foi alcançada e resgatada, tornando-se parte de um povo que estava sob uma promessa eterna.

Aquela escolha errada que gerou frutos amargos, conduziu ao arrependimento e retorno e mostrou que não há limites ao que o Senhor pode fazer quando deseja estender sua graça e perdão. Parece que a volta para casa foi dolorosa e cheia de amargura, porém, durante o processo de remissão e retorno, Deus trouxe transformação ao coração daquela que se autoneomeou “Mara”. Envolvida em dor e sofrimento, ela foi transformada e passou a ser grata e bendizer o Senhor. Apesar dos erros, Deus concedeu perdão e graça e os frutos doces dessa colheita puderam ser desfrutados, afinal, esse resgate gerou o futuro rei do povo de Deus. Mais do que isso, essa estrangeira teve seu nome descrito na genealogia do próprio Cristo, aquele que viria para resgatar toda a humanidade.

⁴⁰ GAROFALO NETO, 2019, p. 109-117.

⁴¹ BAXTER, 1993, p. 41.

⁴² GAROFALO NETO, 2019, p. 137-138.

REFERÊNCIAS

ATKINSON, David. **A mensagem de Rute**. São Paulo: ABU, 1991.

BAXTER, J. Sidlow. **Examinai as Escrituras**: Juízes a Ester. São Paulo: Vida Nova, 1993.

CUNDALL, Arthur E.; MORRIS, Leon. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1986.

EVERY-CLAYTON, Joyce Elizabeth W. **Rute**. Curitiba e Belo Horizonte: Missão e Encontro, 1993.

GAROFALO NETO, Emilio. **Redenção nos campos do Senhor**: as boas novas em Rute. 2.ed. Brasília: Monergismo, 2019.

LOPES, Hernandes Dias. **Rute**: uma perfeita história de amor. São Paulo: Hagnos 2007.

THOMAS NELSON. **Sua Bíblia**: letra grande NVI. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**: Antigo Testamento: Históricos. Santo André: Geográfica, 2006. Vol. 2.



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

AVIVAMENTO: TEOLOGIA DE AGOSTINHO, EDWARDS E SPURGEON: PERSPECTIVAS E IMPACTOS

Revival in the theology of Augustine, Edwards and Spurgeon: perspectives and impact

Eduardo Leimann Balaniuk¹

Emanuel Rodrigues²

Guilherme Henrique Marin Streda³

Laura Rocha Tomasi⁴

Nícolas Dias Siqueira⁵

Rafael Moessner Loureiro⁶

Vanderlei Alberto Schach⁷

¹ O autor é graduado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS, especialista em Libras e educação para surdos e mestre em Teologia (FABAPAR/PR). É professor e coordenador de extensão na Faculdade Batista Pioneira (Ijuí/RS) E-mail: eduardo@batistapioneira.edu.br

² O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: emanuel.batera@hotmail.com

³ O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: stredaguilherme@gmail.com

⁴ A autora é graduada em Psicologia pela Universidade Luterana do Brasil e graduanda em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: tomasilaura52@gmail.com

⁵ O autor é graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: nicolasdias@batistapioneira.edu.br

⁶ O autor é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Franciscana e graduando em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: rafa.l@outlook.com

⁷ O autor é graduado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS, Mestre em Novo Testamento e Doutor em Teologia Prática, ambos pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo / RS. É professor na Faculdade Batista Pioneira e um dos pastores que compõem o colegiado da Primeira Igreja Batista de Ijuí. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

RESUMO

Esta pesquisa investiga o conceito de avivamento na teologia de três influentes teólogos cristãos: Agostinho de Hipona, Jonathan Edwards e Charles Spurgeon. Cada um desses teólogos desempenhou um papel significativo na vida eclesiástica e na vida pessoal dos cristãos. A pesquisa mostrou Agostinho e sua ênfase na importância da graça divina na conversão. Em Edwards a pesquisa abordou a convicção do pecado para desencadear o avivamento. Enquanto na vida de Spurgeon, foi visto como sua vida de pregação impactou inúmeras pessoas. Portanto, nesta pesquisa estudou-se como esses teólogos influenciaram o pensamento teológico e prático sobre o avivamento em suas respectivas épocas. Destaca como suas visões podem ser relevantes para a compreensão do avivamento atualmente.

Palavras-chave: Avivamento. Agostinho de Hipona. Jonathan Edwards. Charles Spurgeon.

ABSTRACT

This research investigates the concept spiritual revival in theology from three influential christians theologians: Augustine of Hippo, Jonathan Edwards and Charles Spurgeon. Each one of these theologians performed a significant role in the ecclesiastical and personal life of every christians. The research will show Augustine and his emphasis in the importance of divine grace in conversion. In Edwards, the research shows the conviction of sins and how it leads to the spiritual revival. While in Spurgeon's life, it is seen how his life of preaching cause great impact in innumerous lives. Therefore, in this research will be studied how these theologians influenced the theological way of thinking and practice over spiritual revival in its respective times and, highlights how their visions can be relevant to the comprehension of nowadays revival.

Keywords: Spiritual Revival. Augustine of Hippo. Jonathan Edwards. Charles Spurgeon.

INTRODUÇÃO

O tema do avivamento espiritual tem sido uma preocupação central na teologia cristã ao longo dos séculos, moldando e influenciando a vida de membros da igreja e a espiritualidade de inúmeras gerações de crentes. Neste contexto, três figuras teológicas se destacam por suas contribuições significativas na compreensão e promoção do avivamento: Agostinho de Hipona, Jonathan Edwards e Charles Spurgeon. Através da temática sobre avivamento, esta pesquisa buscará explorar as perspectivas teológicas e o impacto do conceito de avivamento na vida e ministérios desses três teólogos, destacando suas visões distintas, abordagens e legados que moldaram a história do cristianismo.

Agostinho de Hipona, teólogo do século IV, é amplamente conhecido por suas contribuições à teologia reformada e sua influência duradoura na tradição cristã ocidental. Edwards, um pastor e teólogo do grande despertar do século XVIII, é lembrado por seu papel crucial na promoção de um avivamento espiritual marcante nos Estados Unidos. Spurgeon, por sua vez, desempenhou um papel de liderança no movimento evangélico do século XIX e continua sendo uma figura inspiradora para muitos até os dias de hoje.

Será explorado, de forma breve, as concepções sobre o avivamento, examinando como eles o definiram, entenderam sua necessidade e promoveram sua realização. Além disso, será

abordado o impacto de suas perspectivas sobre o avivamento na teologia e no meio eclesial, avaliando como suas ideias refletem na vida pessoal do teólogo e por consequência influencia a todos que estão a sua volta.

Ao investigar as ideias de Agostinho, Edwards e Spurgeon sobre o avivamento e seu legado, esta pesquisa visa contribuir para uma compreensão mais profunda de como o avivamento têm importância na vida da igreja, bem como perceber que antes de buscar um avivamento congregacional, há de se pensar primeiramente em como isso pode ocorrer na vida particular de cada crente. Estes são os destaques que seguem no texto abaixo.

1. AGOSTINHO E SUA BUSCA POR DEUS

Aurélio Agostinho, muitas vezes chamado de Agostinho de Hipona ou Santo Agostinho, foi um bispo, escritor, filósofo e teólogo cristão, seus estudos foram importantes para a doutrina da Igreja Católica, deixando muitas obras escritas sobre filosofia e teologia, essas obras exercem influência na cultura ocidental até os dias atuais.⁸ Ele não foi somente um mestre na Igreja, foi também um grande mestre da Filosofia, e isso lhe deu autoridade,⁹ por isso, assim como diz Moreschini e Norelli: “o maior pensador cristão (e não apenas cristão) do Ocidente”.¹⁰

Nascido no ano de 354, em Tagaste, Agostinho era filho de Patrício e Mônica, sua mãe, bastante religiosa, convertida ao cristianismo, sempre orou e instruiu Agostinho a seguir os caminhos de Deus. Até seus 32 anos de idade Agostinho não tinha se convertido ao cristianismo e seguia uma vida caracterizada por grande imoralidade sexual e voltada aos estudos dentro da filosofia.¹¹

O seu interesse por filosofia começou quando leu a obra de Cícero “Hortênsio”. Após isso se filiou a seita Maniqueísta que o fez enxergar o mundo de forma dual que o fez ir de encontro ao Ceticismo, essa escola da filosofia entende que se deve duvidar de tudo, não existindo conhecimento correto de nada. A partir disso, ele conheceu o Neoplatonismo, essa concepção entende que a verdade e o conhecimento só podem ser encontrados no mundo das ideias. Encontrou no Neoplatonismo similaridades com a Bíblia, o que contribuiu com algumas de suas ideias cristãs.¹² Por último encontrou o Cristianismo, e se converteu no jardim de sua casa em Milão, quando ouviu Deus falar com ele - “Toma e lê; toma e lê” - assim abriu a Bíblia e leu a epístola de Paulo, encontrou no livro de Romanos 13.13 o que precisava, “não quis ler mais, nem era necessário. Apenas acabei de ler estas frases, penetrou-me no coração uma espécie de luz serena, e todas as trevas da dúvida fugiram”.¹³

⁸ SALLES, M. Agostinho de Hipona. **Homo projector**, [S. l.], v. 2, n. 02, p. 58-72, 2020. Disponível em: homoprojector.iipc.org/index.php/homoprojector/article/view/83. Acesso em: 26 out. 2023.

⁹ PIRATELI, M. R. De Aurélio Agostinho a Santo Agostinho de Hipona. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, v. 25, n. 2, p. 327-335, 15 abr. 2008. Disponível em: periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2187. Acesso em: 26 out. 2023.

¹⁰ MORESCHINI; NORELLI *apud*. PIRATELLI, 2008.

¹¹ PIRATELI, 2023.

¹² SALLES, 2023.

¹³ AGOSTINHO, Santo. **Confissões Santo Agostinho**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 11.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992, p. 367.

Visto que a palavra avivamento surge e é afirmada apenas após a Reforma Protestante,¹⁴ não é surpresa o fato de que Agostinho não tratou sobre esse tema. Mesmo assim, estudar sobre a sua própria conversão, é útil para lançar luz ao estudo do avivamento.

De acordo com Piratelli, pode-se dizer que a conversão de Agostinho “se deu a partir de três situações: o encontro com o bispo Ambrósio; a adoção da filosófica neoplatônica e a preferência pela leitura das cartas de São Paulo”.¹⁵ Não se intenciona aqui falar da conversão como um evento múltiplo, nem dispensar todas as situações em que o próprio Agostinho reconheceu como sendo importantes para a sua eventual conversão, mas sim falar sobre essas três situações que ocorreram em Milão e que para sempre marcaram sua vida, relacionando-os com elementos associados a avivamentos.

O contato de Agostinho com Ambrósio evidencia que sua conversão foi marcada pela pregação da Palavra de Deus. Ainda que em um primeiro momento Agostinho tenha sido atraído pela retórica, a Palavra de Deus ministrada através das homilias de Ambrósio encontrava lugar no coração de Agostinho. “Não me esforçava por aprender o que o bispo dizia, mas só reparava no modo como ele falava. Este gosto frívolo da eloquência permanecera em mim, perdidas já todas as esperanças de que se patenteasse ao homem o caminho para vós. Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava”.¹⁶

Outro momento importante ocorrido em Milão foi a adoção por parte de Agostinho da filosofia Neoplatônica em contraste às concepções maniqueístas. Se antes Agostinho não conseguia conceber um Deus que não era material, e ainda se apoiava nos princípios maniqueístas do bem e do mal, o neoplatonismo pavimentou o caminho para que Agostinho compreendesse os escritos do apóstolo Paulo.

Longe da pretensão de afirmar que a conversão ao cristianismo exige a adoção de alguma corrente filosófica, essa situação mostra como a ação de convencimento do Espírito Santo tem a capacidade de confrontar e humilhar as crenças humanas. Agostinho jamais encontraria – nem no maniqueísmo, nem no neoplatonismo – as respostas para as suas dúvidas mais angustiantes através dos seus próprios esforços, mas apenas através da ação do próprio Deus. “Mas depois de ler aqueles livros dos platônicos e de ser induzido por eles a buscar a verdade incorpórea, vi que ‘as vossas perfeições invisíveis se percebem por meio das coisas criadas’”.¹⁷

O episódio que marca a conversão de Agostinho é amplamente conhecido e veio após um encontro com Ponticiano, um cristão fiel que o relatou sobre Antão e seus seguidores, despertando em Agostinho tanto admiração quanto um conflito interior, ao comparar a sua vida com a dos seguidores de Antão. Quando estava em um momento de confrontação do

¹⁴ SANTOS, Gilson. **Avivamento**: as perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney. Disponível em: ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/. Acesso em: 23 out. 2023.

¹⁵ PIRATELLI, 2023.

¹⁶ AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 204.

¹⁷ AGOSTINHO, 2015, p. 176-177.

Espírito, vislumbrando sua própria torpeza e sendo movido por grande emoção e tristeza, Agostinho foi levado a ler a palavra de Deus, sendo imensamente confortado.

Tal episódio não seria infrutífero em sua vida, mas marcaria uma grande mudança em suas práticas. Mudou de cidade, deixou sua profissão, iniciou uma vida monástica de pobreza, mas não sua vida de isolamento para dedicação aos estudos foi interrompida para dar espaço ao seu envolvimento eclesial. Em uma visita a Hipona, foi convidado para ser presbítero e, não muito tempo depois, tornou-se bispo de Hipona.

Destaca-se, portanto, na conversão de Agostinho alguns elementos em comum com episódios de avivamento, são eles: contato com cristãos piedosos, contato com a palavra de Deus, confrontação espiritual, contrição e mudança de vida.

2. EDWARDS E SUA VIVÊNCIA NO AVIVAMENTO

Jonathan Edwards foi um dos importantes avivistas do século XVIII, deixando um grande legado na história dos avivamentos. Ele vivenciou algumas experiências práticas de avivamento, bem como passou a investigar e discorrer bíblicamente sobre tal assunto. Ele escreveu 4 obras em relação a esse fenômeno e as experiências que vivenciou nele, são elas: a verdadeira obra do espírito – Sinais de autenticidade; alguns pensamentos com respeito ao presente avivamento; afeições religiosas e a busca do avivamento.¹⁸

Edwards define o avivamento como a extraordinária obra de Deus, o Espírito Santo, revigorando e propagando a piedade cristã em uma comunidade. Sendo ele efusões marcantes em tempos especiais de misericórdia. Ao trazer essas definições ele ressalta que o avivamento como sendo um fenômeno onde Deus derrama de seu espírito em tempos de misericórdia, no qual ocorre não uma explosão de sentimentalismo, mas uma mudança experimentada, uma renovação e mudança de mente na vida daqueles que experimentam tal fenômeno.¹⁹

Em sua pesquisa, Edwards descreve os sinais de um avivamento genuíno, ou seja, um mover sobrenatural de Deus sobre determinado povo escolhido por ele. Nessa descrição ele inicia observando que o avivamento genuíno é um movimento sobrenatural de caráter comunitário, o qual aumenta a piedade cristã e transforma a mente. Outra característica importante citada por ele nesse aspecto é que o espírito de Deus age de formas diferentes em cada avivamento, não havendo um padrão.²⁰

Ainda nesse olhar, Edwards afirma que todo avivamento é acompanhado de pedras de tropeço. “Não podemos esperar uma obra de Deus sem pedra de tropeço, provavelmente veremos novas instâncias de apostasia e de grosseira iniquidade entre os cristãos professos”.²¹ Deus permite a exposição da constante falha do homem em meio a um

¹⁸ CAMPOS JR, Heber. **Jonathan Edwards e a teologia do avivamento**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=9hrD54-9JcQ. Acesso em: 23 out. 2023.

¹⁹ CAMPOS JR, 2023.

²⁰ BYRD, James P. **Jonathan Edwards para todos**. Viçosa: Ultimato, 2021, p. 45-68.

²¹ BYRD, 2021, p. 45-68.

avivamento para mostrar que todo poder e transformação vem dele. Diante disso, é dever do cristão orar por novos tempos de misericórdia.²²

Mas como mencionado Edwards não apenas investigou e escreveu acerca desse fenômeno como também o vivenciou de forma prática. Olhando para isso se pode perceber algumas experiências desse homem de Deus, a saber: 1) primeiramente o avô de Edwards experimentou 5 colheitas de avivamento; 2) em 1734 e 1735 Edwards experimentou um pequeno avivamento em Connecticut; 3) sua mulher passa por uma forte experiência de avivamento pessoal e 4) em 1740 ele fez parte de um grande despertamento na América do Norte e Europa.²³

O pequeno avivamento experimentado por Edwards em 1734 ocorreu enquanto ele estava pregando sobre a doutrina da justificação pela fé. Nele houve cerca de 300 conversões em uma cidade de 2000 habitantes. Nesse momento pode-se notar que os jovens começaram a ficar mais entusiasmados em sua vida espiritual, a igreja ficou mais alegre e amorosa tendo uma forte convicção de pecado do povo daquela cidade.²⁴

Já o grande avivamento ocorreu quando Edwards tinha 37 anos, o qual atingiu a América do Norte e boa parte da Europa. Nesse período houve um grande aumento na membresia das igrejas, bem como uma maior análise por parte dos membros em relação ao estado de suas almas. Houve também um conflito entre entusiastas e racionalistas, sendo que um grupo defendia que a verdadeira experiência era experimentada em meio a emoção, enquanto outro lado era completamente racional crendo que nada ligado às mesmas representasse um agir do espírito de Deus.²⁵

Em meio a esse e outros conflitos que Edwards se encontra com o desafio de discernir o que realmente era um avivamento genuíno. Como resultado dessa experiência e para argumentar contra entusiastas e racionalistas é que ele escreve a obra a verdadeira obra do espírito. Na qual ele se usa da análise do texto de 1 João 4 para falar sobre a importância de se examinar os espíritos para discernir se eles vêm de Deus.²⁶

Ao fazer essa análise ele discorre a respeito de marcas do agir do espírito de Deus que são, a saber: 1) uma ação que afirma e fixa a verdade acerca da vida de Jesus e seu evangelho; 2) uma obra contra os interesses de satanás; 3) a grande consideração do homem pelas escrituras sagradas; 4) um espírito que opera como espírito de verdade e como um espírito de amor a Deus e ao próximo.²⁷

Edwards termina a sua análise a respeito da verdadeira obra do espírito afirmando que “onde aparecem os frutos do espírito aí está em ação o espírito de Deus”. Assim, se faz notório que Jonathan Edwards foi não só um ávido estudioso sobre avivamento, mas teceu suas teses com base em suas várias experiências com esse agir sobrenatural de Deus.²⁸

²² BYRD, 2021, p. 45-68.

²³ CAMPOS JR, 2023.

²⁴ CAMPOS JR, 2023.

²⁵ BYRD, 2021, p. 45-68.

²⁶ BYRD, 2021, p. 45-68.

²⁷ CAMPOS JR, 2023.

²⁸ BYRD, 2021, p. 45-68.

Assim, percebe-se que Jonathan Edwards estudou o avivamento de várias maneiras. Ele sabia que a Palavra de Deus era a fonte principal de sua orientação quanto a esse assunto. Também observou os efeitos do avivamento em sua congregação e outros locais. Dessa forma, ele prega e usa suas habilidades de comunicar para alertar as pessoas sobre o verdadeiro avivamento, que não era um evento externo, mas que provinha de uma transformação interna do coração.

3. SPURGEON E SUA PAIXÃO PELO AVIVAMENTO

“Sou alvo de depressões do espírito tão assustadoras que espero que nenhum de vocês jamais tenha que passar por tais extremos”.²⁹ Essa foi uma das frases de Charles Haddon Spurgeon tentando de alguma forma dizer o que sentia. Era algo revolucionário para a época. Nascido em Kelvedon, Inglaterra, no dia 19 de junho de 1834, sendo o primogênito de 16 irmãos. Converteu-se ao cristianismo já muito cedo, com 15 anos de idade. No ano seguinte já pregou seu primeiro sermão e logo após tornou-se pastor. À medida que sua autoridade pastoral ia aumentando, era criticado por alguns críticos como sendo alguém meramente teatral e por outros como sendo alguém vulgar demais para ser um pregador.

Spurgeon, conhecido por muitos como “O Príncipe dos Pregadores”, iniciou cedo no ministério, sendo convidado, aos seus 19 anos de idade, para ser pastor da New Park Street, igreja que já havia sido liderada por nomes reconhecidos até os dias de hoje. A congregação, que outrora fora uma das maiores igrejas em Londres, passava por um período complicado, tendo perdido cerca mil dos mil e duzentos membros que lá frequentavam.³⁰

Alguns dos seus colegas Batistas chegaram a publicar em jornais suas dúvidas sobre a conversão do jovem pregador. Mesmo com toda oposição, Spurgeon atraiu tantas pessoas que se concluiu que desde os tempos de George Whitefield e John Wesley, Londres não vivia sinais de avivamento. Durante seu ministério batizou 14.692 pessoas, contudo, sua saúde que desde a juventude foi precária, agora se acentuara com doenças como gota, reumatismo e depressão. Por orientação médica, diversas vezes teve que se afastar do púlpito e viajar para lugares onde poderia descansar e nos últimos anos da sua vida, passou por longos períodos de descanso.³¹

Certa vez em uma de suas pregações, Spurgeon afirmou: “estou bastante descontrolado para me dirigir a vocês esta noite. Sinto-me extremamente indisposto, excessivamente pesado e profundamente depressivo”.³² A pergunta que surge aqui é porque Spurgeon falava tão francamente sobre sua depressão? Ele entendeu que, ao passar pelo escuro charco da depressão, o Senhor Jesus lhe apareceu em socorro, não para curar, mas para estar ao lado dele. Portanto, pessoas depressivas precisam saber que elas não estão afundando sozinhas,

²⁹ ESWINE, Zack. **A depressão de Spurgeon**: esperança realista em meio à angústia. São José dos Campos: Fiel, 2015, p. 13.

³⁰ **HERÓIS da Fé**: Charles Spurgeon, o príncipe dos pregadores. Disponível em: guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/herois-da-fe-charles-spurgeon-o-principe-dos-pregadores. Acesso em: 23 out. 2023.

³¹ **QUEM foi Charles Haddon Spurgeon?** Disponível em: www.projetospurgeon.com.br/quem-foi-spurgeon/quem-foi-charles-haddon-spurgeon/. Acesso em: 27 out. 2023.

³² ESWINE, 2015, p. 120.

mas Deus “afunda” com elas. E bem aqui surge outra questão: ao invés de indagar por que Deus permite a dor ou o sofrimento, seria mais prudente perguntar por que Deus decidiu sofrer junto comigo. Spurgeon aprendeu a não olhar apenas para a cruz, mas também para o Jardim do Getsêmani, que significa “prensa de azeite”, ou seja, era um lugar onde se prensava as frutas para obtenção de suco. Spurgeon menciona que a dor corporal deve levar a entender a cruz, mas a dor emocional, o Getsêmani. “O aflito não procura intensamente pelo conforto da segunda vinda de Cristo (...), mas o procura como veio da primeira vez, um homem desgastado e cheio de tristezas”.³³

Portanto, Spurgeon teria tudo para abandonar o seu ministério, mas permaneceu firme, sem deixar se abalar pelas circunstâncias e conseguiu ver a grandiosa obra que Deus realizou através dele, marcando época e ajudando tanto pessoas sãs como pessoas depressivas porque ele conseguia entender a dor emocional a partir da sua experiência. Muitas pessoas admiram Spurgeon por ser um dos mais notáveis e influentes pregadores e pastores da história. Destacou-se por seus sermões eloquentes, profundos, centrados em Cristo e baseados na Palavra, que alcançaram e ainda alcançam milhares de pessoas em todo o mundo.³⁴ Foi com essa frase simples e direta que o pregador leigo na pequena capela metodista apelou ao jovem Spurgeon: “Olhai para mim e sereis salvos”. Foi assim que Spurgeon se converteu e começou a trilhar o caminho para se tornar o grande pregador que levou milhares de pessoas a Jesus.³⁵

A pregação de Spurgeon, da mesma forma que era rica e profunda, tinha também um caráter evangelístico muito forte. Spurgeon apresentava a realidade da mensagem do Evangelho de forma clara ao seu ouvinte. Ele convidava esse ouvinte a tomar uma decisão, a se arrepender e a crer em Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Isso, de fato, explica o seu ministério ser tão bem-sucedido, chegando a pregar a multidões na cidade de Londres.³⁶ O avivamento religioso do século XIX foi um período que alcançou muitas partes do mundo. Spurgeon desempenhou um papel central nesse avivamento, à medida que suas pregações atraíam multidões de pessoas para ouvir a mensagem do evangelho. Sua influência não se limitou apenas a Londres, mas se estendeu a outras nações e continentes, graças à ampla distribuição de seus sermões em formato impresso.

Spurgeon foi um homem que viveu e pregou com paixão pelo avivamento, tanto pessoal como coletivo. Ele entendia que o avivamento era uma obra sobrenatural do Espírito Santo, que trazia vida, poder e santidade à igreja de Deus. Ele orava e clamava por um avivamento genuíno e duradouro, que não se baseasse em emoções passageiras, mas na verdade das Escrituras e na glória de Cristo.³⁷

³³ ESWINE, 2015, p. 116.

³⁴ CROFT, Brian. **Um dos aspectos mais ignorados do ministério de C. H. Spurgeon**. Tradução de Fabio Luciano. São Paulo: Fiel, 2016. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/um-dos-aspectos-mais-ignorados-do-ministerio-de-c-h-spurgeon>. Acesso em: 23 out. 2023.

³⁵ **A Conversão do Jovem Spurgeon**. Disponível em: <https://www.iepaz.org.br/a-conversao-do-jovem-spurgeon>. Acesso em: 23 out. 2023.

³⁶ **A História de Charles Spurgeon - O Príncipe dos Pregadores!** Disponível em: www.youtube.com/watch?v=toMu16nX6qw. Acesso em: 23 out. 2023.

³⁷ **O Que É Um Avivamento? por C. H. Spurgeon**. Disponível em: www.oestandartedecristo.com/2019/03/21/o-que-e-um-avivamento-por-c-h-spurgeon. Acesso em: 23 out. 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do avivamento na teologia de Agostinho, Edwards e Spurgeon revelou os impactos significativos sobre esse assunto na história do pensamento cristão. Ao analisar as obras e os ensinamentos desses três importantes teólogos, fica claro que o avivamento é um tema que volta ao debate teológico de tempos em tempos, e cada um contribuiu de maneira única para o entendimento e a vivência desta temática.

Agostinho, com sua ênfase na graça divina, ressaltou a importância da conversão e da transformação pessoal como elementos essenciais do avivamento. Ele demonstrou que o avivamento não é apenas um evento coletivo, mas uma experiência profundamente pessoal e espiritual. Jonathan Edwards, por sua vez, destacou a soberania de Deus no avivamento, enfatizando a necessidade da pregação fervorosa e convicta para despertar as consciências e conduzir as pessoas ao arrependimento. Seu famoso sermão “Pecadores nas mãos de um Deus irado” é um exemplo marcante dessa abordagem. Charles Spurgeon trouxe uma perspectiva pastoral ao estudo do avivamento. Ele enfatizou a importância da pregação acessível e prática, direcionada à edificação espiritual das congregações. Sua influência na pregação expositiva e na formação de líderes religiosos teve um impacto duradouro nas igrejas até os dias atuais.

Em conjunto esses teólogos demonstram que o avivamento é um fenômeno complexo, que envolve a ação divina e a resposta humana. Suas perspectivas variadas enriquecem a compreensão desse tema crucial na história do cristianismo. Além disso, o impacto de seus ensinamentos continua a ser sentido nas igrejas e nas vidas de muitos até os dias de hoje. Portanto, esta pesquisa mostrou a importância de considerar as contribuições teológicas de Agostinho, Edwards e Spurgeon no contexto do avivamento e reconhecer seu impacto contínuo na teologia e na prática eclesial. Esses teólogos nos lembram da necessidade de uma abordagem equilibrada que valoriza tanto a intervenção divina quanto a ação humana na busca por um avivamento genuíno e duradouro na vida dos cristãos.

REFERÊNCIAS

A Conversão do Jovem Spurgeon. Disponível em: <https://www.iepaz.org.br/a-conversao-do-jovem-spurgeon>. Acesso em: 23 out. 2023.

A História de Charles Spurgeon – O Príncipe dos Pregadores! Disponível em: www.youtube.com/watch?v=toMu16nX6qw. Acesso em: 23 out. 2023.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões Santo Agostinho.** Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 11.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões.** Tradução de J. Oliveira e A. Ambrósio de Pina. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BYRD, James P. **Jonathan Edwards para todos.** Viçosa: Ultimato, 2021.

CAMPOS JR, Heber. **Jonathan Edwards e a teologia do avivamento**. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=9hrD54-9JcQ. Acesso em: 23 out. 2023

CROFT, Brian. **Um dos aspectos mais ignorados do ministério de C.H. Spurgeon**. Tradução de Fabio Luciano. São Paulo: Fiel, 2016. Disponível em: <https://ministeriofiel.com.br/artigos/um-dos-aspectos-mais-ignorados-do-ministerio-de-c-h-spurgeon>. Acesso em: 23 out. 2023.

ESWINE, Zack. **A depressão de Spurgeon: esperança realista em meio à angústia**. São José dos Campos: Fiel, 2015.

Heróis da Fé: Charles Spurgeon, o príncipe dos pregadores. Disponível em: guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/herois-da-fe-charles-spurgeon-o-principe-dos-pregadores. Acesso em: 23 out. 2023.

O Que É Um Avivamento? por C. H. Spurgeon. Disponível em: www.oestandartedecristo.com/2019/03/21/o-que-e-um-avivamento-por-c-h-spurgeon. Acesso em: 23 out. 2023.

PIRATELI, M. R. De Aurélio Agostinho a Santo Agostinho de Hipona. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, v. 25, n. 2, p. 327-335, 15 abr. 2008. Disponível em: periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2187. Acesso em: 26 out. 2023.

Quem foi Charles Haddon Spurgeon? Disponível em: www.projetospurgeon.com.br/quem-foi-spurgeon/quem-foi-charles-haddon-spurgeon/. Acesso em: 27 out. 2023.

SALLES, M. Agostinho de Hipona. **Homo projector**, [S. l.], v. 2, n. 02, p. 58–72, 2020. Disponível em: homoprojector.iipc.org/index.php/homoprojector/article/view/83. Acesso em: 26 out. 2023.

SANTOS, Gilson. **Avivamento – as perspectivas de Jonathan Edwards e Charles Finney**. Disponível em: ministeriofiel.com.br/artigos/avivamento-as-perspectivas-de-jonathan-edwards-e-charles-finney/. Acesso em: 23 out. 2023.

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

Bíblia e Teologia: textos e contextos

batistapioneira.edu.br

I Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/0000-2966-165X.v1.010



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

O FILHO É DEUS

The Son is God

Rafael Moessner Loureiro¹

RESUMO

Este artigo teve como objetivo falar sobre Jesus Cristo como o Deus Filho, buscando encontrar aquilo que a Bíblia fala sobre Jesus como o Filho de Deus e sobre Jesus como o próprio Deus. Primeiramente foram abordados alguns dos textos em que Jesus é chamado de Filho de Deus, assim como diferenças no significado do termo filho quando usado nas páginas da Bíblia e o que significa esse título atribuído a Jesus. A seguir, foram tratados textos que falam de Jesus como Deus, não se limitando apenas ao uso do termo “Deus”, mas também salientando a compreensão demonstrada tanto por aqueles que se encontraram com Jesus quanto por outros cristãos ao longo da história.

Palavras-chave: Jesus. Filho de Deus. Deus Filho.

ABSTRACT

This article aimed to speak about Jesus Christ as God the Son, seeking to find out what the Bible says about Jesus as the Son of God and about Jesus as God himself. First, some of the texts in which Jesus is called the Son of God were discussed, as well as differences in the meaning of the term son when used in the pages of the Bible and what this title attributed to Jesus means. Next, texts that speak of Jesus as God were treated, not just limited to the use of the term “God”, but also highlighting the understanding shown both by those who met Jesus and by other Christians throughout history.

Keywords: Jesus. Son of God. God the Son.

¹ O autor é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Franciscana e graduando em Teologia na Faculdade Batista Pioneira em Ijuí / RS. E-mail: rafa.l@outlook.com

INTRODUÇÃO

Desde o seu princípio, a igreja cristã confessou um Deus trino. Fundamentados na doutrina dos apóstolos os cristãos declaram crer em um único Deus, revelado em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo.² Dentro dessa estrutura trinitária, Jesus é considerado a segunda pessoa da Trindade, o Deus Filho.

As páginas do Novo Testamento apresentam ao mundo esse Jesus, o personagem mais estudado, criticado, rejeitado e adorado da história.³ O relato daqueles que caminharam com Jesus e participaram do surgimento da igreja cristã é sem sombra de dúvidas a fonte prioritária de informações sobre ele.⁴

Baseando-se nessa fonte primária, o presente trabalho tem como objetivo apresentar o que a Bíblia fala sobre Jesus como o Deus Filho, sem entrar em discussões acerca da Trindade. Para isso, será analisado de forma mais específica aquilo que a Bíblia fala a respeito da filiação de Jesus e aquilo que a Bíblia fala a respeito da divindade de Jesus.

1. JESUS COMO O FILHO DE DEUS

É consenso entre os teólogos que o título filho de Deus, na Bíblia, é utilizado de formas diferentes⁵, e esse uso pode variar, inclusive, dentro do mesmo escrito, como acontece na carta de Paulo aos Romanos. De acordo com Morris, Paulo utiliza o termo Filho de Deus tanto de maneira geral, ao se referir a todos os crentes (Rm 8.14), quanto de maneira máxima, ao se referir a Jesus, o “Filho de Deus com poder” (Rm 1.4).⁶

Em outros momentos, “filho de Deus” pode representar simplesmente uma criatura de Deus (alguém que só veio a existir devido à ação criadora de Deus), como acontece com Adão, na genealogia apresentada por Lucas (Lc 3.38)⁷, bem como acontece com os anjos (Jó 1.6).⁸ O próprio Deus, ao se referir ao descendente de Davi que ocuparia o trono, o chama de seu filho (2Sm 7.14)⁹, o que abasteceu esperanças messiânicas de um rei.¹⁰ Richardson aprofunda-se em um outro significado veterotestamentário do termo ao falar de Israel como filho de Deus (Êx 4.22, 23) e destaca o papel de obediência da nação em sua filiação divina.¹¹

Diversas vezes no Novo Testamento Jesus é chamado de Filho de Deus, seja por João Batista, aquele que o anunciou (Jo 1.34), pelos seus próprios discípulos (Mt 16.16) ou até mesmo pelo próprio Pai, no seu batismo: “Então uma voz dos céus disse: “Este é o meu Filho

² Declarações sobre Deus em uma estrutura trinitária podem ser encontradas desde o primeiro século (NETTLES, Thomas. **O Credo dos apóstolos**. Tradução de Kasey Carvalho. S.L.: Estandarte de Cristo, 2018, p. 4).

³ SPROUL, Robert C. **Quem é Jesus?** São José dos Campos: Fiel, 2018, p. 5.

⁴ SPROUL, 2018, p. 12-13.

⁵ VOS, *apud* LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Exodus, 1997, p. 151; RICHARDSON, Alan. **Introdução à teologia do Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1966, p. 147-149.

⁶ MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003, p. 49.

⁷ VOS, *apud* LADD, 1997, p. 151-152.

⁸ RICHARDSON, 1966, p. 148.

⁹ LADD, 1997, p. 152.

¹⁰ SPROUL, 2018, p. 16.

¹¹ RICHARDSON, 1966, p. 150.

amado, em quem me agrado” (Mt 3.17). Devido ao episódio do batismo de Jesus e de sua transfiguração (Mc 9.7), R. C. Sproul argumenta que “Filho de Deus” é o título que foi dado dos céus a Jesus. Portanto, é imprescindível que esse termo seja estudado.¹²

Mesmo em meio a uma diversidade de significados, os autores neotestamentários, não tinham dificuldade em afirmar que Jesus era o Filho de Deus (e não apenas um filho de Deus). João evidencia, ao final de seu evangelho, que o escreveu para que os leitores cressem que “Jesus é o Cristo, o Filho de Deus” (Jo 20.31).¹³

Qual era, portanto, o entendimento dos primeiros cristãos quanto à filiação de Jesus Cristo? O entendimento de Jesus como o Filho de Deus se deve principalmente ao relacionamento singular de Jesus com o Pai e aos relatos que diferenciam a posição de filiação de Jesus em relação a outros que podem ser chamados filhos de Deus. O relacionamento de Jesus com o Pai pode ser visto, primeiramente, na forma como Jesus se referia ao Pai. Especialmente no relato de João, Jesus fala do Pai como aquele que o enviou e deu a ele uma obra para cumprir (Jo 5.36), diz conhecer e ser conhecido pelo Pai (Jo 10.15) e, principalmente, amar e ser amado pelo Pai (Jo 15.9).

Os relatos de momentos em que Jesus orava culminam com a oração no Jardim do Getsêmani, em que Jesus demonstra tanto a sua filiação quanto a sua obediência:¹⁴ “E dizia: **‘Aba, Pai, tudo te é possível. Afasta de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, mas sim o que tu queres’**” (Mc 14.36).¹⁵

Cullmann destaca que Jesus é o Filho de Deus não por realizar milagres, mas por obedecer ao pai em sua tarefa, especificamente por sua tarefa de sofrimento.¹⁶ De acordo com Richardson, Jesus ensinava sobre Deus como Pai devido ao seu próprio entendimento de filiação. Jesus chamava Deus de *‘abba* (“Pai”), da mesma forma familiar que um filho conversa com seu pai terreno, diferente de como um judeu se referia a Deus na época de Jesus: *‘abbi* (“meu pai”).¹⁷

Além do relacionamento singular de Jesus com o Pai, também no evangelho de João, há a descrição de Jesus como o unigênito do Pai (Jo 1.14). O termo grego *monogenes* – traduzido muitas vezes como “único”, mas que na NVI é traduzido como “unigênito” – carrega dois significados. A primeira definição de *monogenes* é “ser o único de seu tipo dentro de um relacionamento específico”, definição que aparece em Hebreus 11.17, ao se referir a Isaque, não o único filho de Abraão, mas o único filho da aliança. A segunda definição se refere a “ser

¹² SPROUL, 2018, p. 28.

¹³ RICHARDSON, 1966, p. 152.

¹⁴ Obediência essa que Richardson relaciona com a obediência exigida de Israel, o Filho de Deus no Antigo Testamento. Richardson defende que Jesus é o Filho de Deus no sentido de ser o Novo Israel (RICHARDSON, 2018, p. 150).

¹⁵ Neste texto a versão bíblica utilizada será a THOMAS NELSON BRASIL. **Bíblia NVI**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, quando não houver indicação. Grifo do autor.

¹⁶ CULLMANN, *apud* LADD, 1997, p. 155.

¹⁷ RICHARDSON, 1966, p. 149.

o único de sua espécie ou classe, único no gênero”, e é a forma que João usa para descrever Jesus como o único que compartilha a mesma natureza divina de Deus.¹⁸

Sproul ainda argumenta, apoiado no Credo de Niceia, que “o único gerado do Pai” é diferente de toda a criação, por não ter sido criado. Somente Jesus é gerado do Pai, todo o resto é criado por Deus em Jesus¹⁹, conforme texto bíblico de Colossenses 1.15-17, ou seja, “Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste”.

2. JESUS COMO DEUS

O prólogo de João, que apresenta Jesus como o unigênito do Pai, cita também que Jesus é o Verbo de Deus que se fez carne, e que o Verbo é Deus (Jo 1.1). Tal declaração compreende uma das mais inequívocas aplicações do nome de Deus (*Theós*) a Jesus.²⁰

Mesmo que afirmações de que Jesus é Deus sejam escassas entre os apóstolos, Tomé declara que Jesus é seu Senhor e seu Deus (Jo 20.28), e Paulo, ao escrever a Tito, fala de Jesus como Deus e Salvador (Tt 2.13). Com certeza, o mesmo Paulo, criado no monoteísmo judaico, e que afirmou que há um só Deus (Ef 4.5; 1 Tm 2.5) não está abrindo precedentes para que Jesus seja considerado um outro Deus.

É importante destacar que Cristo é frequentemente chamado de Senhor (*kyrios*) no Novo Testamento. O termo grego *kyrios*, em seu uso mais comum, significa senhor e pode ter tanto um sentido comum quanto um sentido formal. Outro sentido em que *kyrios* é utilizado como o título de um senhor de escravos, dinâmica muito presente nos escritos de Paulo, que coloca Jesus como Senhor (*kyrios*) e os cristãos como servos (*doulos*) (1Co 6.19-20). Por último, no âmbito político, *kyrios* era o título dado a alguém que tinha soberania sobre um grupo de pessoas.²¹

Não obstante, mais importante que o uso grego do termo *kyrios*, é a sua relação com o Antigo Testamento. A Septuaginta (versão grega do Antigo Testamento) utilizou o termo *kyrios* para traduzir *Adonai*, um título utilizado frequentemente para substituir o impronunciável nome de lavé. Para os cristãos de língua grega, *kyrios* trazia a mesma conotação de Adonai e lavé.²² É o que acontece no texto do Salmo 110, citado por Jesus em Mateus 22, escrito originalmente em hebraico e registrado no Novo Testamento: “O Senhor

¹⁸ GOTQUESTIONS. Got Questions: Your questions. Biblical Answers. O que significa que Jesus é o unigênito Filho de Deus? Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/filho-unigenito.html>. Acesso em: 20 jun. de 2023.

¹⁹ SPROUL, 2018, p. 28-29.

²⁰ CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002, p. 401.

²¹ SPROUL, 2018, p. 25.

²² RICHARDSON, 1966, p. 153.

(Iavé/kyrios) disse ao meu Senhor **(Adonai/kyrios)**: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo de teus pés” (Mt 22.44).²³

Cullmann entende que Jesus ser chamado ou não de Deus (*Theós*) pelos apóstolos é de importância secundária, pois os cristãos primitivos, ao intitular Jesus “*kyrios*” (uma das primeiras confissões de fé em Jesus)²⁴, atribuíam a Ele tudo o que o Antigo Testamento afirma sobre Deus.²⁵

Além das declarações dos apóstolos de que Jesus é Deus, é importante considerar que o próprio Jesus (mesmo sem usar o vocábulo *Theós*) se apresentou como Deus. Declarações de intimidade com o Pai como “eu e o Pai somos um” (Jo 10.30) mostram que Jesus compreendia a sua divindade, conforme declarado especificamente no evangelho de João, através das sete declarações começando com “Eu sou” (*egō eimi*). Gusso afirma que ao utilizar o pronome pessoal grego enfático, junto do verbo ser, Jesus está se identificando com o próprio Deus, provavelmente se referindo à revelação de Deus a Moisés no Êxodo através da declaração “Eu sou o que sou” (Êx 3.14).²⁶

As atribuições divinas encontradas em Jesus são corroboradas pelas atitudes de Jesus, que evidenciam como o Filho tem o mesmo poder do Pai. Milagres de cura, que tanto chamaram a atenção em seu período na terra, não eram a sua maior manifestação de poder. No evangelho de Marcos, antes de curar o paralítico, Jesus afirma que os pecados daquele homem estão perdoados, algo que apenas Deus poderia fazer. Para mostrar que, assim como o Pai, Jesus tinha poder para perdoar pecados, curou o homem (Mc 2.1-12).

Em João, após declarar que é a ressurreição e a vida, Jesus provou suas palavras ao trazer Lázaro de volta à vida (Jo 11.21-27). Além disso, entregou a sua própria vida na cruz, ressuscitou e subiu aos céus, onde está sentado à direita de Deus. Finalmente, na visão do apóstolo João, o livro de Apocalipse apresenta Jesus como aquele que divide o trono com o Pai (Ap 3.21)²⁷, e que juntamente com o Pai reinará para todo o sempre (Ap 11.15).²⁸ Stott destaca como as altas vozes no céu dizem no singular: “O sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve altas vozes no céu que diziam: ‘O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre’” (Ap 11.15).²⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bíblia apresenta um Jesus que foi chamado “Filho de Deus” e que foi considerado não apenas filho (ou um filho), mas o próprio Deus. Aquilo que foi afirmado no Concílio de Niceia

²³ BÍBLIA. Acréscimo do autor.

²⁴ LADD, 1997, p. 161-162.

²⁵ CULLMANN, 2002, p. 401.

²⁶ GUSSO, Antônio R. **Eu Sou...** Jesus se apresenta, interpretação, exposição e aplicação das passagens do Evangelho de João onde Jesus mesmo se apresenta. Curitiba: ADSantos, 2017, p. 24-26.

²⁷ STOTT, 2006, p. 197.

²⁸ STOTT, 2006, p. 211.

²⁹ BÍBLIA. Grifo do autor.

no ano 325³⁰ já estava presente no entendimento dos primeiros cristãos e pode ser encontrado nas páginas do Novo Testamento.

Apesar de o termo filho de Deus suscitar diversas definições, Jesus de Nazaré é o Filho de Deus por excelência, único gerado pelo Pai. Ainda, Jesus é Deus, Ele o declarou, foi reconhecido como Deus e provou através de suas obras aquilo que está declarado em Hebreus³¹:

Há muito tempo Deus falou muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas, mas nestes últimos dias falou-nos **por meio do Filho**, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas e **por meio de quem fez o universo. O Filho é o resplendor da glória de Deus e a expressão exata do seu ser**, sustentando todas as coisas por sua palavra poderosa. **Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas, tornando-se tão superior aos anjos quanto o nome que herdou é superior ao deles. Pois a qual dos anjos Deus alguma vez disse: “Tu és meu Filho; eu hoje te gerei”? E outra vez: “Eu serei seu Pai e ele será meu Filho”? E ainda, quando Deus introduz o Primogênito no mundo, diz: “Todos os anjos de Deus o adorem”. Quanto aos anjos, ele diz: “Ele faz dos seus anjos ventos, e dos seus servos, clarões reluzentes”. Mas a respeito do Filho, diz: “O teu trono, ó Deus, subsiste para todo o sempre; cetro de equidade é o cetro do teu Reino.** Amas a justiça e odeias a iniquidade; por isso, Deus o teu Deus, escolheu-te dentre os teus companheiros, ungiendo-te com óleo de alegria”. E também diz: “**No princípio, Senhor, firmaste os fundamentos da terra, e os céus são obras das tuas mãos.** Eles perecerão, mas tu permanecerás; envelhecerão como vestimentas. Tu os enrolarás como um manto, como roupas eles serão trocados. Mas tu permaneces o mesmo, e os teus dias jamais terão fim”. A qual dos anjos Deus alguma vez disse: “Senta-te à minha direita, até que eu faça dos teus inimigos um estrado para os teus pés”? Os anjos não são, todos eles, espíritos ministradores enviados para servir aqueles que hão de herdar a salvação? (Hb 1.14).

REFERÊNCIAS

CULLMANN, Oscar. **Cristologia do Novo Testamento**. Tradução de Daniel de Oliveira e Daniel Costa. São Paulo: Custom, 2002.

³⁰ “Cremos [...] em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado pelo Pai, unigênito, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, Luz de Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado não feito, de uma só substância com o Pai, pela qual foram feitas todas as coisas, as que estão no céu e as que estão na terra; o qual, por nós homens e por nossa salvação desceu, se encarnou e se fez homem, e sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, subiu ao céu, e novamente deve vir para julgar os vivos e os mortos.” Trecho do Credo de Niceia referente à segunda pessoa da Trindade, Jesus, o Deus Filho (BETTENSON, *apud* PEREIRA, Reginaldo B.; DE LIMA, Daniel B. Panorama histórico do dogma trinitário do Concílio de Nicéia até o de Constantinopla. **Revista Pax Domini**, Manaus, v. 2, n. 2, 2017. p. 132. Disponível em: <https://doi.org/10.32808/paxdomini.v2i2.17>. Acesso em: 20 jun. de 2023.

³¹ Esse texto de Hebreus, acompanha o já citado texto de João 20.31 como um dos testemunhos mais indubitáveis da atribuição do nome *Theós* a Jesus (CULLMANN, 2002, p. 401).

GOTQUESTIONS. Got Questions: Your questions. Biblical Answers. **O que significa que Jesus é o unigênito Filho de Deus?** Disponível em: <https://www.gotquestions.org/Portugues/filho-unigenito.html>. Acesso em: 20 jun. de 2023.

GUSSO, Antônio R. **Eu Sou...** Jesus se apresenta, interpretação, exposição e aplicação das passagens do Evangelho de João onde Jesus mesmo se apresenta. Curitiba: ADSantos, 2017.

LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Darci Dusilek e Jussara Marindir Pinto Simões Árias. São Paulo: Exodus, 1997.

MORRIS, Leon. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2003.

NETTLES, Thomas. **O Credo dos Apóstolos**. Tradução de Kasey Carvalho. S.L.: Estandarte de Cristo, 2018.

PEREIRA, Reginaldo B.; DE LIMA, D. B. Panorama histórico do dogma trinitário do Concílio de Nicéia até o de Constantinopla. **Revista Pax Domini**, Manaus, v. 2, n. 2, p. 122-145, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.32808/paxdomini.v2i2.17>. Acesso em: 20 jun. de 2023.

RICHARDSON, Alan. **Introdução à teologia do Novo Testamento**. São Paulo: ASTE, 1966.

SPROUL, Robert C. **Quem é Jesus?** São José dos Campos: Fiel, 2018.

STOTT, John. **O incomparável Cristo**. São Paulo: ABU, 2006.

THOMAS NELSON BRASIL. **Bíblia NVI**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

Comunicações

da Faculdade Batista Pioneira

Bíblia e Teologia: textos e contextos

batistapioneira.edu.br

I Seminário Internacional de Comunicações

doi.org/10.58855/2966-165X.2023.v1.011



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

¿C. S. LEWIS COMO TEÓLOGO PÚBLICO?

C. S. Lewis as public theologian?

Cicero Cezario da Costa Neto¹

RESUMEN

Este artículo ofrece una introducción al tema de la teología pública y también señala la relevancia de Lewis en la actualidad para al final relacionar ambos asuntos verificando la posibilidad de considerar o no Clive Staples Lewis como un teólogo público. Para la realización de este estudio se utilizó el método de la revisión bibliográfica y se llegó a la conclusión que dentro de unos marcos de lo que significa teología y lo que significa la esfera pública se puede pensar en C. S. Lewis como alguien que fue un teólogo público en su tiempo bien como hasta la actualidad, por medio de su pensamiento y obra.

Palabras-claves: Teología Pública. C. S. Lewis. Teólogos públicos.

ABSTRACT

This issue offers an introduction to the theme of public theology and also points out the relevance of Lewis in the present day to ultimately relate both subjects, verifying the possibility of considering Clive Staples Lewis as a public theologian. To carry out this study, the method of bibliographic review was used and it was concluded that within a few landmarks of what theology means and what the public sphere means, we can think of C. S. Lewis as someone who was a public theologian in his time as long as you reach actuality, through his thoughts and work.

Keywords: Public theology. Clive Staples Lewis. Public theologians.

¹ Graduado en teología; Licenciado en filosofía; Master en Ciencias de la Religión por la UFJF. Pastor y misionero bautista en la provincia de Córdoba, España. Email: ciceronetobr@gmail.com.

INTRODUCCIÓN

Como fruto de nuestro trabajo misionero en la provincia de Córdoba, España, en los últimos años se acercó a Cristo una muchacha llamada Jennifer Sanchez. Ella tiene un niño de cerca de 10 años y en una de nuestras conversaciones le indicamos para su hijo “Las Crónicas de Narnia”², de C. S. Lewis. Nos comentó que tenía todos los libros de la saga y que los había leído en su niñez y siempre le había encantado, pero fue solo después de su conversión a Cristo que entendió mejor la historia de Las Crónicas y lo que ella en realidad representa. Conectó los hilos y acabó por encontrar en la obra el Cristo que siempre estuvo allí pero que ella aún no lo había notado.³

Al que parece este tipo de reacción a esta obra tiene bastante coherencia. Al final de la quinta crónica, “La travesía del Viajero del Alba”, Edmund y Lucy están para dejar Narnia y volver a su mundo y tienen una última conversación con Aslan, el león:

—Estás... estás también allí, señor? —preguntó Edmund. Lo estoy —respondió el león—, pero allí tengo otro nombre. Tienen que aprender a conocerme por ese nombre. Este fue el motivo por el que se los trajo a Narnia, para que al conocerme aquí durante un tiempo, me pudieran reconocer mejor allí.⁴

Esta parte es emblemática y deja claro los propósitos de Lewis al escribir esa obra de literatura fantástica, pero como si no fuera suficiente, él mismo al terminar de escribir todas las Crónicas explicó el motivo que le había empujado a escribirlas. Walter Hooper en el prólogo de “El diablo propone un brindis” recogió esta explicación:

Creía ver de qué forma los cuentos de este tipo podían sortear cierta inhibición que durante mi infancia había paralizado gran parte de mis sentimientos religiosos. ¿Por qué resultaba tan difícil sentir cuando te decían que debías sentir a Dios o compadecerte de los sufrimientos de Cristo? En mi opinión, esto se debía principalmente a que a uno le habían dicho que tenía obligación de hacerlo. La obligación de sentir puede congelar los sentimientos [...]. Pero ¿y si proyectando todo aquello en un universo imaginario, eliminando cualquier asociación con la escuela dominical y las vidrieras de la iglesia, se pudiera conseguir que, por vez primera, aflorase con toda su verdadera

² LEWIS, C. S. **Las Crónicas de Narnia**. Traducido por Gemma Gallart y Grupo Scribere. Tennessee: Grupo Nelson, 2023.

³ Posteriormente, pedí a Jennifer que compartiera su relato y así lo hizo. La grabación fue hecha el día 27 de octubre de 2023 y forma parte de mi archivo personal. Disponible en: <<https://www.dropbox.com/scl/fi/ws3vb389v03zmttyftamop/Relato-de-Jennifer-sobre-Las-Cr-nicas-de-Narnia.MOV?rlkey=g8hmif3md87uv0gxzuh2pplero&dl=0>>.

⁴ LEWIS, 2023, p. 566. Narnia es el mundo imaginario creado por Lewis para donde algunos niños son transportados y viven diversas aventuras. En este mundo el gran león, Aslan (clara figura de Cristo), es el señor y protagonista.

potencia? ¿No era posible sortear la vigilancia de aquellos dragones? Creo que se podía.⁵

Es decir, Lewis imprimió intencionadamente en toda Las Crónicas de Narnia principios fundamentales del evangelio para de este modo alcanzar un público en específico, el público infantil. Pero ¿será esto hacer teología pública? ¿Fue Clive Staples Lewis un teólogo público?

En este artículo se pretende hacer primeramente una breve introducción de lo que se conoce en la actualidad como teología pública, un tema muy en boga en los círculos académicos. Posteriormente se pretende señalar la relevancia de Lewis en la actualidad, como autor muy estudiado en la academia bien como admirado entre la población en general y distintas ramas del cristianismo. Al final, se relacionará ambos, autor y tema, con vistas a responder la cuestión de que si C. S. Lewis puede o no ser considerado como un teólogo público.

1. TEOLOGÍA PÚBLICA, UN TEMA EN BOGA

1.1 Histórico

El término Teología Pública, afirman Sinner⁶ y Koopman⁷, fue utilizado por vez primera en 1974 por el norteamericano Martin E. Marty, en un artículo que señalaba como Reinhold Niebuhr interpretó coherentemente el comportamiento social religioso del pueblo norteamericano, demostrando que varios estadistas-filósofos estadounidenses utilizándose de material teológico en sus prácticas acabaran por hacerse en grandes teólogos públicos. Según Marty, Niebuhr, reflexionando a la luz de posiciones bíblicas, históricas y filosóficas, el comportamiento de su pueblo, “ofreció a la siguiente generación un paradigma para una Teología Pública, un modelo que sus sucesores apenas empezaron a desarrollar y realizar”.⁸

Desde entonces mucho material ha sido producido y conceptos se han desarrollado. En Brasil, el pionero en la discusión sobre la Teología Pública fue el “Instituto Humanitas de la Unisinos (IHU)”, Universidad Jesuítica en San Leopoldo, RS. Por medio de este órgano fundado en 2001 y su programa de Teología Pública, mensualmente cuadernos han sido publicados⁹ y

⁵ LEWIS, C. S. **El diablo propone un brindis**: y otros ensayos. Traducido por Juan Carlos Martín Cobano. Tennessee: Grupo Nelson, 2023, p. 16.

⁶ CAVALCANTE, Ronaldo; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto (orgs.). **Teologia pública em debate**. Coleção Teologia Pública. São Leopoldo: Sinodal, 2011, vol. 1, p. 13.

⁷ KOOPMAN, Nico. Apontamentos sobre a Teologia Pública hoje. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 22, p. 38-49, mai/ago. 2010. Disponible en: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/29/67>. Acceso en: 27 out. 2023, p. 38.

⁸ MARTY, Martin. Reinhold Niebuhr: public theology and the american experience. **Journal of Religion**, University of Chicago Press, v.54, n.4, p. 332-359, 1974. Disponible en: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/486401>. Acceso en: 27 oct. 2023. p.359. (Traducción propia)

⁹ La versión online de estos cuadernos está disponible en: <https://www.ihu.unisinos.br/publicacoes/mais-publicacoes>. Acceso en: 27 de oct. 2023.

conferencias, seminarios, etc han sido organizados, de los cuales eventualmente resultan publicaciones de libros y artículos sobre el tema.¹⁰

Posteriormente, uno de los principales estudiosos que se dedicó a pensar la Teología Pública en Brasil fue el teólogo luterano Rudolf Von Sinner, suizo residente en Brasil, actual profesor en la Universidad Católica de Paraná, SC, y que por muchos años fue profesor de las “Faculdades EST” (Escuela Superior de Teología), vecina de la Unisinos en San Leopoldo, que también incentiva la investigación sobre el lugar de la teología en la esfera pública¹¹, sobretudo, en el contexto social brasileño, con publicaciones específicas en esta área de Teología Pública.¹²

Sin Embargo, otros investigadores también ya si han dedicado a esta temática y señalamos aquí (1) los esfuerzos en colocar la Teología Pública como un rescate de la vocación protestante, llevado a cabo por Ronaldo Cavalcante¹³, cuando él critica la postura actual del protestantismo histórico caracterizándolo como estando en el gueto y no comprometido en cuestiones de relevancia pública lo que sería su vocación histórica, y (2) Helmut Renders¹⁴, que hace un abordaje teológico de los conceptos de amistad y enemistad y pone la teología “wesleyana” como una amiga de la humanidad y representante históricamente legítima de la Teología Pública; (3) el empeño de João Décio Passos¹⁵ en contribuir en la tarea de llevar la teología en Brasil a plena institucionalización, como un conocimiento por si mismo legítimo en el ámbito de la esfera pública, mostrando que para este propósito la Teología Pública con su arsenal histórico podrá prestar gran servicio; (4) y los ensayos, agrupados en un libro, que buscan mostrar para el teólogo la relevancia de la reflexión de temas de importancia pública en el discurso religioso y caminos que la teología, en su carácter público, debería recorrer desarrollados por Júlio Zabatiero.¹⁶

Las generalizaciones a veces fallan, pero el protestantismo a día de hoy, incluso en sus diversas ramas, posiblemente pueda ser dividido de manera general en dos vertientes más grandes: el progresista o liberal y el conservador o dogmático. Los teólogos y obras

¹⁰ Propuesta del programa disponible en: <https://www.ihu.unisinos.br/programas/teologia-publica>. Acceso en: 27 de oct. 2023.

¹¹ Ejemplo de esto se dio en el II Congreso Internacional de la “Faculdades EST”, realizado del 08 al 12 de septiembre de 2014, cuando presenté un artículo sobre la cuestión de la “Esfera Pública em Charles Taylor” como parte del simposio temático “Religião e Teologia na Esfera Pública”, que contó con trabajos de alumnos y profesores de facultades de Brasil y Sudáfrica. NETO, Cicero C. C. Esfera pública em Charles Taylor. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. p. 641-653. Disponible en: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/277>. Acceso en: 18 de oct. 2023.

¹² Notoriamente mencionamos la colección Teología Pública publicada por la Editora Sinodal conjuntamente con las “Facultades EST”, que ya cuenta con 8 volúmenes.

¹³ CAVALCANTE, Ronaldo. **A cidade e o gueto**: introdução a uma teologia pública protestante e o desafio do neofundamentalismo evangélico no Brasil. São Paulo: Fonte, 2010.

¹⁴ RENDERS, Helmut. “Inimigos do Mundo” e “Amigos da Humanidade”: reconciliação, inimizade e amizade na teologia wesleyana como elementos para uma teologia pública. **Revista Caminhando**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 94-117, jul/dez. 2010. Disponible en: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/download/1923/2282>. Acceso en: 27 oct. 2023.

¹⁵ PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligorio (orgs.). **Teologia pública**: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2011.

¹⁶ ZABATIERO, Júlio P. T. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte, 2012.

mencionados arriba, incluso las editoras, en general, tienen un claro alineamiento con lo que sería el protestantismo progresista.

En esta misma línea liberal podríamos citar otros teólogos de Latino América, Europa y Sudáfrica que ya han tratado del tema de la Teología Pública, como es el caso del argentino Nicolás Pannoto¹⁷, del portugués Ângelo Cardita¹⁸, el español y católico jesuita Gonzalo Villagrán Medina¹⁹, o del Alemán Wolfgang Huber y del sudafricano John de Gruchy.²⁰

Por otro lado, en Brasil y en el mundo, el tema de la Teología Pública también viene siendo considerado, quizás en menor escala, por teólogos que se alinean más con el protestantismo conservador o dogmático. Este es el caso del teólogo protestante croata Miroslav Volf²¹, que defiende el comprometimiento del creyente con el bien común, la paz y la prosperidad de su comunidad; y de los norte americanos Kevin Vanhoozer y Owen Strachan²², que desde un excelente abordaje pastoral llaman la atención de los líderes de las iglesias a contextualizar la palabra de Dios y ayudar a toda su congregación a reflexionar teológicamente sobre todos los aspectos de la vida presentando un llamamiento a los pastores a ser teólogos públicos en sus iglesias y comunidades.²³

En esta misma línea conservadora, el teólogo y pastor bautista, Jonas Madureira, viene dando charlas sobre Teología Pública²⁴, y actualmente es profesor del módulo de Teología Pública que empezó en 2018 en el Seminario Libre Martin Bucer, reconocidamente conservador y ortodoxo.²⁵

Al que parece, este sigue siendo un tema realmente en boga, y que va en creciente, y prueba de ello es que, contando con representación de instituciones académicas de muchos

¹⁷ PANOTTO, Nicolás. **Teología y espacio público**. Buenos Aires: GENRIP, 2015.

¹⁸ CARDITA, Ângelo. A Teologia e o bem comum: esboço de uma teologia pública. In: **Anais do 24º congresso internacional da Sociedade de teologia e ciências de religião (SOTER): religião e educação para a cidadania**. Belo Horizonte: Paulinas, 2011. p. 726-750. Disponible en: https://www.soter.org.br/imagens/download_imagem.php?arquivo=24.pdf-150621164827.pdf. Acceso en: 27 oct. 2023.

¹⁹ MEDINA, Gonzalo Villagrán. **Teología pública: una voz para la iglesia en sociedades plurales**. Madrid: PPC, 2016.

²⁰ Mencionados por: SINNER, Rudolf Von. Teologia pública: novas abordagens numa perspectiva global. **Numen**, Juíz de Fora, v. 13, n. 1 e 2, p. 325-357, 2010. Disponible en: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21825/11883>. Acceso en: 27 oct. 2023. p. 333-334.

²¹ VOLF, Miroslav. **Uma fé pública: como o cristão pode contribuir para o bem comum**. Traducido por Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

²² VANHOOZER, Kevin J.; STRACHAN, Owen. **O pastor como teólogo público: recuperando uma visão perdida**. Traducido por Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

²³ Yo mismo me considero alineado con el protestantismo conservador o dogmático y en este sentido, en otro artículo (NETO, 2014, p. 649-651), y dado dos ejemplos de como la denominación Bautista en Brasil y el pastor bautista Martin Luther King Jr. en Estados Unidos, desde su posición protestante ortodoxa han actuado en la esfera pública en su momento promoviendo cambios en la opinión pública de algún sector de la sociedad, lo que de alguna manera puede ser considerado hacer teología (protestante conservadora) pública.

²⁴ MADUREIRA, Jonas. **Artesãos na casa de Deus: as práticas do pastor-teólogo**. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=GapDGurvFY>. Acceso en: 18 de oct. 2023. Esta es una charla que formó parte de la Conferencia de Teología de la editora Vida Nova del año 2016. Especialmente en este año el tema de toda la conferencia fue Teología Pública.

²⁵ Esta es una información publicada en un post de Facebook del director del Seminario Martin Bucer, Franklin Ferreira. Disponible en: <https://www.facebook.com/ProfFranklinFerreira/posts/2426674407406293/>. Acceso en: 18 de oct. 2023.

países en los cinco continentes, desde de 2007 funciona la GNPT (*Global Network for Public Theology*), Red Global de Teología Pública, que año tras año sigue aumentando en número de adhesión, bien como de publicaciones en el área.²⁶

1.2 Concepto

Los diferentes usos, en diferentes contextos, por autores con razones y propósitos diferentes, desde su origen hasta los días actuales, hicieron del término Teología Pública difícil de ser específicamente definido. Entendiendo esta problemática, Jacobsen buscó hacer una recolección de los diversos usos de este término en el escenario mundial y los agrupó en dos categorías, las cuales llamó: (1) modelos de fundamentación, debido a que están más preocupados con las bases teóricas y de que han desarrollado argumentos firmados en la sociología, filosofía y en la propia teología; y (2) modelos de actuación, debido a que están más preocupados con las cuestiones prácticas sobre como se debe o puede proceder para hacer la Teología Pública ser efectuada.²⁷

Fue una investigación interesante, pero la misma Jacobsen reconocía sus limitaciones indicando la impracticabilidad de abarcar toda la producción existente en la actualidad sobre Teología Pública, visto que este es también un proceso muy dinámico.

Sinner reconoce lo mismo. ¿Qué es la Teología Pública? Según él, citando Clive Pearson, Dirk Smit y John de Gruchy:

La respuesta más directa y honesta sería: “No sabemos.” Evidentemente, no es que no se sabe nada. Pero no se parte, intencionadamente, de un concepto unívoco. No hay una “Teología Pública uniforme y monolítica”, “un significado único y autoritario de Teología Pública ni una forma normativa única de hacer Teología Pública”, “una ‘Teología Pública’ universal, pero solamente teologías que buscan abordar el ámbito político dentro de localidades particulares”...²⁸

Es decir, Teología Pública puede ser un término ambiguo, pero todavía es un concepto en construcción y sus fórmulas dependerán mucho de los contextos donde serán producidas. Pero además de ambiguo, hablar de Teología Pública cristiana parece ser también redundante,

²⁶ Ver más información sobre la GNPT en: <https://gnpublictheology.net/>. Acceso en: 18 de oct. 2023.

²⁷ JACOBSEN, Eneida. **A teologia ancorada no mundo da vida e dialogicamente situada na esfera pública**: uma contribuição ao debate contemporâneo sobre teologia pública. 2011. 150 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS. Disponible en: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/simple-search?query=jacobsen>. Acceso en: 19 oct. 2023. p.54-66.

²⁸ SINNER, Rudolf Von. Teologia pública no Brasil: um primeiro balanço. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 44, n. 122, p. 11-28, jan/abr. 2012. Disponible en: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1589/1939>. Acceso en: 27 oct. 2023, p. 21. (Traducción propia). En esta cita, especialmente en la última frase, Sinner parece fusionar lo que es público con lo que es político, fusión que ni siempre debe ser hecha y que él mismo deja claro que no se debe hacer, como ya lo he demostrado citándolo en otro artículo (NETO, 2014, p. 646-647, 649), y también con base especialmente en Charles Taylor. Es decir, el ámbito público no es sinónimo de ámbito político. Son dos cosas distintas que pueden estar relacionadas, pero no necesariamente.

como señalan Sinner²⁹, Passos³⁰ y Panotto.³¹ Esto porque el propio uso del término teología, en la perspectiva cristiana, según ellos, ya conlleva la publicidad como característica. En las palabras de Vanhoozer, “cada teólogo es en cierto sentido un teólogo público”.³²

Siguiendo esta perspectiva, se puede también afirmar que no puede haber teología cristiana privada o teólogo evangélico que no sea público. Se sabe perfectamente que la palabra teología viene del griego *theós*, “dios”, y *lógos*, “estudio”, “discurso”. De esta manera, teología sería todo discurso o estudio sobre Dios o que con él se relaciona. En este sentido, en relación a la teología cristiana, aun en sus diversas ramas, es común tener al texto bíblico y el propio Cristo como referencias y, visto que la enseñanza del Cristo exige una práctica pública y un discurso público, todo teólogo cristiano deberá ser público y toda teología que se precie cristiana será pública, como puede ser interpretado de pasajes bíblicos, tales como: “Vosotros sois la sal de la tierra (...) y la luz del mundo” y “lo que os digo en tinieblas, decidlo a plena luz; y lo que oís en secreto, proclamadlo desde las azoteas”.³³

Buscando adecuarse a estas perspectivas y intentando resumir lo que él entiende que de alguna forma debe comprender la Teología Pública, Sinner define cuatro elementos que, según él, necesariamente constituyen la Teología Pública, son ellos:

(1) teología cristiana es Teología Pública por fuerza de su propia reivindicación. El culto cristiano es público, particularmente la predicación de la buena nueva, del evangelio. Esa predicación fue confiada a la iglesia como misión suya (Mt 28.19). En este sentido, la predicación ciertamente no acontece apenas por palabras, sino también por actos (...); (2) La Teología Pública está vinculada a una comunidad religiosa, en este caso las iglesias y grupos cristianos (...); (3) En la medida en que se trata de una teología en torno de Jesús, el Cristo, el Hijo de Dios encarnado, ella responde a partir de ahí, en el diálogo con la iglesia, la universidad y la sociedad, la pregunta sobre quien es ese Jesucristo, quien es ese Dios (...); (4) Por fin, la Teología Pública mantiene la atención de la teología en dirección a los problemas que tienen que ver con el bien común y para los cuales, del punto de vista de la fe cristiana, contribuciones son posibles y hasta mismo necesarias (...).³⁴

Esto significa que Sinner imbrica el término Teología Pública a la tradición cristiana, identifica el público del teólogo, en acuerdo con Tracy y Vanhoozer, como siendo la iglesia, la academia y la sociedad en general, y señala la contribución al bien común que la Teología Pública puede y debe dar como siendo su principal preocupación y razón de ser.

Según Vanhoozer esta es realmente la idea predominante que se tiene de Teología Pública en la actualidad, la idea de que es “teología en la plaza pública y para ella”, de que

²⁹ SINNER, 2011, p. 18.

³⁰ PASSOS, 2011, p. 58.

³¹ PANOTTO, 2015, p. 5.

³² VANHOOZER, 2016, p. 21. (Traducción propia)

³³ MATEO 5.13-14; 10.27. BIBLIA versión Reina Valera. Madrid: Sociedad Bíblica de España, 2020, p. 802-808.

³⁴ SINNER, 2010, p. 348-350. (Traducción propia).

tiene el propósito principal de promover el bien común, y de que ella “aborda estas preocupaciones comunes en un foro abierto, en el que ningún credo o confesión en particular ocupa una posición más destacada”, como “una reacción contra la tendencia a privatizar la fe restringiéndola a la cuestión de la salvación de cada uno”. Pero pregunta Vanhoozer:³⁵ “¿Será que ser teólogo público significa que el pastor tiene que defender el evangelio social, concentrando su ministerio y sus esfuerzos en problemas de este mundo: cuestiones de paz y justicia, como la desigualdad económica, el racismo, etc?”

Su respuesta es categórica y en este sentido difiere de la concepción dominante de Teología Pública. “Estamos recuperando una visión perdida y no adhiriéndonos a una moda”, dijo. El evangelio obviamente tiene implicaciones sobre asuntos públicos-políticos, pero no debe centrarse o reducirse solamente a estas cuestiones. “Por el contrario, la teología pública es, o debería ser, la demostración de la vida de la iglesia en Cristo para la gloria de Dios y para el bien del mundo”.³⁶

En este sentido, Teología Pública tendría un enfoque no solamente en dirección a lo que sería un evangelio social, misión integral, teología negra, teología de la liberación, teología de la ciudadanía, teología ecológica, etc.

Vanhoozer considera que su concepción de la Teología Pública es “un camino muy superior” a la comúnmente trabajada y que “es radical por rescatar la raíz etimológica (radix) del término ‘público’ (lat., pubes, ‘población adulta’, y populus, ‘pueblo’)”. De esta manera “los pastores son teólogos públicos porque trabajan con el público de Dios y a su favor, para el bien del público/pueblo en todas partes”. De esta forma, según su uso de la expresión, Teología Pública significa “teología constituida por personas” y para personas. Dios está obrando para crear un pueblo y hacer de este pueblo su representante, “la iglesia está donde quiera que el pueblo de Dios - el público de Jesucristo - viva su fe y comunión en el Dios trino y uno. Esto es Teología Pública: hijos de la luz siendo “la luz del mundo”.³⁷

Este artículo cree que las conclusiones a que llega Vanhoozer son más acertadas por estar mejor fundamentadas en una teología bíblica coherentemente adecuada. Es decir, creemos que una buena teología pública estará fundamentada en una buena teología bíblica y de esta forma estamos de acuerdo a que la teología pública trabaje para el bien del mundo, pero este no debe ser el único enfoque y tampoco el principal. El público de Dios está en el mundo para dar publicidad a las obras de Dios a todos los públicos de manera que Dios sea glorificado y el hombre viva en plenitud de vida.

Hacer teología pública trabajando para el bien del mundo, el bien común, incluye por lo tanto trabajar para la justicia social y demás, pero significa también traer a la esfera pública la cosmovisión cristiana, o la visión cristiana de Dios y de lo que le glorifica y también de lo que significa vivir la vida en plenitud. Como dijo Vanhoozer, parafraseando Miroslav Volf: “la

³⁵ VANHOOZER, 2016, p. 38-40.

³⁶ VANHOOZER, 2016, p. 41.

³⁷ VANHOOZER, 2016, p. 42-43.

Teología Pública es una cuestión de la iglesia dar testimonio público de Jesucristo, la personificación de la vida en plenitud” y de la vida que glorifica a Dios.³⁸

2. ¿C. S. LEWIS, UN TEÓLOGO PÚBLICO?

Entonces, ¿se podría pensar en C. S. Lewis como un ejemplo de teólogo público? Siguiendo especialmente los conceptos e ideas más conservadoras de Vanhoozer, Strachan y Volf sobre Teología Pública, encontramos no solamente la plena posibilidad de pensar en C. S. Lewis como un teólogo público, sino que podemos verle realmente como un buen ejemplo a ser seguido en este sentido. Pero uno puede pensar ahora mismo: ¿Quién fue C. S. Lewis? ¿Cuál sería la relevancia de pensar en C. S. Lewis como teólogo público en la actualidad?

2.1 La relevancia de C. S. Lewis

No hay pretensión aquí de hacer un resumen de la vida, la obra y el pensamiento de Lewis. Si esta fuera la intención sería mejor dedicar todo el artículo a este propósito y probablemente fuera poco.³⁹ Lo importante aquí es simplemente darse cuenta que merece la pena reflexionar y estudiar sobre C. S. Lewis, pues este sigue siendo un autor tremendamente popular e influyente en nuestra época, incluso en diferentes ramas del cristianismo. Como dijo Manfred Svensson, “Lewis es el escritor que siendo anglicano ha sido —tal vez más que cualquier otro autor de dicha tradición— leído ávidamente fuera de su propia iglesia”⁴⁰, y también uno de sus biógrafos, Alister Mcgrath, “Lewis es, tal vez, el más creíble e influyente representante popular del ‘mero cristianismo’⁴¹ que él defendió”.⁴²

De hecho, su libro “Mero Cristianismo” fue elegido en 2000 por la famosa revista “Christianity Today” como el mejor libro del siglo XX.⁴³ Como nos informa Joe Carter, estudioso de Lewis, el famoso predicador bautista, Billy Graham, le admiraba y el Papa Juan Pablo II consideraba la obra “Los cuatro amores” de Lewis como uno de sus libros favoritos.⁴⁴ John

³⁸ VANHOOZER, 2016, p. 41. (Traducción propia).

³⁹ Si quieres tener una noción más ampliada de la vida y obra de C. S. Lewis, puedes empezar por:

1. LEWIS, C. S. **Cautivado por la alegría**. Traducido por María Mercedes Lucini. Madrid: Encuentro, 2016.
2. MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis: su biografía**. 2.ed. Traducido por José Morales. Madrid: RIALP, 2022.
3. SVENSSON, Manfred. **Más allá de la sensatez: el pensamiento de C. S. Lewis**. Barcelona: CLIE, 2011.

⁴⁰ SVENSSON, 2011, p. 7.

⁴¹ Expresión utilizada por Lewis para expresar los supuestos puntos en común de “la religión cristiana entendida *ubique et ab omnibus* (en todas partes por todos)”. LEWIS, C. S. **Dios en el banquillo: ensayos sobre teología y ética**. Traducido por Alejandro Pimentel, José Luís del Barco y Juan Carlos Martín Cobano. Tennessee: Grupo Nelson, 2023, p. 339.

“Creo haber expuesto doctrinas antiguas y ortodoxas... He intentado no dar por sentado nada que no sea profesado por todos los cristianos bautizados y en comunión” (LEWIS, C. S. **The problem of pain**. New York: Macmillan, 1962, p. 10).

⁴² MCGRATH, 2022, p. 12.

⁴³ Publicación disponible en: <https://www.christianitytoday.com/ct/2000/april24/5.92.html>. Acceso en: 22 oct. 2023.

⁴⁴ Información disponible en: <https://www.thegospelcoalition.org/article/9-things-you-should-know-about-c-s-lewis/>. Acceso en: 22 oct. 2023.

Piper, famoso pastor y predicador estadounidense, ya dijo más de una vez de la importancia que tuvo el pensamiento de Lewis en su propia vida y teología.⁴⁵ En sus palabras:

Las bendiciones de su trabajo me han sido incalculables... La forma en que Lewis aborda el tema de la alegría y la verdad es tan radicalmente diferente de la teología liberal y de la emergente resbaladiza posmoderna que simplemente se encuentra en otro mundo, un mundo en el que me siento totalmente en casa, y donde encuentro que tanto mi corazón como mi mente están despiertos y más vivos, más perceptivos, receptivos, serios, esperanzados, asombrados y apasionados por la gloria de Dios cada vez que recurro a C. S. Lewis. Es esta combinación de experimentar la puñalada del gozo moldeado por Dios y defender la verdad objetiva y absoluta, debido a la realidad absoluta de Dios, lo que distingue a Lewis como incomparable en el mundo moderno. Hasta donde yo sé, simplemente no hay nadie más que junte estas dos cosas como lo hace Lewis. Y desde que me topé con él y con su homólogo reformado, Jonathan Edwards, cuando tenía poco más de veinte años, nunca he vuelto a ser el mismo.⁴⁶

Quizás la popularidad de Lewis en la actualidad sea tan grande como la que tenía en su época en que sus libros se han vuelto éxitos de venta. Sus transmisiones en la radio BBC en el período de la Segunda Guerra Mundial le brindaron mucha notoriedad y han servido grandemente como plataforma para su labor público. Esto se queda claro en una serie de citas recogidas por Joeckel:

En una reseña de 1945 de 'Beyond Personality' de una de las versiones publicadas de las charlas transmitidas por Lewis, Anne Fremantle se refiere a Lewis como una "estrella de la radio inglesa. George C. Anderson afirma en un artículo de 1946 que 'sin duda, ningún clérigo en toda Gran Bretaña tiene la influencia que ejerce este ordinario conferenciante laico'. La revista Time, en su artículo de portada de 1947 sobre Lewis, estima que las charlas transmitidas por Lewis llegaron a cerca de 600.000 personas.⁴⁷

En las actuales redes sociales, en distintos idiomas, hay innúmeras páginas dedicadas a la vida y al pensamiento de C. S. Lewis. Tomando a la red social Instagram como ejemplo, en Brasil, el perfil con más seguidores dedicados a Lewis al que parece es llevado por una persona evangélica. Son más de 1,6 mil millones de seguidores.⁴⁸ El segundo con más seguidores (más de 500 mil) es administrado seguramente por un evangélico reformado.⁴⁹ En español el perfil

⁴⁵ Ejemplo de esto es su famoso mensaje titulado "Lessons from an Inconsolable Soul: Learning from the Mind and Heart of C. S. Lewis", predicado el 2 de febrero de 2010 en la Conferencia para Pastores realizada por el ministerio "Desiring God". En este discurso Piper explica un poco del porque y como la obra de Lewis le influyó en su vida y teología. Disponible en: <https://www.desiringgod.org/messages/lessons-from-an-inconsolable-soul>. Acceso en: 22 oct. 2023.

⁴⁶ PIPER, 2010. (Traducción propia)

⁴⁷ JOECKEL, Samuel. C. S. Lewis, public intellectual. In: **Sehnsucht: The C. S. Lewis Journal**, vol. 4, 2010. p. 65. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/48580096>. Acceso en: 26 oct. 2023. (Traducción propia)

⁴⁸ Ver perfil en: <https://www.instagram.com/c.s.lewisbrasil>. Acceso en: 23 oct. 2023.

⁴⁹ Ver perfil en: <https://www.instagram.com/cslewisbr>. Acceso en: 23 oct. 2023.

dedicado a Lewis con más seguidores parece ser administrado por un argentino de confesión católica (son casi 100 mil seguidores).⁵⁰ Y se investigáramos otras plataformas probablemente encontraríamos algo similar.⁵¹

Si hacemos una búsqueda en la página web de trabajos académicos, “academia.edu”, con el título “C. S. Lewis” nos saldrá más de veinte mil resultados solo para archivos que contengan su nombre en el título y si hacemos la misma búsqueda en “Google académico” nos saldrá más de 3 mil millones de resultados. Aunque consideremos las reincidencias, los resultados son enormes. Otros ejemplos podrían ser dados, pero con todo esto, ya claro está que Lewis sigue siendo muy popular y esto entre distintas confesiones de fe cristiana, incluso a nivel académico.

El día 22 de noviembre de 1963, precisamente una semana antes de cumplir 65 años, Lewis murió pacíficamente en la habitación de su casa en Oxford, Inglaterra, cerca de las cinco y media de la tarde. La noticia de su muerte fue prácticamente ofuscada por la noticia de la muerte del entonces presidente norteamericano John Kennedy, asesinado menos de una hora antes de la muerte de Lewis. Se pudo pensar que esto fuera infelizmente una anécdota para la propia obra y pensamiento de Lewis, es decir, que caería en el olvido. Nada más lejos de la verdad. 60 años después de su muerte, mientras John Kennedy es recordado en el mundo (cuando es recordado) apenas como el presidente estadounidense que fue asesinado, la obra y el pensamiento de Clive Staples Lewis sigue más vivo que nunca.

2.2 C. S. Lewis como teólogo público

De todo el material producido sobre Lewis tenemos conocimiento de al menos dos artículos que correlacionan más directamente su labor a la esfera pública. No se utiliza el término teología pública en estos artículos, pero en ellos se puede encontrar conceptos que se acercan a lo que aquí se está trabajando.

El primer artículo, con el título “*C. S. Lewis in the Public Square*”, fue presentado en la Universidad de Cambridge en una conferencia que celebraba el centenario del nacimiento de Lewis. En él, Richard John Neuhaus defiende que aunque Lewis no se describía como teólogo, parte de su labor fue realmente teológico y esencialmente, intencionadamente y auténticamente público y universal.⁵²

El segundo artículo ya lo hemos citado anteriormente. Se trata del esfuerzo del experto en C. S. Lewis, Samuel Joeckel, de categorizar la vida y la obra de Lewis dentro de los parámetros científicos de lo que se considera un intelectual público. Joeckel explica las

⁵⁰ Ver perfil en: <https://www.instagram.com/cslewis>. Acceso en: 23 oct. 2023.

⁵¹ La plataforma Brasil Paralelo (que tiene videos con millones de visualizaciones en YouTube), por ejemplo, liderada por un católico y comprometida en producir contenido conservador, en 2023 lanzará su primera película de ficción (“Oficina do diabo”) y la historia elegida está precisamente basada en uno de los libros de C. S. Lewis (Cartas del diablo a su aprendiz). Información disponible en: <https://www.brasilparalelo.com.br/noticias/veja-as-primeiras-imagens-de-oficina-do-diabo-a-nova-ficcao-da-brasil-paralelo>. Acceso en: 23 oct. 2023.

⁵² NEUHAUS, Richard John. C. S. Lewis in the public square. In: **First Things**, Dec. 1998. Disponible en: <https://www.firstthings.com/article/1998/12/002-c-s-lewis-in-the-public-square>. Acceso en: 26 oct. 2023.

razones porque Lewis cumple cabalmente con tales requisitos y la importancia de reconocerle a él como un intelectual público y afirma que la vida y la obra de Lewis debería seguir siendo más estudiada desde este paradigma y que siendo así seguramente nuevas perspectivas y contribuciones sobre él surgirían.⁵³

Quizás el poco material producido sobre Clive Staples Lewis y su obra que trate más sistemáticamente sobre su influencia en la esfera pública se debe al hecho de que en un primer momento pueda sonar un poco raro pensar en él como un hombre público o, como estamos considerando, un teólogo público. Esto porque, los que están familiarizados con la biografía y la extensa obra de Lewis, sabrán que él mismo no se consideraba un teólogo⁵⁴ o al menos no un “teólogo de verdad”.⁵⁵ Lo cierto es que, de hecho, no tenía formación oficial en teología y tampoco se implicaba en cuestiones oficialmente políticas ya que realmente, como afirmaba su hermano que le conocía de cerca, Warren Lewis, él tenía desprecio por los políticos y por la política como normalmente es conocida.⁵⁶

Pero aún así podemos pensar en Lewis como teólogo público porque como ya hemos mencionado, la teología no es solamente la teología oficial de una iglesia o grupo, sino es todo discurso sobre Dios que por sí mismo tiene que ser público. Igualmente, verificamos también que, aunque haya quien mezcle ambos conceptos, el ámbito público nos es sinónimo de ámbito político. Son dos cosas distintas, como explica John Stott diferenciado política más estricta como siendo “la ciencia de gobierno” y política más amplia como “la arte de convivir en comunidad” y en este segundo sentido, según él, todo el ministerio de Jesús fue político,⁵⁷ es decir público, hecho por personas y para personas, en los términos de Vanhoozer sobre lo que significa público, como ya hemos visto en el capítulo uno. “El mundo (esfera pública) es la arena en que debemos vivir y amar, testificar y servir, sufrir y morir por Cristo”.⁵⁸

Es también en este segundo sentido de política más amplia que afirma Svensson: “podemos decir que Lewis —un romántico insensato que no quiere hablar sobre política y

⁵³ JOECKEL, 2010, p. 43-66.

⁵⁴ Incluso, en una comunicación sobre apologética leída en la asamblea de pastores anglicanos y líderes juveniles de la Iglesia de Gales, Lewis introduce hablando de su sentimiento de poco “derecho” de dirigirse a aquel auditorio, precisamente, por no considerarse un teólogo y realmente no ser un teólogo formado (LEWIS, C. S. **Dios en el banquillo**, 2023, p. 73).

⁵⁵ En su “Réplica al doctor Pittenger”, Lewis afirma: “Si los verdaderos teólogos hubieran abordado esta laboriosa tarea de traducción (del evangelio a lenguaje más popular) hace cien años, cuando empezaron a perder el contacto con las personas (por las que Cristo murió), quizá no habría habido lugar a que la hiciera yo” (LEWIS, 2023, p. 174).

⁵⁶ SVENSSON, 2011, p. 14.

⁵⁷ STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã**: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos. 4.ed. Traducido por Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019, p. 33-34. En esta obra Stott trabaja distintos conceptos y principios a ser seguidos por cristianos para que, desde una cosmovisión protestante ortodoxa, puedan desarrollar un discurso que inflencie y pueda de alguna forma dialogar e idealmente moldear la opinión pública o la sociedad en que viven, especialmente en lo tocante a aquellos temas más controversiales de la contemporaneidad. Dio también ejemplos de hombres y mujeres que lo hicieron a lo largo de la historia (p. 25-27). De manera que, sin utilizar el término Teología Pública, sino bajo el concepto de política más amplia que llega a afectar las políticas estrictas, trabajó ideas de lo que hoy está siendo llamado de Teología Pública. Sus ideas se asemejan en este sentido a las del, ya citado, teólogo protestante y croata, Miroslav Volf.

⁵⁸ STOTT, 2019, p. 47. (Traducción propia)

dinero— fue un ‘verdadero político’⁵⁹, es decir, un verdadero teólogo público en los términos de Vanhoozer y Strachan.

Por lo tanto, si como se ha verificado en el capítulo uno, la Teología Pública además de trabajar para el bienestar común (según patrones bíblicos) tiene que ver también especialmente con dar publicidad a las obras de Dios a todos los públicos trayendo la cosmovisión bíblico-cristiana a la esfera pública de manera que Dios sea glorificado y el hombre viva en plenitud de vida. Aquí C. S. Lewis tiene mucho que decir y enseñar pudiendo sí ser considerado, en este sentido, un “teólogo público”.

Walter Hooper, que fue albacea y consejero literario de la herencia de Lewis, decía que Lewis le daba la fuerte impresión de ser el hombre más convertido que él había conocido y que “el cristianismo nunca fue para Lewis un compartimento aparte en la vida” y que para Lewis, “en toda su visión de la vida, lo natural y lo sobrenatural parecían inseparables”.⁶⁰

“El cristianismo está siempre presente en su pensamiento, pero no necesariamente como el objeto de su pensamiento, sino muchas veces como el lente mediante el cual mira los restantes objetos”.⁶¹ Esta realidad es enmarcada de forma brillante por el propio Lewis en su célebre frase con la que concluye el ensayo “¿Es poesía la teología?": “Creo en el cristianismo como creo que el sol sale, no solo porque lo veo, sino porque por él veo todo lo demás”.⁶²

Se queda claro en los propios escritos de Lewis que uno de sus propósitos principales era saturar la opinión pública de la sociedad con la cosmovisión cristiana más fundamental. En este sentido, incluso, animaba o defendía que intelectuales cristianos de las más distintas áreas científicas escribieran, desde su cosmovisión cristiana, verdaderas obras científicas sobre sus áreas de especialización. “Su cristianismo tendría que estar latente, no explícito, y su ciencia, por supuesto, ser absolutamente genuina. Una ciencia retorcida en interés de la apologética sería un pecado y una locura”.⁶³

Él mismo, como hemos citado en la introducción, escribió “Las Crónicas de Narnia”, obra de literatura fantástica, con esta intención. “No son más libros sobre el cristianismo lo que necesitamos, sino más libros sobre otros temas escritos por cristianos, en los que el cristianismo de su autor se encuentre latente”.⁶⁴

Lewis llegó mismo a entender que su papel como un intelectual que era cristiano (que debiera ser, según él, el papel también de otros intelectuales cristianos) era como el de “Juan el Bautista” de preparar el terreno del interés público rellenándolo con la visión de Dios de lo que es bueno y verdadero. En esta metáfora, según él, los predicadores, evangelistas o pastores serían como “Jesús”.⁶⁵

En esta labor, Lewis difícilmente rechazaba alguna invitación para escribir sobre la fe, de manera que llegó a encontrarse moviéndose en círculos muy diferentes. Argumentaba con

⁵⁹ SVENSSON, 2011, p. 15.

⁶⁰ HOOPER, In: LEWIS, 2023, p. xviii.

⁶¹ SVENSSON, 2011, p. 17.

⁶² LEWIS, C. S. **El diablo propone un brindis**, 2023, p. 97.

⁶³ LEWIS, 2023, p. 77-78.

⁶⁴ LEWIS, 2023, p. 77.

⁶⁵ LEWIS, 2023, p. 215.

intelectuales y estudiantes académicos, llenaba salas de conferencias para públicos de la alta sociedad, hacía programas de radios, daba charlas a obreros industriales y a militares, escribía ensayos y libros muy populares, etc.⁶⁶ Aunque por su carácter más reservado, tenía dudas sobre la asunción de su papel público, no podía evitar su compromiso público con el cristianismo y acabó por tornarse, “sin ganas de serlo”, como afirma McGrath, “un profeta para su propio tiempo” y quizás también para las décadas que siguieron a su muerte.⁶⁷

McGrath señala también que “Lewis hablaba de temas cristianos en gran parte por el silencio de quienes, en su opinión, se hallaban en mejores condiciones que él mismo para ocuparse públicamente de cuestiones religiosas y teológicas”⁶⁸ y en esta tarea que asumió para sí, supo bien adaptar su contenido al público para el que hablaba o escribía, de hecho, “se impuso la tarea de traducir el evangelio a un lenguaje que la gente utilizara y comprendiera”⁶⁹ y en este sentido se puede considerar que actuó ejemplarmente como un teólogo público en los términos, especialmente, de Vanhoozer y Strachan.

A este respecto el propio Lewis llegó a defender ante un público de líderes eclesiásticos y estudiantes de teología que la capacidad para traducir un pasaje de alguna obra teológica al lenguaje vulgar y entendible para el público en general “debería ser un ejercicio obligatorio en el examen para ordenarse”.⁷⁰ “El mal predicador toma las ideas de nuestra época y las atavía con el lenguaje tradicional del cristianismo... En cambio, la doctrina que ustedes prediquen tiene que ser intemporal en el fondo, y llevar ropa moderna”.⁷¹

En esta misma línea de pensamiento, reconoció que el entendimiento de sus escritos debería llevar en cuenta el público a que eran dirigidos.⁷² En sus palabras, ese era su propósito:

Quando comencé, el cristianismo se presentaba, ante la gran mayoría de mis compatriotas no creyentes, o bien en la forma altamente emocional ofrecida por los predicadores que recorrían el país predicando la fe, o en el lenguaje ininteligible de los clérigos altamente ilustrados. A la mayoría de los hombres no les llegaba ninguno de los dos. Mi tarea ha sido simplemente la de un traductor: explicar la doctrina cristiana, o lo que creía que era tal, en el *habla común*, que la gente no ilustrada pudiera comprender y al que pudiera prestar atención.⁷³

McGrath sigue afirmando a respecto de Lewis que él llegó a ser una voz de gran influencia entre los cristianos británicos y para la opinión pública de su sociedad de entonces, aunque, quizás por falta de tiempo, no se relacionaba tanto con figuras centrales de la iglesia o instituciones religiosas y por esa razón su actuación en la esfera pública era más desde los “márgenes” que del “centro” de la iglesia, razón por la cual, tal vez, algunos medios de opinión

⁶⁶ HOOPER, In: LEWIS, 2023, p. xiv.

⁶⁷ MCGRATH, 2022, p. 12-13.

⁶⁸ MCGRATH, 2002, p. 14.

⁶⁹ HOOPER, In: LEWIS, 2023, p. xiv.

⁷⁰ LEWIS, 2023, p. 83.

⁷¹ LEWIS, 2023, p. 78.

⁷² LEWIS, 2023, p. 172.

⁷³ LEWIS, 2023, p. 173.

deseosos de escuchar una perspectiva auténticamente cristiana fuera de las estructuras de poder de la iglesia apreciaran tanto la obra de Lewis.⁷⁴

En su actuación pública, afirma Hooper:

Hasta el más hábil de los incrédulos tenía problemas para enfrentarse a la formidable lógica y al inmenso saber de Lewis en el Club Socrático⁷⁵. Por otra parte, en sus artículos en “The Coventry Evening Telegraph” y en revistas populares, lo encontramos adaptando su lenguaje y su lógica a personas menos cultas. Piezas como «Religión y ciencia» y «El problema del señor "X"», con su lucidez y sus acertadas analogías, han desenmascarado muchas falacias populares sobre la supuesta oposición entre religión y ciencia y han ayudado a muchos a entender en qué consiste el cristianismo.⁷⁶

En este sentido, su labor como teólogo público influyó no solamente la sociedad o el público de su época, sino que también sigue teniendo efectos hasta los días actuales, como ya hemos visto en la primera parte de este segundo capítulo y aquí mencionamos también lo que afirma McGrath:

Conozco también muy bien el Oxford de Lewis. Estudié allí durante siete años, y después regresé para enseñar y escribir durante otros veinticinco, acabando como profesor de teología histórica y cabeza de un college. Como Lewis fui ateo de joven, antes de descubrir las riquezas intelectuales de la fe cristiana. Como Lewis, decidí expresar esa fe en la Iglesia de Inglaterra. Finalmente, me siento llamado con frecuencia a *defender públicamente la fe cristiana* contra sus críticos, y me he valido, a este fin, de las ideas y los enfoques de Lewis.⁷⁷

CONCLUSIÓN

Nuestra cuestión principal desde el principio, que incluso da título a este artículo, es si se puede considerar a C. S. Lewis como un teólogo público. Para eso, hemos hecho una breve introducción al tema de la Teología Pública haciendo primeramente un recorrido histórico sobre el origen y como ha evolucionado este tema en los últimos años, enfocándonos en el contexto brasileño pero relacionándolo también con el resto del mundo. Verificamos que es un asunto que va en creciente principalmente en los círculos académicos pero también alcanzando el público en general. Verificamos también que, especialmente en Brasil, fue un tema primeramente abordado desde una perspectiva protestante liberal o progresista, pero

⁷⁴ MCGRATH, 2022, p. 14.

⁷⁵ Fundado en 1941 en Oxford, el Club Socrático reunía aquellos que pensaban que había que discutir abiertamente tanto los pros como los contras del cristianismo. Lewis fue su presidente desde su fundación hasta que se fue a Cambridge en 1954. Las reuniones se celebraban (y se siguen celebrando) todos los lunes por la tarde en Term. Un lunes, un cristiano leía una ponencia, que era respondida por un no creyente; al lunes siguiente, un agnóstico o ateo leía una ponencia, que era a su vez respondida por un cristiano. A Lewis siempre le había gustado la «oposición racional», y el Club Socrático le sirvió de escenario perfecto para poner a prueba los puntos fuertes y débiles de su apologética (HOOPER, in: LEWIS, 2023, p. xiv-xv).

⁷⁶ HOOPER, In: LEWIS, 2023, p. xv.

⁷⁷ MCGRATH, 2022, p. 17. (Énfasis propia)

que hoy en día también es abordado desde una perspectiva protestante conservadora u ortodoxa. La misma realidad se puede ver en otras partes del mundo y si hablamos de España, por ejemplo, también en los círculos católico-académicos.

Posteriormente, buscamos conceptualizar lo que se quiere decir con Teología Pública y hemos verificado que ya fueron dadas diferentes definiciones al respecto y que no hay un consenso generalizado de manera que se queda relativamente dependiente del contexto y los enfoques en que se esté trabajando. Aun así, hemos señalado a dos líneas de definición dadas por dos especialistas protestantes en el tema. Por un lado, más progresista se verificó que la definición de Rudolf von Sinner enfatiza más el aspecto de “justicia social” o incluso una teología de la ciudadanía como Teología Pública. Por otro lado, más ortodoxo se verificó que la definición de Kevin Vanhoozer, sin dejar de prestigiar el aspecto de la Teología Pública como una teología que visa el bien común (social), está también preocupada en traer toda la cosmovisión cristiana que glorifica a Dios y trae plenitud de vida (en los moldes de Jesús) para todos los públicos en todos los lugares. “Teología Pública es una cuestión de la iglesia dar testimonio público de Jesucristo, la personificación de la vida en plenitud” y de la vida que glorifica a Dios.⁷⁸

Concluimos que la perspectiva de Vanhoozer parece la más coherente con una adecuada teología bíblica y que por lo tanto buenos teólogos públicos trabajarán para el bien del mundo, pero especialmente estarán en el mundo, como público de Dios, para dar publicidad a las obras de Dios a todos los públicos de manera que Dios sea glorificado y el hombre viva en plenitud de vida.

En el segundo capítulo hemos relacionado el concepto de Teología Pública que consideramos más apropiado con la vida y obra de C. S. Lewis. Para ello hemos empezado primeramente demostrando brevemente la relevancia de Lewis en su época y también en la actualidad y esto en las distintas ramas del cristianismo, sea en contextos más académicos o a nivel de la población en general. Constatamos que él fue y es un autor muy popular y que merece ser estudiado.

Posteriormente, con base en sus biógrafos, McGrath y Hooper, y en algunos de sus propios textos, encontramos que uno de los enfoques prioritarios de Lewis era precisamente permear la esfera pública con la cosmovisión cristiana ortodoxa. Verificamos que, con esta meta en vista, trabajó con ahínco utilizándose de lo que estaba a su alcance, desde charlas, programas radiofónicos, ensayos y libros de los más diferentes tipos, moviéndose en círculos diversos para alcanzar diferentes públicos. No solamente lo hizo, sino que también enseñaba y animaba a que otros cristianos, desde sus habilidades, capacidades y áreas de conocimiento, hicieran lo mismo.

En este sentido concluimos que no solamente Clive Staples Lewis puede ser considerado como un “mero cristiano laico” que hizo Teología Pública, sino que uno que debería ser considerado como un buen ejemplo de esta labor. De esta forma, el título-pregunta de este

⁷⁸ VANHOOZER, 2016, p. 41. (Traducción Propia).

trabajo, “¿C. S. Lewis como teólogo público?”, puede ser muy bien cambiado a un título-exclamación, “¡C. S. Lewis como teólogo público!”

BIBLIOGRAFIA

CARDITA, Ângelo. A teologia e o bem comum: esquisso de uma teologia pública. In: **Anais do 24º congresso internacional da Sociedade de teologia e ciências de religião (SOTER):** religião e educação para a cidadania. Belo Horizonte: Paulinas, 2011. p. 726-750. Disponible en: https://www.soter.org.br/imagens/download_imagem.php?arquivo=24.pdf-150621164827.pdf. Acceso en: 27 oct. 2023.

CAVALCANTE, Ronaldo; SINNER, Rudolf von; ZWETSCH, Roberto (orgs.). **Teologia pública em debate**. Coleção Teologia Pública. São Leopoldo: Sinodal, 2011. Vol. 1.

CAVALCANTE, Ronaldo. **A cidade e o gueto:** introdução a uma teologia pública protestante e o desafio do neofundamentalismo evangélico no Brasil. São Paulo: Fonte, 2010.

JACOBSEN, Eneida. **A teologia ancorada no mundo da vida e dialogicamente situada na esfera pública:** uma contribuição ao debate contemporâneo sobre teologia pública. 2011. 150 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS. Disponible en: <http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/simple-search?query=jacobsen>. Acceso en: 19 oct. 2023.

JOECKEL, Samuel. C. S. Lewis, Public Intellectual. In: **Sehnsucht: The C. S. Lewis Journal**, vol. 4, 2010. p. 43-66. Disponible en: <<https://www.jstor.org/stable/48580096>>. Acceso en: 26 oct. 2023.

KOOPMAN, Nico. Apontamentos sobre a teologia pública hoje. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v.22, p. 38-49, mai/ago. 2010. Disponible en: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/29/67>. Acceso en: 27 oct. 2023.

LEWIS, C. S. **Cautivado por la alegría**. Traducido por María Mercedes Lucini. Madrid: Encuentro, 2016.

LEWIS, C. S. **Dios en el banquillo:** ensayos sobre teología y ética. Traducido por Alejandro Pimentel, José Luís del Barco y Juan Carlos Martín Cobano. Tennessee: Grupo Nelson, 2023.

LEWIS, C. S. **El diablo propone un brindis:** y otros ensayos. Traducido por Juan Carlos Martín Cobano. Tennessee: Grupo Nelson, 2023.

LEWIS, C. S. **Las Crónicas de Narnia**. Volumen único. Traducido por Gemma Gallart y Grupo Scribere. Tennessee: Grupo Nelson, 2023.

MADUREIRA, Jonas. **Artesãos na casa de Deus:** as práticas do pastor-teólogo. Disponible en: <https://www.youtube.com/watch?v=GapDGurvfYY>. Acceso en: 18 de oct. 2023.

MARTY, Martin E. Reinhold Niebuhr: public theology and the american experience. **Journal of Religion**, The University of Chicago Press, v. 54, n. 4, p. 332-359, 1974. Disponible en: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/486401>. Acceso en: 27 oct. 2023

MCGRATH, Alister. **C. S. Lewis**: su biografía. 2.ed. Traducido por José Morales. Madrid: RIALP, 2022.

MEDINA, Gonzalo Villagrán. **Teología pública**: una voz para la iglesia en sociedades plurales. Madrid: PPC, 2016.

NETO, Cicero C. C. Esfera pública em Charles Taylor. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. p. 641-653. Disponible en: <http://anais.est.edu.br/index.php/congresso/article/view/277>. Acceso en: 18 de oct. 2023.

NEUHAUS, Richard John. C. S. Lewis in the public square. In: **First Things**, Dec. 1998. Disponible en: <https://www.firstthings.com/article/1998/12/002-c-s-lewis-in-the-public-square>. Acceso en: 26 oct. 2023.

PANOTTO, Nicolás. **Teología y espacio público**. Buenos Aires: GENRIP, 2015.

PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligorio (orgs.). **Teologia pública**: reflexões sobre uma área de conhecimento e sua cidadania acadêmica. São Paulo: Paulinas, 2011.

RENDERS, Helmut. “Inimigos do Mundo” e “Amigos' da Humanidade”: reconciliação, inimizade e amizade na teologia wesleyana como elementos para uma teologia pública. **Revista Caminhando**, São Paulo, v.5, n.2, p. 94-117, jul/dez. 2010. Disponible en: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/download/1923/2282>. Acceso en: 27 oct. 2023.

SINNER, Rudolf von. A presença das religiões no espaço público: uma análise crítica. **Confluências Culturais**, Joinville, v.2, n.1, p. 9-23, mar. 2013.

SINNER, Rudolf von. **Confiança e convivência**: reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

SINNER, Rudolf von. Teologia pública: novas abordagens numa perspectiva global. **Numen**, Juíz de Fora, v.13, n.1 e 2, p. 325-357, 2010. Disponible en: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21825/11883>. Acceso en: 27 oct. 2023.

SINNER, Rudolf von. Teologia pública no Brasil: um primeiro balanço. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, Ano 44, n.122, p. 11-28, jan/abr. 2012. Disponible en: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1589/1939>. Acceso en: 27 oct. 2023.

STOTT, John. **O cristão em uma sociedade não cristã**: como posicionar-se bíblicamente diante dos desafios contemporâneos. 4.ed. Traducido por Markus Hediger. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

SVENSSON, Manfred. **Más allá de la sensatez**: el pensamiento de C. S. Lewis. Barcelona: CLIE, 2011.

TRACY, David. Retrato social do teólogo - os três públicos da teologia: sociedade, academia, igreja. In: **A Imaginação Analógica**: a teoria e a cultura do pluralismo. São Leopoldo: Unissinos, 2006.

VANHOOZER, Kevin J.; STRACHAN, Owen. **O pastor como teólogo público**: recuperando uma visão perdida. Traducido por Marcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 2016.

VOLF, Miroslav. **Uma fé pública**: como o cristão pode contribuir para o bem comum. Traducido por Almiro Pissetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

ZABATIERO, Júlio P. T. **Para uma teologia pública**. 2.ed. São Paulo: Fonte, 2012.



Comunicações está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

A CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO POR MEIO DE NARRATIVAS

The constitution of the human being through narratives

Juliana Scheibner Dellafavera¹

RESUMO

Se for observado a história, percebe-se que as narrativas sempre desempenharam um papel primordial na conservação da cultura, na transmissão do conhecimento e na preservação da memória. Desde a antiguidade o homem tem usado o recurso da contação de histórias para propagar suas ideias, valores, tradições e experiências de geração em geração. Neste sentido, o presente trabalho apresentou um breve referencial teórico sobre a importância da linguagem e das narrativas na constituição do ser humano e na sequência apresentou o relato de uma experiência realizada nas aulas de Português Instrumental da Faculdade Batista Pioneira (FBP). Os acadêmicos desta instituição, os quais cursam o primeiro ano, foram desafiados a escolher uma narrativa bíblica e reescrevê-la a partir do ponto de vista de um dos personagens, usando narrador em primeira pessoa e, ao final deste trabalho, após alguns apontamentos que envolvem aspectos da linguagem e narrativas, tais textos são apresentados.

Palavras-chave: Narrativas bíblicas. Constituição do ser humano. Reescrita de narrativa.

ABSTRACT

If the history of humankind is observed, it is clear that narratives has always played a key role in conserving culture, transmitting knowledge and preserving memory. Since ancient times, man has used the resource of storytelling to spread his ideas, values, traditions and experiences from generation to generation. In this sense, the present article presented a brief theoretical reference on the importance of language and narratives in the

¹ Professora de Língua Portuguesa das redes municipal e particular de Ijuí e da Faculdade Batista Pioneira, Doutoranda em Educação nas Ciências pela Unijuí, Mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí, Licenciada em Letras Português e suas respectivas Literaturas pela Unijuí, Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira em Ijuí/RS. E-mail: juliana.dellafavera@gmail.com

constitution of the human being and then presented a report of an experience performed in the Instrumental Portuguese classes at Faculdade Batista Pioneira (FBP). The students of this institution, who are in the first year of the course, were challenged to choose a biblical narrative and rewrite it from the point of view of one of the characters, using a first-person narrator and, at the end of this work, after some notes involving aspects of language and narratives, these texts are presented.

Keywords: Biblical narratives. Constitution of the human being. Narrative rewriting.

INTRODUÇÃO

Grande parte dos livros da Bíblia são organizados a partir de narrativas. “Textos que contam histórias com personagens complexos, enredos fascinantes, finais surpreendentes”.² O próprio Jesus foi um exímio contador de histórias, ensinando os seus seguidores através de parábolas. Essa estratégia usada por Jesus não foi aleatória. Ele sabia do fascínio que um bom enredo exercia, e ainda exerce, sobre as pessoas.

Normalmente as narrativas apresentam conflitos e desafios enfrentados pelos personagens que encorajam os ouvintes ou leitores a refletirem sobre as suas próprias vidas. Sendo assim, as histórias influenciam as atitudes e o comportamento das pessoas. Os dilemas apresentados no enredo muitas vezes servem de modelos, inspirando mudanças e ações na realidade, além de moldar a visão de mundo dos que leem ou ouvem as narrativas. Neste sentido, elas desempenham um papel relevante na formação da humanidade.

Quando se trata da Bíblia, as narrativas vão muito além, elas são uma mensagem do coração de Deus para o coração do ser homem. Por isso elas causam tanto impacto na vida daqueles que entendem o plano de Deus para a humanidade. Neste sentido, o presente trabalho tem como intuito apresentar e descrever a importância da linguagem na constituição do ser humano, bem como a relevância das narrativas na sua formação. Na sequência será apresentada uma experiência de reescrita de narrativa bíblica realizada nas aulas de Português Instrumental nas turmas do 1º ano da Faculdade Batista Pioneira.

1. A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM NA CONSTITUIÇÃO DO SER HUMANO

A linguagem permeia todos os campos do conhecimento e é na e pela linguagem que os seres humanos se constituem como sujeitos. Mesmo que essa afirmativa já suponha um determinado entendimento do lugar da linguagem na vida humana, é ela que instiga a perguntar sobre as diferentes perspectivas que a linguagem adquiriu no decorrer do tempo.

Travaglia apresenta três possibilidades de conceber a linguagem: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como processo de interação. De acordo com o referido autor, para a concepção que entende a linguagem como “expressão do pensamento” o indivíduo representa o mundo através da linguagem, a qual tem como função refletir o pensamento e, conseqüentemente, seu

² LEONEL, João. As narrativas bíblicas nos ajudam a tomar decisões? **Revista Ultimato**. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/as-narrativas-biblicas-nos-ajudam-a-tomar-decisoes>. Acesso em: 21 set. 2023.

conhecimento de mundo. Sob esse entendimento, quando as pessoas não se expressam bem é porque não sabem organizar o pensamento. Os adeptos dessa forma de pensar acreditam que [...] “a expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução”.³

A enunciação é um ato monológico, individual, que não é afetado pelo outro nem pelas circunstâncias que constituem a situação social em que a enunciação acontece. As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual, e da capacidade de o homem organizar de maneira lógica seu pensamento dependerá a exteriorização desse pensamento por meio de uma linguagem articulada e organizada.⁴

Neste sentido, o autor destaca que se presume que existam normas que precisam ser seguidas para a organização coerente do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem. Na concepção que entende a linguagem como instrumento de comunicação a língua é apresentada como um código, ou seja, como um conjunto de símbolos que se convenciona segundo regras, e que é capaz de comunicar uma mensagem, informações de um emissor para um receptor. Esse código, por sua vez, deve ser dominado pelos falantes para que a comunicação possa ser concretizada. Como a língua, que é o código, é um ato social, envolvendo pelo menos duas pessoas, é necessário que esta seja utilizada de maneira semelhante, preestabelecida, convenciona para que a comunicação se concretize. Neste caso, a principal função da linguagem é a transmissão de informações.⁵

Travaglia afirma que essa concepção [...] “levou ao estudo da língua enquanto código virtual, isolado de sua utilização”.⁶ Isso permitiu que os interlocutores e o contexto fossem desconsiderados. Em outras palavras, afastou o sujeito do processo de produção do que é social e histórico na língua. Para o referido autor, essa é uma visão monológica e imanente da língua, que a analisa segundo um ponto de vista formalista – que restringe esse estudo ao funcionamento interno da língua – e que a afasta do homem no seu contexto social. Essa concepção entende que o falante tem em sua mente uma mensagem a transmitir a um ouvinte, ou seja, as informações que devem chegar ao outro. Para isso, [...] “ele a coloca em código (codificação) e a remete para o outro através de um canal (ondas sonoras). O outro recebe os sinais codificados e os transforma de novo em mensagem (informações). É a decodificação”.⁷

Para se inserir no mundo humano, o homem⁸ precisa incorporar as características que o diferenciam das demais espécies. De acordo com Boufleuer⁹, isso significa que, para se

³ TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação**: uma proposta para o ensino de gramática. São Paulo: Cortez, 1995, p. 21.

⁴ TRAVAGLIA, 1995, p. 21.

⁵ TRAVAGLIA, 1995.

⁶ TRAVAGLIA, 1995, p. 22.

⁷ TRAVAGLIA, 1995, p. 22-23.

⁸ Neste trabalho a expressão homem diz respeito ao ser humano e não envolve questões de gênero, quando tiver tal conotação será indicado.

⁹ BOUFLEUER, José Pedro. O Paradigma da Comunicação e a Re-Configuração do Espaço Pedagógico. Texto publicado em: TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete M. (orgs.). **Cultura e alteridade**: confluências. Ijuí: Unijuí, 2006, p. 303-319.

estabelecer como sujeito do tempo atual, cada indivíduo precisa incorporar a experiência histórica da espécie humana através da aprendizagem. Essa aprendizagem acontece porque existem gerações anteriores que já aprenderam, ou seja, ela ocorre como seguimento de uma geração para outra, apesar de não acontecer sob a forma de simples repetição. Cada geração irá aprender em perspectiva própria. Essa possibilidade do ser humano aprender se deve ao desenvolvimento de uma competência pedagógica. E é por isso que se pode afirmar que o ser humano faz parte de uma espécie que se constitui pedagogicamente. O homem distingue-se pela capacidade de se expressar pela linguagem, diferenciando os seus atos das outras espécies, permitindo que ele atribua significado a suas ações.

A linguagem é uma característica essencialmente humana. Entre as peculiaridades que a envolvem está a troca, o diálogo, ou seja, a interação entre locutor e interlocutor. Este recria a realidade através da representação feita por aquele. Quem fala faz surgir por meio do discurso um acontecimento e quem ouve reproduz esse acontecimento à luz da sua própria experiência.

Numa terceira perspectiva compreende-se a linguagem como forma de interação, de ação no mundo. Nessa concepção o sujeito não usa a língua unicamente para traduzir e externar um pensamento, ou transmitir informações a outra pessoa, mas, sim, para realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor. A linguagem é um espaço de interação humana, de influência mútua pela produção de efeitos de sentido entre os interlocutores, [...] “em uma determinada situação comunicativa e em um contexto sócio-histórico e ideológico”.¹⁰ Os interlocutores interagem enquanto sujeitos ocupantes de um lugar social, estes por sua vez falam e ouvem desses espaços em conformidade com as formações imaginárias (imagens) que a sociedade organizou para tais lugares sociais. Neste sentido, entende-se que a linguagem não é um sistema abstrato, nem monológica, mas é [...] “um fenômeno social da interação verbal”¹¹, a qual constitui a realidade essencial da linguagem, que é caracterizada pelo diálogo.

Nesta concepção, a linguagem é vista como lugar de interação que possibilita aos interlocutores de um ato comunicativo o estabelecimento de vínculos e compromissos que até então eram inexistentes. Deve-se notar que a linguagem constitui o mundo e a vida sociocultural do ser humano, ao mesmo tempo em que reflete a forma como as pessoas de uma sociedade se relacionam.

À luz dessa concepção de linguagem, o contador de histórias e o leitor/ouvinte são sujeitos que se constituem frente a frente, em um processo ininterrupto de [...] “conhecimento de si pelo reconhecimento do outro, em um movimento de alteridade”.¹² Esta constituição do sujeito só é possível na e pela linguagem. Deste modo, observa-se o caráter dialógico próprio da linguagem humana, condicionado pelo cruzamento de ações: o falante age sobre o ouvinte e vice-versa. Entretanto, para que o significado seja apreendido dentro de uma determinada situação comunicativa não basta que dois seres racionais estejam frente

¹⁰ TRAVAGLIA, 1995, p. 23.

¹¹ TRAVAGLIA, 1995, p. 23.

¹² BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1991, p. 287.

a frente. É preciso que eles estejam socialmente organizados e pertençam a uma mesma comunidade linguística e não apenas isso, faz-se necessária a cooperação, ou seja, ambos devem estar interessados na conversação. Na sequência será analisado como as narrativas ajudam na formação do ser humano.

2. AS NARRATIVAS COMO UM MEIO DE FORMAÇÃO DO SER HUMANO

Todas as pessoas, independentemente da idade, gostam de ouvir uma boa história. Isso não é por acaso. As narrativas exercem um fascínio sobre o ser humano desde os tempos mais remotos. Motta destaca que as narrativas ajudam a entender o sentido da vida “porque elas permeiam toda a nossa existência”.¹³ Logo, “estudá-las é refletir sobre o significado da experiência humana”. O referido autor destaca que através das histórias é possível entender melhor o ser humano na sua complexidade, formar a própria identidade e compreender como o sujeito se constitui no mundo humano.

Em uma perspectiva bíblica, Leonel destaca que “as narrativas da Bíblia têm como objetivo explícito atuar no processo de formação do ser humano. Elas não são escritas para que contemplemos apenas sua refinada estética”. O mesmo autor também aponta que “elas não chegam até nós unicamente para que as admiremos. Não. Elas são agudas, certeiras, tocam em nossa vida e querem transformá-la”.

Para ilustrar, Leonel apresenta a história de Caim e Abel:

Lembremos a resposta de Caim a Deus, quando perguntado pelo paradeiro de Abel: “Não sei; sou eu o responsável pelo meu irmão?” (Gn 4.9 - NVI). Responder à pergunta de Deus com outra pergunta é uma forma de fugir da resposta. Mais do que isso. É responder questionando. Caim havia assassinado o irmão. Agora, diz não saber dele. Com isso, “não ser responsável pelo irmão” implica liberdade para tratá-lo como bem quiser. Afinal, Caim não responde por Abel. Se não é responsabilidade de Caim cuidar do irmão, de quem é? Essa pergunta implícita contida na pergunta explícita aponta para a resposta. Sim, Deus é o responsável por Abel. Portanto, deixando o papel de acusado, Caim se torna acusador. Onde você, Deus, estava que não viu e não me impediu de matar meu irmão?¹⁴

O referido autor destaca que é possível reconhecer nessa história a história de todos.

O texto nos questiona se o estado em que o mundo se encontra não é consequência de nossa negativa a respeito do cuidado com o próximo, da falta de exercício de alteridade. E, o que é pior, o texto nos acusa de atribuímos indiretamente a Deus, que não impede que assassinatos e males sejam perpetrados, a culpa pelo atual estado das coisas.¹⁵

Neste sentido, entende-se que ao se identificar com os personagens e refletir sobre as suas escolhas, a formação moral do leitor/ouvinte é influenciada. Isso ajuda a formar a identidade do sujeito, desenvolvendo nele um entendimento mais profundo da diversidade

¹³ MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

¹⁴ LEONEL, 2023.

¹⁵ LEONEL, 2023.

humana e contribui para a formação de cidadãos mais compassivos. Ao se deparar com os enredos das narrativas, as pessoas podem encontrar elementos de suas próprias experiências e identidades, permitindo uma reflexão sobre suas próprias crenças, desejos e valores. Além disso, as narrativas tornam o aprendizado mais atrativo, cativando a atenção e facilitando a retenção do conteúdo. Em Deuteronômios 6 é possível observar a importância de obedecer às instruções dadas por Deus e um dos conselhos dados por Moisés neste texto é que o povo deveria guardar no coração as palavras do Senhor. Para que elas não se perdessem com o passar do tempo, uma das estratégias era ensinar as gerações mais novas através dos relatos do que Deus havia feito. Neste contexto entram as narrativas e o importante papel que elas exerceram para que a história da redenção fosse preservada.

Gancho afirma que toda narrativa possui elementos fundamentais que são fáceis de serem identificados por qualquer pessoa, justamente porque desde a infância estamos acostumados a ouvir histórias. “Narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde a sua origem”.¹⁶ Neste sentido, de acordo com a autora, toda narrativa possui os seguintes elementos: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Cada um desses elementos tem a sua função dentro da história e é importante para que o leitor compreenda o desenvolvimento da história.

Além disso, é importante ressaltar que o enredo possui momentos que também são fundamentais para o desenrolar dos fatos, a saber: 1) a situação inicial é aquela que apresenta os personagens em sua vida normal, antes de começarem os eventos que promoverão uma reviravolta na história; 2) o conflito apresenta a sequência dos fatos; 3) depois de estabelecido, o conflito atinge seu ponto máximo, o momento de maior tensão na história, chamado de clímax. Este momento encaminha a narrativa para o seu final; 4) por fim, o desfecho apresenta a resolução do conflito. Às vezes o final da narrativa pode surpreender o leitor, contrariando as suas expectativas. Na próxima seção vamos acompanhar a reescrita de uma narrativa.

3. REESCRITA DE NARRATIVAS BÍBLICAS

A Bíblia é um livro repleto de narrativas desde a criação do mundo até a redenção do homem pecador. Atualmente existem muitos trabalhos sendo realizados que têm como objetivo recontar as narrativas bíblicas a partir de uma linguagem mais atualizada, focando na visão de personagens que muitas vezes passam despercebidos durante a leitura. Como exemplo podemos citar o programa (que já foi publicado em livro) da Rádio TransMundial (RTM) que conta a história de personagens bíblicos de forma narrativa, a partir de informações contidas na Bíblia e em pesquisas relacionadas. “Quando a Bíblia não fornece detalhes, os narradores constroem a narrativa colocando-se no lugar das personagens a partir dos sentimentos comuns aos seres humanos”.¹⁷ A intenção desse programa, bem como do livro, é que o leitor/ouvinte se encontre ao abrir a janela para as personagens da Bíblia.

¹⁶ GANCHO, Villares Cândida. **Como analisar narrativas**. 9.ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 6.

¹⁷ ESPELHO na janela. Disponível em: <https://www.rtmbrazil.org.br/radio/programas/espelho-na-janela/pagina/1>. Acesso em: 28 set. 2023.

Outro trabalho que tem tido muita repercussão é a série “The Chosen: os escolhidos” que reconta a trajetória de Jesus a partir do ponto de vista dos seus seguidores. Diferente de outras produções que apresentam o mestre de forma mais séria e rígida, nesta obra cinematográfica Jesus ri, brinca, dança, tem senso de humor e é uma pessoa agradável, com o qual todos querem conviver.

Caldas explica que ao se fazer uma adaptação do texto bíblico para o cinema ou televisão é natural que os roteiristas imaginem diálogos e situações que não constam nos textos originais, uma vez que “as narrativas bíblicas são extremamente sucintas e lacônicas, o que faz com que seja literalmente impossível transpô-las “como estão” para cinema ou televisão”.¹⁸ Isso não significa que heresias serão criadas, pelo contrário, manter-se fiel à história original é fundamental para que se possa levar a mensagem divina àqueles que estão com o coração aberto.

Tendo essa mesma perspectiva, os acadêmicos do primeiro ano, da Faculdade Batista Pioneira, que participam das aulas de Português Instrumental, foram desafiados a reescrever uma narrativa bíblica a partir do viés de um dos personagens, imaginando o que este viu e sentiu durante o fato narrado, sem fugir do contexto bíblico. Para tanto, os acadêmicos foram provocados a realizar pesquisas sobre o contexto da época e relacionar com as informações bíblicas. Sendo assim, na sequência será apresentada a reescrita da narrativa na perspectiva de Eva no relato da criação e da queda da humanidade, escrito pela acadêmica Bárbara Strey Wagner, no ano de 2022:

Banida do Éden, vestindo roupas de peles de animais. Meu marido magoado comigo e eu a caminho de me tornar mãe do primeiro filho assassinado – e também do primeiro assassino. Eu estava deprimida. Sozinha. Derrotada. Um fracasso. Para você entender, vamos voltar um pouco na história...

Como era antes de mim

Você já deve ter imaginado como seria se criasse tudo. Já deve ter pensado como seria se fosse o Criador de tudo. Mas será que já se colocou no meu lugar, apesar de ter pecado comigo? Quando Deus criou o homem, ele estava refletindo a si mesmo, o próprio Deus. O homem dominaria os animais de todos os cantos e sobre onde quer que eles estivessem. Era a sua imagem. Eu era a sua imagem, sem nem ter sido criada ainda.

Era tudo bom: o dia, a noite, o firmamento e a água, os luminares, os seres vivos de todos os tipos. Tudo era bom e ele nos abençoou com tudo isso. Sim, Ele nos deu o paraíso. Frutificaríamos e multiplicaríamos sobre a terra por Ele criada. Seríamos alimentados e sustentados por tudo aquilo que foi criado. Assim, tudo era bom.

¹⁸ CALDAS, Carlos. O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos tocaram... The Chosen (Primeira temporada). **Revista Ultimo**. Disponível em: <https://www.ultimo.com.br/conteudo/o-que-ouvimos-o-que-vimos-com-nossos-olhos-o-que-contemplamos-e-nossas-maos-tocaram-the-chosen-primeira-temporada/2>. Acesso em: 2 out. 2023.

Deus, tão majestoso e criativo, formou ele, o homem, do pó da terra. Então, Ele simplesmente soprou em suas narinas o fôlego da vida. O momento, imagino eu, deve ter sido um dos mais belos. Ele respirou. Ele se moveu, se levantou. Ele olhou para tudo. Ele era formoso, belo, um ar de proteção e força. Era irresistível. O Senhor o colocou no Jardim do Éden para cuidar e cultivá-lo. Era a mais nobre função aos meus olhos. Aquele lugar era perfeito, como já disse. Havia um frescor indescritível, frutos de todos os tipos, águas cristalinas e refrescantes. Não sentíamos falta de nada.

Porém, além da liberdade havia a obediência. O Senhor Deus disse ao homem que ele poderia comer livremente naquele jardim, exceto da árvore do conhecimento do bem e do mal. Ele me contou isso depois. Disse também que se um dia a gente comesse, certamente morreríamos. Não tive medo. Nem entendi direito o que a morte queria dizer. Assim, não me preocupei, Adão cuidaria de mim. De nós.

Tudo era e estava perfeito. Adão havia colocado nome nos animais, cuidava deles, se alimentava e ao fim do dia ele se sentava com Deus para conversar. Que plenitude! Todavia, havia algo de errado: Adão estava só. Eu ainda não havia sido formada. Mas, como tudo foi planejado, este momento não seria diferente. Todos os animais e seres tinham seus pares e eu seria formada para auxiliar e corresponder ao homem.

Como era comigo

Adão caiu em um sono profundo e o Senhor o perfurou pela lateral de seu corpo, tomou uma das suas costelas, colocando carne no lugar. Que cirurgia! E sim, eu fui formada da costela de meu marido. Esplêndido, não é mesmo? Só não mais do que o momento seguinte em que o vi. Vi ao meu Senhor. Poderoso, magnífico, esplendoroso e muito mais. Me senti completa por ter sido criada por Ele e para Ele.

Em seguida, fui levada pelo Senhor a ele. Aquele momento foi igualmente mágico. Nossos olhos se encontraram e brilharam, caminhamos em direção ao outro estando nus e, neste instante, eu quis que o tempo congelasse. A primeira cantada da história foi para mim: “osso dos meus ossos, e carne da minha carne”. O ar quase parou de correr pelos meus pulmões. Eu fui chamada mulher, havendo um jogo de palavras em sua fala, afinal, fui tirada do homem. Por esta razão, por esta união, o homem deixará seu lar e se unirá à mulher. Não havia vergonha em nossos olhares e parecia que nos conhecíamos a tempos.

Bem, eu disse que era tudo tão perfeito, pois era. Exatamente, no passado. Em um dia normal, fui ajudar Adão; contemplei a beleza do jardim; conversei com os animais; comi algumas frutas; retornei ao riacho para nadar. Cantamos com o Senhor uma linda música para Sua honra e glória, com um contraste incrível da voz profunda de Adão e a suavidade na minha, como pluma. Agradecemos ao Senhor pela sua bondade e harmonia que havia entre nós e depois fui passear pelo campo até me sentar em uma bela sombra perto do meio do Éden. Até que, do nada, ela falou comigo. Uma voz que nunca tinha ouvido antes, que foi totalmente estranha aos meus ouvidos. Procurei no chão, procurei ao meu lado, no céu e nada. Não fiquei com medo, então não chamei por Adão.

Quando olhei em direção à árvore do conhecimento, a vi. Ela me viu. Bela, formosa, comprida e com suas patas apoiadas na árvore. Aquele árvore. Ela falou diretamente comigo. Fiquei confusa, mas me senti importante. Então, ela começou a falar: “Foi isto mesmo que

Deus te falou: ‘Não comam de nenhum fruto das árvores do jardim?’”. Não era óbvio? Ela estava na ÚNICA árvore que não se podia nem se quer encostar – eu acho. Eu tinha que explicar para ela. “Podemos comer do fruto das árvores do jardim” eu disse, “mas Deus explicou: ‘Não comam do fruto da árvore que está no meio do jardim, nem toquem nele, do contrário vocês morrerão’. Neste momento ela estava avisada. Eu avisei. Então, nosso diálogo continuou e eu simplesmente me esqueci de Adão e de Deus.

A serpente me fez perguntas – perguntas nas quais eu nunca havia pensado antes – e me ofereceu coisas que nunca desejei, mas, de repente, me vi desejando. Vocês não acreditam no que ela me disse. Ela falou que não morreríamos! Ela ainda continuou falando que seríamos como Deus! Que divino?! Não! Não mesmo! Eu deveria naquele momento ter corrido para o meu marido contar a novidade, ou melhor, a mentira. De repente, sem que eu pudesse controlar, já não via mais a serpente. Meus olhos fitaram a árvore, o fruto. Parecia tão certo. Ele era agradável ao paladar sem eu nem sequer pegá-lo e colocá-lo em minha boca. Era atraente, quase irresistível. Eu o desejei. Mal sabia o quão enrascada eu já estava.

Escutei os passos de Adão, mas não olhei para ele. Meus olhos não se desviaram do meu desejo. Cheguei mais próxima da árvore. Eu o peguei. Eu o olhei ainda mais perto. Meus dedos correram por seu formato. Senti a textura. Mordi.

Por segundos eu senti o prazer, o gozo, o ápice da nostalgia que aquele momento poderia me proporcionar. Dei o fruto a Adão. Ele fez o mesmo que eu, sem pensar duas vezes. Queria tanto poder voltar para o instante anterior. Para o momento em que eu ouvi a voz e não conheci. Aquela voz não era minha, não era de Adão e muito menos do meu amado Senhor.

Como foi depois de mim

Então, meus olhos se abriram, como se uma venda tivesse sido desamarrada da minha cabeça. Minha cabeça estava girando. Quando as coisas começaram a mudar? O dia tinha começado tão perfeito como qualquer outro. Nos tornamos como Ele: conhecedores do bem e do mal. De um extremo para o outro. Da liberdade para a prisão. Subindo. Caindo. Confiante. Temerosa. Envergonhada. Suja. Em harmonia. Totalmente perdida. Enganada. Sozinha. Saímos correndo em direção a algumas folhas de figueira. Estávamos nus e precisávamos nos cobrir. O porquê? Não sei, apenas fiz. No mesmo momento ouvi os passos do Senhor e logo me perguntei “onde cargas d’água Ele estava que não nos socorreu antes?”

Ele nos chamou. Não respondemos. Ele insistiu. Não conseguimos ficar escondidos. Adão respondeu sobre a nossa vergonha e medo em estarmos nus. Com isso Ele nos perguntou quem disse que estávamos nus. Eu não soube responder. Ele, então, fez a pergunta que eu realmente não queria responder: “Você comeu do fruto da árvore da qual eu lhe proibi de comer?” Antes de qualquer coisa, Adão respondeu: “Foi a mulher que me deste por companheira que me deu o fruto da árvore e eu comi”. Como ele ousa me acusar desta forma? Eu fiquei irada, frustrada, ofendida e não sei mais como descrever o pesar que me invadiu. Meu marido me deu uma facada nas costas. A responsabilidade era dele de cuidar de mim e de nós. Se ele estivesse comigo, teria intervindo quando a serpente começou a me seduzir e nada disso teria acontecido.

O Senhor me perguntou se eu tinha mesmo feito isso, e eu não pude deixar de me defender. Então, joguei a culpa na verdadeira mentirosa: “A serpente que me enganou” - eu disse. Ele se virou para a serpente que estava assistindo tudo - eu nem havia percebido que ela ainda estava ali - e declarou que ela era maldita entre todos os animais domésticos e selvagens, que ela rastejaria sobre seu ventre até seus últimos dias e seria minha inimiga e dos meus descendentes, eu a pisaria na cabeça e ela feriria meu calcanhar. Que pesadas palavras. Mas ela mereceu e eu estava satisfeita com isso. Até que Ele se direcionou a mim.

Deus declarou: “multiplicarei grandemente o seu sofrimento na gravidez; com sofrimento você dará à luz filhos; seu desejo será para o seu marido e ele a dominará”. Doeu. Como nunca doeu antes. Meu criador, Senhor, protetor, poderoso e amoroso Deus me castigou. A minha alegria que estava na maternidade agora seria baseada em sofrer. O quão distante eu me senti dEle, não podia ser descrito. Eu estava devastada. Ele continuou e declarou a Adão, dizendo que a terra seria maldita por conta da atitude dele em me ouvir. Disse também que seu trabalho, que era pleno e tranquilo, se tornaria um pesar, com suor ele colheria o pão para o alimento. E para nós seria o fim: do pó viemos e a ele retornaremos. Adão me chamou de Eva pela primeira vez, me puxou para mais perto dele. Sentamos abraçados e choramos como nunca. Enquanto isso, nosso Senhor ainda cuidava de nós. Ele fez roupas para nós. Nós não merecíamos. Mas o que merecíamos também aconteceu: fomos expulsos do jardim.

Eu estava mais perdida ainda. Para onde iríamos? O que faríamos? Ah, quão difícil foi caminhar com Adão. Permanecer viva foi uma luta. Com tanto sofrimento lembrar do paraíso se tornou difícil. Eu continuo desejando voltar. Voltar ao instante em que eu vi e desejei aquela fruta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto nos pontos um e dois deste escrito, observou-se que o ser humano se constitui como sujeito através da linguagem. Esta possui três concepções diferentes, a saber: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como processo de interação. Cada um desses entendimentos apresenta uma teoria acerca da constituição do sujeito. Além disso, o homem também é influenciado pelas narrativas que ouve durante a sua vida. Quando uma boa história é contada, ela desperta a atenção das pessoas e ao se identificar com os personagens e refletir sobre as suas escolhas, a formação moral do leitor/ouvinte é influenciada. Isso ajuda a formar a identidade do sujeito, desenvolvendo nele um entendimento mais profundo da diversidade humana, contribuindo para a formação de cidadãos mais compassivos.

Tendo tais destaques acima em mente, o presente trabalho teve como objetivo relatar uma experiência realizada nas aulas de Português Instrumental da Faculdade Batista Pioneira. Os acadêmicos do primeiro ano foram desafiados a escolher uma narrativa bíblica e reescrevê-la a partir do ponto de vista de um dos personagens, usando narrador em primeira pessoa. Essa experiência possibilitou repensar a história escolhida, colocando-se no lugar de um dos personagens a partir dos sentimentos comuns a todos os seres humanos, não fugindo do contexto bíblico em momento algum. Assim, foi possível entender que as narrativas fazem

parte do processo de constituição do ser humano e que elas são uma poderosa forma de atrair e cativar a atenção dos mais diversos públicos.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 1991.

BOUFLEUER, José Pedro. O Paradigma da Comunicação e a Re-Configuração do Espaço Pedagógico. In. TREVISAN, Amarildo Luiz; TOMAZETTI, Elisete M. (orgs.). **Cultura e alteridade: confluências**. Ijuí: Unijuí, 2006.

CALDAS, Carlos. O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos tocaram... The Chosen (Primeira temporada). **Revista Ultimato**. Março/2023. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/o-que-ouvimos-o-que-vimos-com-nossos-olhos-o-que-contemplamos-e-nossas-maos-tocaram-the-chosen-primeira-temporada/2>. Acesso em: 2 out. 2023.

GANCHO, Villares Cândida. **Como analisar narrativas**. 9.ed. São Paulo: Ática, 2006.

LEONEL, João. As narrativas bíblicas nos ajudam a tomar decisões? Agosto/2017. **Revista Ultimato**. Disponível em: <https://www.ultimato.com.br/conteudo/as-narrativas-biblicas-nos-ajudam-a-tomar-decisoes>. Acesso em: 21 set. 2023.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 1995.